MAHAYANA CRISTINA GODOY

IDIOSSINCRASIAS DO PROCESSAMENTO DE PRONOMES PLURAIS

CAMPINAS
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

MAHAYANA CRISTINA GODOY

IDIOSSINCRASIAS DO PROCESSAMENTO DE PRONOMES PLURAIS

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Edson Françozo

Campinas
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

G548i

Godoy, Mahayana Cristina, 1985-
Idiossincrasias do processamento de pronomes plurais / Mahayana Cristina Godoy. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Edson Françozo.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Referência (Linguística). 2. Língua portuguesa - Pronomes. I. Françozo, Edson,1951-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Idiosyncrasies of processing plural pronouns
Palavras-chave em inglês:
Reference (Linguistics)
Portuguese language - Pronouns

Área de concentração: Linguística
Titulação: Doutora em Linguística
Banca examinadora:
Edson Françozo [Orientador]
Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
Aline Alves Fonseca
Elisângela Nogueira Teixeira
Renato Miguel Basso
Data de defesa: 13-03-2014
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Edson Françozo

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Aline Alves Fonseca

Elisângela Nogueira Teixeira

Renato Miguel Basso

Ricardo Augusto de Souza

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Rui Rothe-Neves

IEL/UNICAMP
2014

Resumo

Tradicionalmente, o estudo do processamento das expressões pronominais sempre partiu do pressuposto de que o processador, ao ser confrontado com um pronome, inicia uma busca imediata por um antecedente. Esse ponto de vista guiou boa parte dos vários estudos sobre pronomes singulares (e.g., Arnold *et al*., 2000; Sturt, 2003) e, também, os poucos estudos feitos sobre o processamento de pronomes plurais (e.g., Oakhill *et al*., 1992). Nesse trabalho, apresentamos casos de pronomes plurais não-anafóricos que desafiam essa visão incremental, como em "Alice gostava de comer carne, e eles faziam uma picanha suculenta na churrascaria do Leblon". Nesse caso, só é possível alcançar a referência do pronome plural ao final da sentença, quando se chega à expressão "churrascaria do Leblon". Esses casos nos levam a questionar (i) se pronomes plurais, assim como os singulares, se ligam imediatamente a um antecedente provido pelo contexto; (ii) se o processamento de pronomes plurais depende de um antecedente explícito ou inferível no contexto para que possa ocorrer sem custos cognitivos adicionais.

Em um primeiro experimento de leitura feito por meio de rastreamento ocular, testamos com que rapidez pronomes plurais e singulares constroem uma relação correferencial com um antecedente explícito no contexto anterior. Os resultados indicam que pronomes singulares estabelecem uma relação imediata de correferência, e a revogação essa relação implica custo cognitivo comparativamente a contextos em que a correferência é mantida. Pronomes plurais, por outro lado, parecem não se ligar de imediato com seu suposto antecedente, o que faz com que situações de revogação de correferência não resultem em um custo adicional de processamento. Em um segundo experimento, testamos quão necessários são esses antecedentes para que pronomes plurais e singulares sejam lidos sem custo adicional. Pronomes singulares que não tinham um antecedente explícito no contexto anterior levaram a um maior tempo de leitura do que pronomes singulares que mantinham relação de correferência com um antecedente. Por outro lado, pronomes plurais sem antecedente não foram cognitivamente mais custosos em comparação a pronomes plurais que contavam com um antecedente explícito no contexto.

Levando em conta os processos de resolução pronominal, concluímos que nossos resultados não corroboram o pressuposto de que pronomes plurais e singulares sigam a mesma estratégia de resolução. Como pronomes plurais tendem a depender de informações apresentadas posteriormente no texto, sua resolução pode ser adiada sem acarretar custo processual. Além disso, como nossos dados sugerem que pronomes plurais podem permanecer sem resolução por um período de tempo, os resultados descritos parecem indicar que o processamento linguístico pode se pautar por representações superficiais do input linguístico em algumas situações específicas.

Abstract

The study of pronoun resolution has traditionally relied on the presupposition that the parser starts searching for an antecedent as soon as it is confronted with a pronoun. This view has guided most of the large amount of work on the processing of singular pronouns (e.g. Arnold *et al*., 2000; Sturt, 2003) as well as the scarce work that has been done on the resolution of plural pronouns (e.g., Oakhill *et al*., 1992). Here, we study some occurrences of plural pronouns that seem to defy such an incremental view, as in "Alice used to eat beef everyday, and they usually prepared a delicious New York strip at the steakhouse". In this text, a referent for the plural pronoun "they" is inferred through the locative "at the steakhouse", but it is not until the end of the sentence that the reader has this information. These observations raise the questions of (i) whether plural pronouns create an immediate co-referential relation with a possible antecedent and (ii) whether processing plural pronouns really requires an antecedent by the time these expressions are read.

In an eye-tracker experiment, we tested how quickly singular and plural pronouns build a co-referential link with a referent that was explicit in a previous sentence. Our results show that singular pronouns are immediately read as co-referential to their antecedent, and canceling this co-reference evokes a greater cost in comparison to situations in which the co-reference is kept through the whole sentence. On the other hand, plural pronouns does not seem to create such an immediate relation with its supposed antecedent, and canceling the co-reference does not result in extra processing cost. In a self-paced reading task, we tested how crucial it was for the processing of plural and singular pronouns that these expressions had an antecedent. Singular pronouns with no antecedent showed greater reading times in comparison to pronouns that had an antecedent. Reading times for plural pronouns were the same regardless of the presence of an antecedent.

From the perspective of pronoun processing, we can conclude that the results described above do not fit the presupposition that singular and plural pronoun processing follow the same resolution strategy. Because plural pronouns may depend on information presented later in the discourse, its resolution may be delayed without causing extra processing cost. Furthermore, because our data suggest that plural pronouns may continue unresolved, these results may also be interpreted as evidence that language processing, in specific situations, may rely on superficial representations of discourse structure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 21

CAPÍTULO 1

SOBRE OS USOS DOS PRONOMES PLURAIS DE TERCEIRA PESSOA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO 27

1. PRONOME DE TERCEIRA PESSOA PLURAL E OS CASOS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO 27
2. LEITURAS EXISTENCIAIS DOS SUJEITOS INDETERMINADOS 30
3. LEITURAS UNIVERSAIS E COORPORATIVAS DE PRONOMES PLURAIS NÃO-ANAFÓRICOS 31
4. SUJEITOS INDETERMINADOS E USO DO PRONOME PLURAL EM PB 38
5. PROCESSAMENTO PRONOMINAL E OS CASOS DE PRONOMES NÃO-ANAFÓRICOS: NOVOS CAMINHOS DE PESQUISA 42

CAPÍTULO 2

PROCESSAMENTO DE PRONOMES PLURAIS DE TERCEIRA PESSOA 47

1. O PROCESSAMENTO DE PRONOMES PLURAIS CORREFERENCIAIS 48
2. O PROCESSAMENTO DE PRONOMES PLURAIS E SINGULARES SEM ANTECEDENTES EXPLÍCITOS 51
3. HIPÓTESES 53
3. GANHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS ADVINDOS DO ESTUDO DOS PRONOMES NÃO-ANAFÓRICOS 56

CAPÍTULO 3

O PROCESSAMENTO DA FRUSTRAÇÃO DE CORREFERÊNCIA 63

1. MATERIAIS 65
2. MÉTODOS 67
3. ANÁLISE 68
4. DISCUSSÃO 72

CAPÍTULO 4

O PROCESSAMENTO DE PRONOMES NÃO-ANAFÓRICOS 75

1. MATERIAIS 76
2. MÉTODOS 80
3. ANÁLISE 81
4. DISCUSSÃO 84

CONSIDERAÇÕES FINAIS 87

REFERÊNCIAS 93

ANEXO 1

EXPERIMENTO 1 101

DISTRATORES DO EXPERIMENTO 1 **106**
EXPERIMENTO 2 **111**
DISTRATORES DO EXPERIMENTO 2 **130**

ANEXO 2

HISTOGRAMAS DOS DADOS DO EXPERIMENTO 1 E EXPERIMENTO 2 **141**

Agradecimentos

À FAPESP e ao CNPq, pelas bolsas concedidas para a realização dessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Edson Françozo, pela orientação ao longo de todos esses anos.

Ao Prof. Dr. Colin Phillips e à Profa. Dra. Ellen Lau, por terem me recebido na Universidade de Maryland durante meu estágio de doutorado sanduíche, período fundamental para o desenvolvimento dessa tese.

À Profa. Dra. Maria Luiza Cunha Lima, não apenas pelas contribuições importantes ao trabalho, mas pela calorosa acolhida em Belo Horizonte.

Ao Prof. Dr. Pablo Arantes e ao Marcus, grandes responsáveis por eu não ter recorrido ao Excel para fazer os gráficos e as análises dessa tese.

Ao Prof. Dr. Renato Miguel Basso, ao Prof. Dr. Luisandro Mendes e ao Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde pelos comentários durante minha primeira qualificação.

À Prof[a.] Dr[a.] Elisângela Nogueira Teixeira e à Prof[a.] Dr[a.] Aline Alves Fonseca, pelas contribuições valiosas durante a banca de qualificação da tese.

Aos professores que prontamente aceitaram participar da banca de defesa.

Aos professores e funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem, com quem tive o prazer de aprender e conviver ao longo dos onze anos em que estive na Unicamp.

À Beatriz e à Julia, por todo o trabalho que me ajudaram a desenvolver nos primeiros anos do doutorado e pela proeza de conseguirem coletar dados de 40 voluntários em menos de uma semana.

Ao Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza, à Angélica, à Cíntia e a todos os alunos do Laboratório de Psicolinguística da FALE/UFMG que me receberam de braços abertos e me ajudaram sempre que puderam.

Aos amigos de Campinas, Leandro, Marcos, Mariana, Lenon e Rômulo.

A todos os sujeitos que cederam seu tempo para participar dessa pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Histogramas de tempo de primeira leitura para sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 1	70
Figura 2	Tempos de leitura para sentenças com pronomes singulares: Experimento 1	83
Figura 3	Tempos de leitura para sentenças com pronomes plurais: Experimento 1	84
Figura 4	Histogramas de tempo de primeira fixação para sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 1	142
Figura 5	Histogramas de tempo de regressão para sentenças com pronomes plurais e singulares : Experimento 1	143
Figura 6	Histogramas de tempo total de fixação para sentenças com pronomes plurais e singulares : Experimento 1	144
Figura 7	Histogramas de tempo de leitura das sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 2	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Ocorrência de pronome plural de terceira pessoa em contextos de indeterminação do sujeito no falar da região central de Belo Horizonte	39
Tabela 2	Ocorrência de pronome plural de terceira pessoa em contextos de indeterminação do sujeito no falar de Venda Nova (Belo Horizonte)	40
Tabela 3	Itens Experimentais: Experimento 1	65
Tabela 4	Tempo de leitura (em milissegundos) da interação pronome plural x pronome singular: Experimento 1	69
Tabela 5	Tempo de leitura (em milissegundos) da interação pronome x correferencialidade: Experimento 1	71
Tabela 6	Itens Experimentais: Experimento 2	77
Tabela 7	Tempo de leitura (em milissegundos) pronome plural x pronome singular: Experimento 2	81
Tabela 8	Tempo de leitura (em milissegundos) da interação dos contextos na análise pronome plural x pronome singular: Experimento 2	82
Tabela 9	Tempo de leitura (em milissegundos) – influência dos contextos na análise de pronome singular: Experimento 2	82
Tabela 10	Tempo de leitura (em milissegundos) – influência dos contextos na análise de pronome plural: Experimento 2	83

INTRODUÇÃO

Durante a compreensão da linguagem, tentamos constantemente relacionar as novas informações recebidas com aquelas já processadas a fim de construir uma representação discursiva coerente do evento narrado. Uma das maneiras de integrar novos elementos às informações enunciadas previamente é o uso de expressões anafóricas, que ligam uma nova expressão linguística a um referente previamente mencionado de forma explícita (e.g., "*João* caiu, mas *ele* não se machucou") ou através de processos de inferências associativas (e.g., "Cheguei perto da *árvore* e logo vi o *tronco* todo descascado"). Tradicionalmente, o tema tem sido do interesse de muitos analistas textuais, psicolinguistas e psicólogos que tentam entender o que faz de um termo uma expressão anafórica (e.g., Cunha Lima, 2005; Kleiber, 1994; Zamponi, 2003; Koch, 2002; Marcuschi, 2005), que aspectos formais e discursivos influenciam na resolução da anáfora (e.g., Smyth, 1994; Rinck e Bower, 1995; Chambers e Smyth, 1998; Leitão, 2005; Rhode, 2008; Ditman *et al*., 2008) ou como processos cognitivos mais gerais, como memória e atenção, parecem interferir no processamento da expressão anafórica (e.g., Mckoon e Ratcliff, 1980; Almor, 1999; Almor *et al*., 1999; Nieuwland e Van Berkum, 2006a).

Neste quadro, a resolução de pronomes como "ele" e "ela" é um dos tópicos que mais tem recebido atenção dos estudos sobre processamento de linguagem. Hoje em dia sabemos, por exemplo, que o custo para processar o pronome "ele" em "João e Maria almoçaram porque ele estava com fome" parece ser maior do que seria caso o contexto fosse "João almoçou com Maria porque ele estava com fome" (Moxey *et al*., 2004; Sanford e Moxey, 1995). Sabemos, igualmente, que a capacidade da memória de trabalho dos leitores tem papel importante em determinar se um pronome é ou não ambíguo (Nieuwland e Van Berkum, 2006a), ou que as relações

de coerência estabelecidas no texto exercem influência significativa no processo de resolução pronominal (Kehler *et al*., 2007; Rohde, 2008). Contudo, comparativamente ao crescente corpo de evidências obtido pelo estudo de pronomes singulares, pouco se sabe sobre o processamento dos pronomes plurais[1].

A razão de haver menos estudos sobre pronomes plurais provavelmente se deve ao fato de que tais expressões se referem a coletividades que podem ser apresentadas no discurso de diversas maneiras: expressões coordenadas como "Pedro e João", coletivos como "o time", descrições plurais definidas como "os meninos" ou os chamados *split antecedents*, em que os elementos atômicos que compõem a pluralidade aparecem em argumentos distintos (e.g., "João fez X com Pedro"). Além disso, enquanto a resolução do pronome singular geralmente depende de um referente específico previamente apresentado, a compreensão do pronome plural muitas vezes faz uso de informações inferíveis para construir um referente que o sature (Filik *et al*., 2008; Sanford *et al*., 2008). Em casos extremos, ainda é possível que a compreensão do pronome necessite da construção de um novo referente implícito mesmo quando há um referente plural explícito. Analisemos as possibilidades de correferência dos pronomes destacados abaixo.

(1a) [Zezinho e Luizinho]$_i$ foram buscar a bicicleta que tinha quebrado, mas [*eles*]$_{i/*j}$ voltaram para casa de mãos vazias.
(1b) [Zezinho e Luizinho]$_i$ foram buscar a bicicleta que tinha quebrado, mas [*eles*]$_{i/j}$ ainda não tinham acabado de consertá-la.
(2a) [Zezinho]$_i$ foi buscar a bicicleta que tinha quebrado, mas [*ele*]$_{i/*j}$ voltou para casa de mãos vazias.
(2b) [Zezinho]$_i$ foi buscar a bicicleta que tinha quebrado, mas [*ele*]$_{i/*j}$ ainda não tinha acabado de consertá-la.

Na sentença (1b), é perfeitamente possível – e talvez preferível, pelo contexto da sentença como um todo – que "eles" não seja correferencial a "Zezinho e Luizinho". Por outro lado, em (1a) a impossibilidade de uma outra interpretação que não a correferencial para o mesmo pronome é barrada pelo predicado da segunda

[1] Ao longo deste texto, usaremos a expressão "pronome plural" para nos referirmos aos pronomes plurais pessoais do caso reto de terceira pessoa. Por estudarmos contextos de indeterminação, nosso foco recairá sobre o pronome masculino "eles".

oração, “voltaram para casa de mãos vazias”. Já o pronome singular não apresenta a mesma flexibilidade: como Zezinho é o único referente disponível, é nele que o pronome “ele” vai buscar sua referência. Pode-se argumentar que o pronome em (2b) faz referência a um sujeito específico responsável por consertar a bicicleta, mas, embora tal interpretação seja possível, destacamos que a leitura de um pronome singular neste contexto, se não é agramatical, é, ao menos, anômala, uma vez que pronomes não costumam ser usados para introduzir novos referentes no discurso (Gundel *et al*., 1993). Além dessas constatações, ainda é importante perceber que, no momento da leitura dos pronomes das sentenças (1a-b), a representação que o leitor tem do discurso é a mesma; logo, o que define os padrões de referência para o pronome plural é, justamente, a informação apresentada posteriormente.

As considerações que podemos tirar de uma análise tão breve levantam questões interessantes sobre o processo de resolução destes dois tipos de pronomes. O fato de a resolução de pronomes plurais ser mais dependente de informações apresentadas posteriormente, por exemplo, leva-nos a questionar se o curso temporal da resolução de “eles” e “ele” é o mesmo, ou se o pronome plural permanece não resolvido por mais tempo. Ademais, sentenças como (1b) nos fazem questionar se haveria um custo extra para processar a sentença como um todo quando se frustra, com o predicado do pronome, uma suposta correferência que poderia ter sido estabelecida – no caso, a correferência de “eles” com “Zezinho e Luizinho”.

Dos poucos estudos que investigaram a resolução dos pronomes plurais (Moxey *et al*., 2004; Koh e Clifton, 2002; Hielscher e Müsseler, 1990, entre outros), não é de nosso conhecimento que algum tenha tratado diretamente dessas questões, embora boa parte de seus resultados construa um quadro que nos leva a imaginar que pronomes plurais e singulares sejam distintos quanto ao seu tempo de resolução. No presente trabalho, portanto, investigaremos as particularidades do pronome plural, buscando traçar as principais diferenças entre seu processamento e o processamento de pronomes singulares – em especial, a possibilidade de o pronome plural instanciar uma leitura vaga, que ficaria indeterminada até que o

processador tivesse mais informações sobre que referente escolher. Essa empreitada será conduzida a partir do estudo de dois fenômenos que parecem comuns aos pronomes plurais e que serão discutidos com mais detalhes no primeiro capítulo: os casos de pronomes plurais não-anafóricos de referência indeterminada e as situações de frustração de correferência, semelhantes a (1b).

Para tecermos um quadro mais compreensivo do fenômeno a ser estudado, nossa tese será dividida em três partes principais. Na primeira delas, que corresponde ao primeiro capítulo, faremos uma revisão da literatura sobre pronomes plurais em contextos não-anafóricos. Por contexto não-anafórico, entendemos todas aquelas situações em que o processamento do pronome plural acontece sem que haja, no contexto precedente, qualquer pista que indique um antecedente para aquela expressão, seja esse antecedente explícito, como no caso de anáforas correferenciais canônicas, seja esse antecedente inferível pela representação discursiva, como nas ocorrências de anáforas associativas, indiretas ou conceituais. Conforme veremos, contextos de indeterminação do sujeito em português brasileiro (doravante PB) frequentemente são marcados pela presença de um pronome plural, lexicalizado e não-anafórico. Este é o caso do pronome em (1.b), por exemplo, que não faz referência a nenhum antecedente apresentado previamente no contexto.

No segundo capítulo, tratamos do fato de os pronomes plurais serem estudados, de um ponto de vista psicolinguístico, como expressões essencialmente anafóricas. A partir da discussão feita no primeiro capítulo e de uma ampla revisão de literatura sobre processamento de pronomes, traçaremos hipóteses alternativas que advogam que o processamento de pronomes plurais e singulares são, em sua essência, distintos. Ao assumirmos que pronomes plurais não são resolvidos no momento imediato em que são lidos, discutimos como a sub-especificação do *input* linguístico pode ter papel importante no processamento da linguagem.

Os capítulos 3 e 4 constituem a terceira parte de nossa tese. Neles, descrevemos os materiais e objetivos de dois experimentos psicolinguísticos que foram conduzidos para testar as hipóteses levantadas nos primeiros dois capítulos. Como veremos, os resultados obtidos, além de inéditos, compõem um quadro

comparativo interessante entre o processamento de pronomes plurais e singulares. De modo geral, percebe-se que pronomes singulares são resolvidos tão logo são encontrados, e que a falta de um antecedente no contexto gera um alto custo de processamento. Por outro lado, pronomes plurais passam por um momento inicial em que não são resolvidos; talvez por esse motivo a falta de antecedente no contexto precedente não resulte em maior ou menor custo cognitivo comparativamente a contextos correferenciais. A explicação que damos para esses dados é de que, quando um pronome plural é encontrado, o processador evita se comprometer de imediato com um referente. Isso se deve, possivelmente, à possibilidade de usarmos, em PB, pronomes plurais como "eles" na função de sujeito indeterminado. Como informações apresentadas posteriormente no contexto têm papel importante na determinação da referência do pronome plural, a interpretação dessa expressão ficaria vaga durante determinado período de tempo.

A justificativa para desenvolver o trabalho aqui descrito se dá por nossa busca em revisitar e rediscutir alguns pressupostos assumidos por boa parte dos trabalhos acerca da resolução pronominal. O primeiro deles é o de que a resolução de pronomes plurais e singulares seguem sempre as mesmas estratégias de resolução, e, por consequência, estariam sujeitos às mesmas influências durante o processamento linguístico. Esse raciocínio é o pressuposto de todo trabalho que assume que a leitura de um pronome plural inicia, de forma imediata, a busca por um referente igualmente plural na representação do discurso (e.g., Kaup *et al*., 2002). No entanto, tal hipótese falharia em explicar não apenas os dados que obtivemos em nossa pesquisa, mas também os resultados de estudos que indicam que o processamento de pronomes plurais não está tão sujeito a influência de pistas formais comparativamente ao processamento de pronomes singulares (Gelormini-Lezama e Almor, 2013).

Ademais, acreditamos ser válida a tarefa de averiguar a hipótese de que a resolução pronominal é imediata e sempre resulta em uma busca instantânea por um antecedente. Esse ponto de vista é pressuposto de muitos dos trabalhos que tratam do processamento de pronomes singulares e plurais (Oakhill *et al*., 1992; Arnold *et al*., 2000; Sturt, 2003; Silva, 2004), e possivelmente se firmou entre

diferentes modelos de processamento por conta da força que uma tradição clássica e incremental exerce nos estudos de processamento da linguagem (Marslen-Wilson, 1975; Swinney, 1979; Frazier, 1987). Entretanto, a visão de que as informações recebidas são imediatamente usadas para construir uma representação completa do *input* linguístico é contrariada por uma série de estudos que apontam, em alguns contextos, preferência por representações superficiais das informações dadas (Pickering *et al*., 2006; Swets *et al*., 2008; cf. Sanford e Sturt, 2002 para uma revisão). Nesse contexto, usamos os dados obtidos em nossa pesquisa para ressaltar a importância de se enxergar o processamento linguístico como um fenômeno que, por vezes, se dá por meio da sub-especificação das representações linguísticas em questão, como sugerem outros trabalhos da área (e.g., Ferreira *et al*., 2002; Poesio *et al*., 2006; Stewart *et al*. 2007).

CAPÍTULO 1

Sobre os usos dos pronomes plurais de terceira pessoa em Português Brasileiro

Enquanto boa parte dos trabalhos em Psicolinguística estudam o processamento de pronomes plurais e singulares de terceira pessoa como se fossem processos idênticos, estudos descritivos têm se debruçado sobre algumas características particulares dos pronomes plurais. Nesse capítulo, trataremos do uso de pronomes plurais lexicalizados como marca de indeterminação de sujeito, um uso que, em PB, parece ser permitido para pronomes plurais de terceira pessoa, mas não para pronomes singulares de terceira pessoa.

Nossa intenção ao tratar dos casos de indeterminação não é criar um quadro descritivo exaustivo que seja capaz de abarcar e explicar todos os casos em que pronomes plurais de terceira pessoa são usados como sujeito indeterminado. Conforme veremos, essa discussão é complexa e inclui a observação das características que constituem, de fato, um índice de indeterminação. Como nossa pesquisa trata do processamento de pronomes plurais, nosso objetivo nesse capítulo será explorar algumas das categorias de análise de indeterminação proposta por estudos prévios a fim de (i) entendermos melhor o tipo de fenômeno que estamos investigando; (ii) compreendermos como esses casos únicos de uso do pronome plural podem ser explicados pelas teorias tradicionais de processamento linguístico.

1. Pronome de terceira pessoa plural e os casos de indeterminação do sujeito

Como pretendemos demonstrar nesse capítulo, são diversos os casos em que pronomes plurais de terceira pessoa (nulos ou não) permitem uma construção

marcada pela indeterminação do sujeito, e seria pouco produtivo abordá-los como uma classe homogênea. Seguindo a tendência de estudos descritivos (Souza, 2007; Cabredo-Hofherr, 2003; Siewierska e Papastathi, 2011), nossa discussão deve tratar as ocorrências de indeterminação em um *continuum* que se organiza em torno de quão indeterminada é a referência do pronome em questão. Vejamos os casos abaixo:

(1.1) *pro* Bateram na porta.
(1.2) O sertanejo é um cara bão, *eles* confiam na sua palavra. (Souza, 2007; p. 64)

A sentença em (1.1) figura como um caso claro de indeterminação de sujeito, uma vez que não há, nessa situação, qualquer pista que identifique qual é o referente do pronome nulo. Nestes casos, como lembra Cabredo-Hofherr (2003), a sentença pode ser parafraseada pela substituição do pronome por um quantificador existencial, como vemos a seguir.

(1.1a) *Alguém* bateu à porta.

Essa substituição, entretanto, não é lícita para o caso exemplificado em (1.2), em que o contexto antecedente provê uma expressão ("o sertanejo") que identifica um referente para o pronome, mesmo que de forma não-específica. Por outro lado, é possível que o pronome seja substituído por expressões definidas.

(1.2a) O sertanejo é um cara bão, *os sertanejos* confiam na sua palavra.

Os casos exemplificados acima situam-se nas extremidades do *continuum* de indeterminação do sujeito já comentado e tornam aparente a problemática de delimitar até que ponto a referência pronominal é, de fato, indeterminada. Afinal, enquanto em (1.1) não há qualquer pista sobre quem seja o sujeito da ação – o que permite a substituição do pronome pelo quantificador "alguém" –, em (1.2) sabemos que o pronome se refere, de forma genérica, aos sertanejos. Ao discutir o que é a

indeterminação do sujeito, Souza (2007) define que a impossibilidade de se identificar o referente no âmbito da sentença não é condição única para delimitar as ocorrências de sujeito indeterminado, e, portanto, inclui sentenças similares ao exemplo em (1.2) em seu *corpus*. Por outro lado, alguns autores preferem identificar os pronomes dessas sentenças como uma expressão anafórica que, como tal, se resolve por recurso a uma expressão antecedente e definida, e, portanto, não tem uma referência indeterminada (Johnsen, 2011).

Não é intenção de nosso trabalho tratar exaustivamente dessa questão de modo a delimitar categorias fechadas às quais se enquadrem os diferentes casos de indeterminação. Entretanto, os exemplos acima apresentam pelo menos duas grandes categorias relevantes para nossa pesquisa. De um lado, há exemplos como o que vemos em (1.2), que são categorizados como anafóricos por uma série de trabalhos (Gernsbacher, 1991; Oakhill *et al*., 1992; Carreiras e Gernsbacher, 1992); de outro, os casos claros de indeterminação, como em (1.1), que são marcados por pronomes *não-anafóricos*.

Do ponto de vista do processamento linguístico, julgamos que a resolução dos casos anafóricos não apresenta grandes diferenças dos processos de resolução de pronomes anafóricos com referência definida. Nas duas situações, o pronome depende de um antecedente identificável no contexto precedente, ainda que se possa discutir se há custos extras envolvidos no processos inferenciais necessários para ligar um pronome plural a um antecedente singular, como é o caso em (1.2) (Farias *et al*., 2012; Godoy, 2013, 2010; Gernsbacher, 1991). Por outro lado, os pronomes plurais de terceira pessoa não-anafóricos, especialmente quando são lexicalizados, constituem um caso singular dentre as possibilidades de realização pronominal em PB. Afinal, por não possuir expletivos, como o francês, o PB não conta com situações em que pronomes singulares de terceira pessoa sejam não-anafóricos. No entanto, os exemplos que coletamos para essa tese – e que veremos ao longo das próximas sessões – demonstram que não são raros e nem constituem sentenças agramaticais ou anômalas os casos de pronomes plurais lexicalizados e não-anafóricos.

A fim de entendermos melhor as características dos pronomes plurais não-anafóricos, definimos a seguir algumas de suas ocorrências. Em nossa discussão, buscaremos precisar os contextos em que estes pronomes podem ser lexicalizados em PB, uma característica que, como veremos, não é comum a línguas que permitem sujeito nulo.

2. Leituras existenciais dos sujeitos indeterminados

O exemplo apresentado em (1.1) se enquadra em um dos três casos que Cabredo-Hofherr (2003) define como leituras existenciais do pronome plural não-anafórico. De acordo com a autora, a principal diferença entre as leituras reside no fato de o evento descrito ser ou não ancorado em um ponto específico no tempo. Essa característica distinguiria o que se chama de leitura existencial específica (exemplo 1.1), das leituras existenciais inferíveis (exemplo 1.3) e vagas (exemplo 1.4). Os casos de leituras existenciais inferíveis e vagas, por sua vez, diferem porque o primeiro só é possível na presença de um resultado a partir do qual o pronome possa ser inferido. Abaixo, vemos as sentenças usadas pela autora para ilustrar essas ocorrências.

(1.1) Tocan a la puerta.
pro Bateram na porta.
(1.3) Aquí han comido mariscos.
pro Comeram mariscos aqui.
(1.4) Han encontrado una motocicleta en el pátio.
pro Acharam uma moto no pátio.

Como dissemos, nessas situações o pronome plural nulo poderia dar espaço a uma quantificação existencial como "alguém" sem prejuízo para o sentido da sentença (e.g., "Alguém bateu na porta"; "Alguém comeu mariscos por aqui"). Além disso, em PB, similarmente ao que acontece em outras línguas de sujeito nulo, este tipo de sentença não parece permitir a ocorrência de um pronome lexicalizado (e.g.,

?“Eles bateram na porta”, ?“Eles comeram camarão por aqui” [2]). Essas características, segundo Cabredo-Hofherr (2003), identificam um grupo coeso dentre as situações de indeterminação, e deixa aparente que a resolução do pronome passa pelo processo de identificá-lo como uma variável, um pronome indefinido. Essa situação é bem distinta dos casos de leituras universais e corporativas dos pronomes não-anafóricos, que veremos a seguir.

3. Leituras universais e corporativas de pronomes plurais não-anafóricos

Contrariamente ao que vimos nos exemplos da seção anterior, nas sentenças que apresentamos abaixo há uma expressão locativa (“na Poli”, “Na Bahia”, “na Europa e principalmente na Ásia”) que funciona de modo a resolver o pronome.

(1.5) O menino aqui na minha frente tá dizendo que vai ter prova de “concreto” hoje, acho bacana *eles* ensinarem décio pignatari *na poli*[3]. (Moreira, 2013)
(1.6) *Na Bahia*, *eles* num tempera o feijão. (Souza, 2007; p. 32)
(1.7) Se o Brasil quer continuar a oferecer universidade pública gratuita, por que limitar isso a quem consegue fazer um bom ensino médio e passar no vestibular? Por que não abrir as portas totalmente? É o que *eles* fazem *na Europa e principalmente na Ásia*, que tem universidades abertas a distância de grande qualidade. (O Estado de S. Paulo, 27/02/2012)

Entende-se, sem dificuldade, que são membros das instituições/localidades designadas nas sentenças os agentes dos eventos descritos. Cabredo-Hofherr (2003) distinguiria esses casos das ocorrências de leituras existenciais e os definiria como uma *leitura universal* do pronome. De acordo com a autora, tais pronomes são licenciados pela presença de uma expressão locativa, responsável por identificar um grupo a que os pronomes fariam referência. Por haver identificação do pronome

[2] Ressaltamos que a leitura das sentenças não seria anômala caso a referência de “eles”, dada por algum contexto prévio, fosse definida.
[3] Trata-se da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

com um grupo, ainda que de forma indeterminada, não se pode parafrasear as sentenças substituindo a expressão pronominal por uma quantificação existencial, como fizemos em (1.1), (1.3) e (1.4). Nos exemplos acima, ainda de acordo com Cabredo-Hofherr (2003), a possibilidade de identificar um referente inespecífico para o pronome (fenômeno similar ao que vemos em (1.2)) faz com que os processos de referência da expressão pronominal sejam semelhantes aos das descrições definidas genéricas, como se mostra, abaixo, nos exemplos emprestados e traduzidos de Cabredo-Hofherr (2003).

(1.8) En España, se acuestan temprano.
Na Espanha, (eles) dormem cedo.
(1.9) En España, los niños se acuestan temprano.
Na Espanha, as crianças dormem cedo.
(1.10) En España, el bebé de la família se acuesta temprano.
Na Espanha, o bebê da família dorme cedo.

Segundo a autora, os exemplos acima mostram que o pronome plural (nulo) tem comportamento semelhante a sintagmas nominais genéricos, plurais ou singulares, na expressão de um hábito, um comportamento padrão comum a um grupo de pessoas delimitado por um locativo. Isso não significa, obviamente, que (1.9) e (1.10) sejam paráfrases de (1.8). Ainda que tal observação pareça um truísmo, sentenças como as que vemos em (1.11) e (1.12) poderiam nos fazer pensar que o pronome, nessas situações, está apenas substituindo uma expressão definida que pode ser claramente inferível do contexto.

(1.11a) Na universidade, ensinam-nos a questionar o sentido das coisas e do mundo. (Miguel, 2006; p. 59-60)
(1.11b) Na universidade, *os professores* nos ensinam a questionar o sentido das coisas e do mundo. (Miguel, 2006; p. 59-60)
(1.12a) Acho bacana eles ensinarem Décio Pignatari na Poli.
(1.12b) Acho bacana *os professores* ensinarem Décio Pignatari na Poli.

Embora alguns autores possam argumentar que (1.11b) e (1.12b) sejam, respectivamente, paráfrases possíveis de (1.11a) e (1.12a) (Miguel, 2006), entendemos que essa interpretação deixa de lado um característica importante das sentenças originais: o fato de o sujeito marcado pelo pronome não ser definido pelo

enunciador. De fato, um verbo como “ensinar” nos leva a restringir seu argumento externo a uma expressão como “o professor” ou “os professores”, mas há de se levar em consideração que, nos exemplos acima, os predicados atribuídos ao pronomes podem denotar um conjunto mais amplo e difuso de agentes que estariam sub-entendidos (mas não especificados) pelas expressões “na Poli” e “na universidade”. Afinal, quem de fato ensina e define o que se ensina na universidade? Poderíamos apontar os professores, mas podemos nos lembrar das grades curriculares, definidas por comissões dentro de departamentos e institutos, ou das diretrizes estabelecidas pela reitoria da universidade ou pelo Ministério da Educação. Desse modo, embora os locativos “na Poli” e “na universidade” delimitem o escopo de referência do pronome, a própria escolha por não determinar um sujeito específico não permite, a nosso ver, que sentenças como (1.11b) sejam tomadas como paráfrases de (1.11a).

Em PB, parece-nos que a maneira mais adequada de parafrasear as sentenças em (1.11a) e (1.12a) seria lançar mão do uso da passiva em sentenças como as que trazemos abaixo. Desse modo, preserva-se não apenas o sentido original do texto, mas também a escolha pragmática de não se definir o agente da ação descrita.

(1.11c) Na universidade, nos é ensinado questionar o sentido das coisas e do mundo.
(1.12c) Acho bacana que se ensine Décio Pignatari na Poli.

De fato, muitas vezes o uso de pronome de terceira pessoa em contextos em que há um locativo pode ser entendido, em PB, como uma alternativa ao uso da voz passiva sintética como recurso de indeterminação (e.g., “É o que eles fazem na Europa” *vs* “É o que se faz na Europa”; “Na Bahia, eles não tempera o feijão” *vs* “Na Bahia, não se tempera o feijão”, “Acho bacana eles ensinarem” *vs* “Acho bacana que se ensine”). Essa observação carece de estudos de corpora sistêmicos que analisem se essa intercambialidade se sustenta e se é apenas uma variação estável ou uma mudança em curso. De todo modo, as observações acima demonstram que determinados usos do pronome plural se resolvem por meio da associação desse pronome a um grupo difuso destacado por um locativo; ao mesmo tempo, o uso do

pronome não permite que se delimite de modo específico quais indivíduos fazem parte desse grupo. Não se trata, portanto, dos casos de pronomes plurais como observamos em (1.1), por exemplo, em que o pronome se resolvia por associação a uma variável, um quantificador existencial.

Embora tenhamos apontado as diferenças entre os exemplos de leitura universal e os exemplos de leitura existencial, até aqui não tratamos das características dos exemplos em (1.5)-(1.7) que os difiram dos casos de referência anafórica que mostramos no exemplo (1.2). Em todos os casos, a resolução do pronome depende de uma expressão identificável no contexto: se para (1.2) essa expressão é "o sertanejo", para (1.5) é "na Poli", para (1.6) é "na Bahia" e para (1.7) é "na Europa e principalmente na Ásia".

Entretanto, em PB há um ponto não abordado por Cabredo-Hofherr (2003) que parece distinguir as sentenças (1.5)-(1.7) do exemplo anafórico apresentado em (1.2): trata-se do fato de as expressões locativas que resolvem o pronome serem apresentadas em um momento posterior do texto, inclusive no exemplo (1.6b), abaixo, adaptado do exemplo original de Souza (2007).

(1.6b) *Eles* num temperam feijão *na Bahia*.

O exemplo em (1.2) traz uma situação bastante comum em que o pronome necessita de uma expressão *antecedente* para se resolver[4]. Por outro lado, (1.5), (1.6b) e (1.7) se caracterizam como situações de pronomes plurais não-anafóricos no português brasileiro. Por este motivo, entendemos que estes exemplos constituem caso semelhante, mas não idêntico, aos exemplos não-anafóricos das leituras existenciais. Em outras palavras, entendemos que o fato de o locativo "Na Bahia" ter sido apresentado anteriormente ao pronome na sentença em (1.6) não é condição necessária para que o pronome seja resolvido. A nosso ver, faz-se

[4] Outros exemplos, emprestados de Souza (2007) podem ser vistos abaixo. A maioria desses casos são o que Gernsbacher (1991) chama de anafora conceitual: uma relação anafórica estabelecida entre um pronome plural e um antecedente morfologicamente singular.

(a) A empresa... depois dessa pesquisa é que eles vão fazê um levantamento (Souza, 2007; p.111)
(b) O pessoal da roça gosta de cumê muito eles num economizam comida (Souza, 2007; p. 113)

necessário que o contexto seja provedor de um locativo que ajude na saturação pronominal, mas esse locativo não precisa, necessariamente, ser apresentado em um contexto anterior ao pronome. O exemplo abaixo mostra caso semelhante em francês, indicando que também nessa língua é possível que casos de pronomes plurais se resolvam por expressões locativas que muitas vezes ocorrem em um momento posterior do texto.

(1.13) Ils ne passent que des navets en ce momenta au ciné (Kleiber, 1992; p. 327)
Eles só estão passando filmes ruins no cinema agora.

A exemplo da sentença em francês, ressaltamos que os pronomes de leitura universal apresentados em (1.5)-(1.7) são realizados, i.e., não são nulos. Ainda que a lexicalização do pronome não seja necessária em todos os casos em PB, o fato de a expressão pronominal ser realizada nos exemplos em (1.5), (1.6) e (1.7) marca uma distinção do PB para outras línguas que tem marcação de sujeito nulo, como o espanhol. De acordo com Cabredo-Hofherr (2003) e conforme pudemos observar em seus exemplos do espanhol em (1.1), (1.3), (1.4) e (1.8), línguas de sujeito nulo não permitem um sujeito de terceira pessoa plural lexicalizado que não seja referencial. Segundo a autora, "em línguas em que pronomes plurais de terceira pessoa podem ser nulos, apenas o pronome nulo de terceira pessoa plural pode ter referência arbitrária, o pronome lexicalizado é *necessariamente referencial*" (Cabredo-Hofherr, 2003, p. 86, grifos nossos). Caso a regra fosse aplicável em PB, como explicar os casos abaixo, em que a presença do pronome em sua forma plena é lícita e dá espaço a uma leitura universal (no sentido de Cabredo-Hofherr) para a sentença?

(1.14) Na Inglaterra, eles falam zed. Zed também é uma gíria comum para falar de zumbis. (Cultura Inglesa SP, 05/02/2013)
(1.15) Por falar em lenço de papel, aqui na Alemanha eles sempre têm lenços de papel nos bolsos, nas bolsas (...) (Eve, 2013)

Não é nossa intenção especificar contextos em que pronomes plurais de terceira pessoa possam ser apenas nulos ou lexicalizados, mas estes exemplos

mostram situações de ocorrência de pronomes plurais que, em PB, são muito diferentes dos contextos de realização de pronomes singulares. Percebe-se que, em PB, leituras universais são um contexto em que é permitida a ocorrência de um pronome plural pleno de terceira pessoa, não-anafórico e que se resolve por meio de informações apresentadas posteriormente. Não sabemos de situação semelhante em PB que permita a ocorrência de um pronome singular de terceira pessoa.

Quanto às informações necessárias para a resolução do pronome plural, focamos, até aqui, na presença de locativos. Contudo, Cabredo-Hofherr (2003) lista ainda outra possibilidade de uso do pronome plural de terceira pessoa para marcar um sujeito não-determinado: o uso de predicados que são específicos a um grupo de pessoas. Se observarmos os exemplos abaixo, veremos que a influência da predicação na referência do pronome se dá mesmo quando não há locativo, como nos casos de (1.17) e (1.18).

(1.16) Eles param é muito ônibus do Paraguai. (Souza, 2007)
(1.17) Agora próximo da eleição *eles* estão recapeando o centro da cidade para que a população seja iludida (Diário de Marília, 03/04/2012)
(1.18) Eles aumentaram o imposto de novo[5].

Os exemplos de pronomes acima seriam o que Souza (2007) classificaria como *indefinidos*[6], i.e., casos em que a expressão pronominal "não mantém correspondência com nenhum SN antecedente materialmente presente no texto" (p. 67). Cabredo-Hofherr (2003), seguindo Pesetsky (1995), classificaria os casos específicos acima como *corporate reading*s, ou leituras corporativas. Essas situações, a exemplo das leituras universais, requerem que haja elementos no texto que possibilitem a identificação de um grupo a que o pronome fará referência. Contudo, o modo como este grupo é restrito difere nas duas situações. Como vimos, no caso

[5] Adaptado de "Volvieran a aumentar el IVA", exemplo de Cabredo-Hofherr (2003, p. 83).
[6] Vale ressaltar que, de acordo com a autora, nessa categoria ainda estão inscritos exemplos em que nem a predicação permite definir qual seria a referência do pronome plural, como em "Eles falam que amizade de buteco não vale nada" (Souza, 2007; p. 68). O uso do pronome nesse contexto parece tomar o sentido de uma expressão generalizadora que poderia ser substituída por "as pessoas", "o povo", mas ainda é diferente das indeterminações definidas como *existential readings* por Cabredo-Hofherr, (2003).

das leituras universais, o responsável pelo processo de restringir um grupo é o locativo; entretanto, para as situações de leitura corporativa, é um predicado característico a um grupo específico (e.g., "prender ladrões", "entregar a correspondência", "aumentar os impostos") que opera essa restrição. Nos exemplos acima, o pronome em (1.16) pode se referir à polícia ou às autoridades aduaneiras que param, enquanto em (1.17) e (1.18) o mesmo pronome cumpre a função de retomar, de forma não determinada, um grupo de governantes responsáveis por pelo recapeamento das ruas ou pela alíquota dos impostos.

As análises de Cabredo-Hoffher (2003) que resenhamos acima levam a autora a tratar as leituras existenciais como um grupo e as leituras universais e corporativas como outro[7]. Contudo, as cinco ocorrências de indeterminação do sujeito listadas pela autora não são as únicas que se marcam por um pronome plural de terceira pessoa. Como já dissemos, Souza (2007) considera que também são exemplos de indeterminação o caso anafórico do exemplo em (1.2). Em uma extensa análise de *corpus*, Siewierska e Papastathi (2011) também identificam, além dos casos descritos por Cabredo-Hofherr (2003), uma outra ocorrência de indeterminação marcada por verbos como "dizer", que poderia ser exemplificada pela sentença em (1.19) abaixo. Nesses casos, o pronome serve como estratégia generalizadora, e poderia ser substituído por "as pessoas".

(1.19) Nós todos aqui somos católicos. Ninguém tá proibindo ninguém de ter a sua religião ou fazer o seu despacho, como eles dizem. (O Infiltrado, 2013)

Para o objetivo de nossa pesquisa, não convém descrever exaustivamente as situações de indeterminação em PB, tampouco propor categorias de análise que possam abarcar e explicar todos estes casos. Uma análise breve como a que foi feita ao longo deste capítulo já é suficiente para descortinar duas características importantes dos pronomes plurais de terceira pessoa que são interessantes para o

[7] Essa dicotomia é apresentada aqui de forma simplificada. Embora a autora de fato identifique as sentenças nesses dois grandes grupos, seu texto ainda trata de particularidades e distinções que podem ser percebidas entre as sentenças de um mesmo grupo.

trabalho que pretendemos desenvolver. A primeira delas é o fato de pronomes plurais serem não-anafóricos em determinadas situações; a segunda, a ocorrência de pronomes lexicalizados nesses contextos.

Em PB, essas características são únicas aos pronomes plurais, uma vez que pronomes singulares não ocorrem nessas situações e, no geral, são usados apenas como forma de retomar um antecedente apresentado previamente. Por este motivo, investigar o processamento de pronomes em situações de indeterminação pode ser um método de observar até que ponto o processamento de pronomes plurais segue os mesmos passos que o processamento de pronomes singulares, como pressupõem vários dos trabalhos sobre a resolução pronominal (e.g., Kaup *et al*., 2002; Carreiras e Gernsbacher, 1992). Afinal, se pronomes plurais podem ocorrer em contextos não-anafóricos, faz sentido indagarmos se os esforços envolvidos na busca de um antecedente são igualmente custosos para pronomes singulares e plurais. Antes de expandirmos essa pergunta e discutirmos suas consequências para teorias de processamento anafórico, discorreremos brevemente sobre a ocorrência das construções de indeterminação com pronomes lexicalizados em PB.

4. Sujeitos indeterminados e uso do pronome plural em PB

A descrição dos casos de pronomes plurais de terceira pessoal feita nas seções anteriores nos deixa com duas questões importantes: até que ponto as definições de Cabredo-Hofherr (2003), feitas a partir de estudos sobre o russo, espanhol e francês, são válidas para o PB? Havendo as mesmas classificações em PB, quão comum são essas ocorrências? Afinal, se pretendemos investigar os custos de processamento do pronome plural sob argumentação de que estes pronomes ocorrem em situações exclusivas a eles, precisamos saber se essas ocorrências não são apenas um fenômeno marginal em PB.

Com relação à primeira questão, procuramos apresentar, ao longo de toda a primeira seção, exemplos que corroboram as análises de Cabredo-Hofherr (2003). Além disso, tecemos algumas observações não aventadas pela autora, mas que são realidade em português brasileiro, como a possibilidade de que o locativo que

resolve o pronome nos casos de leituras universais seja apresentado posteriormente no contexto. Adicionalmente, uma análise de julgamento de sentenças em nove línguas europeias[8] demonstrou que, em todas elas, a taxa de aceitabilidade de sentenças referentes a cada uma das classificações propostas por Cabredo-Hofherr (2003) permanece constante (Siewierska e Papastathi, 2011), o que poderia indicar que as categorias são consistentes entre as línguas.

Contudo, um ponto que ainda permanece em aberto é a taxa de ocorrência do pronome lexicalizado nas situações não-anafóricas para o português brasileiro. Para discutirmos a questão, tomamos como referência o trabalho de Souza (2007), que se dedica a descrever o uso do pronome plural de terceira pessoa nos dialetos de regiões centrais e periféricas de Belo Horizonte. Os objetivos da autora foram investigar com que frequência pronomes de terceira pessoa do plural são utilizados para marcar a indeterminação do sujeito, e, dentre essas ocorrências, mensurar quantas eram lexicalizadas e quantas eram ocorrências de sujeito nulo. Os pronomes encontrados no *corpus* foram classificados de acordo com a sua referência, e, excluindo da lista os casos de referência definida, as categorias restantes que a autora reportou foram a das referências indefinida, locativa, genérica e coletiva. Como podemos ver na tabela abaixo, a taxa de ocorrência do pronome plural na forma plena para esses quatro tipos de referência é bastante alta no dialeto da região central de Belo Horizonte, especialmente para o caso que a autora define como referência locativa, e que corresponderia à leitura universal descrita por Cabredo-Hofherr (2003).

	Número de ocorrências forma plena/Número total de ocorrências	**Porcentagem de ocorrência de pronome plural na forma plena em contexto de indeterminação**
Referência Coletiva Aquele povo que eu não entendia e *eles* não me entendiam também.	28/36	77%
Referência Locativa Na Bahia eles num temperam feijão.	13/14	92%

[8] Dentre as línguas analisadas, três delas são românicas: espanhol, italiano e francês. As outras línguas foram o inglês, o húngaro, o russo, o alemão, o holandês e o polonês.

Referência Genérica O sertanejo é um cara muito bão *eles* confiam na sua palavra.	20/23	86%
Referência Indefinida *Eles* falam que amizade de buteco não vale nada.	33/66	50%
Total	94/139	74%

Tabela 1 – Ocorrência de pronome plural de terceira pessoa em contextos de indeterminação do sujeito no falar central de Belo Horizonte. Fonte: Souza (2007)

Os altos índices de lexicalização dos pronomes ainda se mantêm em uma análise posterior feita pela autora para comparar o falar do centro de Belo Horizonte com o da área da Venda Nova, região periférica da cidade. Como vemos na tabela abaixo, a lexicalização dos pronomes em casos de locativos, assim como nas outras situações, permanece bastante alto.

	Número de ocorrências forma plena/Número total de ocorrências	**Porcentagem de ocorrência de pronome plural na forma plena em contextos de indeterminação**
Referência Coletiva	49/58	84%
Referência Locativa	46/51	90%
Referência Genérica	49/65	75%
Referência Indefinida	110/171	64%
Total	254/345	80%

Tabela 2 – Ocorrência de pronome plural de terceira pessoa em contextos de indeterminação do sujeito no falar de Venda Nova (Belo Horizonte). Fonte: Souza (2007)

Infelizmente, ainda que os dados apresentem uma boa descrição do falar belorizontino, não podemos partir deles para dizer que os casos de pronomes plurais plenos não-anafóricos são extremamente comuns em português. Como os objetivos da autora foi distinto do objetivo de nosso trabalho, suas classificações não atendem os critérios que aqui delimitamos. Em primeiro lugar, não sabemos se a autora reuniu sob a etiqueta de "referência locativa" apenas situações em que o locativo é antecedente ao pronome, como no exemplo acima, ou se considerou, também, os casos em que o locativo aparece em um momento posterior da sentença. Por consequência, não sabemos se foram classificados como referência indefinida

apenas os casos similares ao documentado na Tabela 1, em que não há indicação de quem seja o referente do pronome, ou se a categoria abarca, também, situações em que apenas nas regiões pós-pronominais estão os elementos que identificam um referente inespecífico para o pronome – sejam estes elementos um predicado ou a presença de um locativo.

Embora a falta de estudos descritivos sobre a questão em PB não nos permita fazer afirmações muito categóricas sobre os casos não-anafóricos que pretendemos estudar, o trabalho de Souza (2007) é claro em mostrar alta taxa de lexicalização de pronome de terceira pessoa plural em situações de indeterminação. Ademais, após análises que levaram em conta grau de escolaridade, faixa etária e tipo de referência pronominal, a autora ainda reconhece que a marcação da indeterminação do sujeito com o uso de pronomes plurais lexicalizados é um recurso bastante utilizado em PB, e, por consequência, acreditamos que este uso também resulte em um número razoável de pronomes plurais não-anafóricos. O fenômeno a ser estudado, portanto, não parece constituir ocorrência marginal ou muito incomum em português brasileiro.

Antes de continuarmos, convém ainda fazer uma observação sobre os dados de Souza (2007), coletados na região de Belo Horizonte, e a generalização que fazemos para o PB. Apesar de todos os dados serem de uma região do país, não há motivos para pensarmos que o fenômeno do pronome "eles" em contexto de indeterminação seja exclusiva do dialeto. Exemplo disso são os próprios textos apresentados nesta tese, que foram coletados de autores de São Paulo (exemplos 1.5, 1.7, 1.9 e 1.14), Rio de Janeiro (exemplos 1.16, 1.18, 1.19) e Salvador (exemplo 1.8). De todo modo, a fim de evitar inconsistências teórico-metodológicas em nossa pesquisa, realizamos os experimentos que descreveremos nos capítulos 3 e 4 apenas com falantes do dialeto belorizontino. Desse modo, partimos de um dialeto já estudado para investigar as questões de processamento do pronome "eles" que são discutidas na seção subsequente.

5. Processamento pronominal e os casos de pronomes não-anafóricos: novos caminhos de pesquisa

Tendo em vista que pronomes plurais de terceira pessoa ocupam posições não-anafóricas em PB, resta-nos perguntar como este fato pode influenciar os processos de resolução pronominal. A nosso ver, a possibilidade de instâncias não-anafóricas de pronomes plurais em PB pode resultar em um fenômeno que chamaremos de frustração da correferência e que exemplificamos com as sentenças a seguir:

(1.7) Se *o Brasil* quer continuar a oferecer universidade pública gratuita, por que limitar isso a quem consegue fazer um bom ensino médio e passar no vestibular? Por que não abrir as portas totalmente? É o que *eles* fazem na Europa e principalmente na Ásia, que tem universidades abertas a distância de grande qualidade. (O Estado de S. Paulo, 27/02/2012)

(1.20) Diversão hoje em dia nem pensar/ pois até lá *no baile eles* vêm nos humilhar (MC Cidinho e Doca, Rap da Felicidade)

(1.21) *O povo* tem a força só precisa descobrir/ se *eles* lá não fazem nada, faremos tudo aqui (MC Cidinho e Doca, Rap da Felicidade)

Nas três sentenças acima, o pronome plural ocorre após a apresentação das descrições definidas destacadas, que poderiam servir como expressões antecedentes de um pronome potencialmente anafórico. Em (1.7), por exemplo, "eles" poderia remeter a "o Brasil", na primeira linha do texto. Similarmente, o pronome em (1.20) e (1.21) poderia, em um primeiro momento, ser lido como correferencial a "o povo" ou "no baile"[9]. Nessas situações, teríamos os casos de indeterminação (anafórica) que poderiam ser classificados como situações de referência coletiva ou locativa, para seguir as categorias propostas por Souza (2007). Entretanto, como percebemos ao ler as sentenças como um todo, a

[9] Como vemos abaixo, uma pequena modificação no conteúdo pós-pronominal das sentenças é capaz de garantir essas relações de correferência.

(1.7') Se o *Brasil* (...) Por que não abrir as portas totalmente? É o que *eles* deveriam fazer para ampliar o acesso à universidade.

(1.20') Diversão hoje em dia nem pensar/ pois até lá no *baile eles* não podem mais dançar

(1.21') *O povo* tem a força só precisa descobrir/ se *eles* nunca descobrirem, não melhora nada aqui

referência do pronome é dada por outras pistas que são apresentadas posteriormente no contexto.

Em (1.7), como já discutimos, a expressão locativa "na Europa e principalmente na Ásia" restringe o escopo da indeterminação do pronome e lhe confere um referente que, se não é específico, também não pode ser visto como completamente indeterminado. Em (1.20) e (1.21), este processo não é tão dependente de uma expressão identificável no texto, mas prescinde de uma série de inferências que devem ser feitas pelo leitor/ouvinte. Em (1.20), por exemplo, o pronome pode fazer referência aos traficantes ou aos policiais que causavam tumulto nos bailes funk do morro carioca, e só é possível chegar a essa interpretação através da predicação que *eles* recebe. Na sentença em (1.21), a oposição feita pelas expressões *lá*/*aqui* e *nós*/*eles* leva a crer que o pronome, opondo-se a "o povo", designaria a classe política do país.

Em linha com as análises que fizemos anteriormente acerca das leituras universais e das leituras corporativas, o que os três exemplos acima deixam claro é que o estabelecimento da referência do pronome plural parece ser bastante dependente de informações apresentadas posteriormente; portanto, nem sempre as possíveis relações de correferência com supostos antecedentes são estabelecidas. Essa observação traz consequências para o estudo tradicional do processamento pronominal, que, historicamente, têm tratado o pronome como uma expressão que imediatamente deve buscar sua referência em um antecedente (Nicol e Swinney, 2002; Clifton *et al*., 1987; Crawley *et al*., 1990). Afinal, considerando que pronomes plurais podem ocorrer em situações não-anafóricas, julgamos pertinente questionar quão imediatamente essas expressões dão início à busca por um antecedente específico e delimitável no contexto.

Os exemplos de frustração de correferência também colocam uma outra questão interessante se pensarmos no custo envolvido na reanálise de sentenças. Se há possibilidade de a referência do pronome plural ser determinada posteriormente à sua realização, seria vantajoso, para o processador, comprometer-se imediatamente com referentes já apresentados com os quais o pronome poderia, potencialmente, criar uma relação de correferência? Para responder a essa pergunta

e ver quais suas implicações, tomemos novamente o exemplo (1.21), em que o pronome plural conta com "o povo" como um possível antecedente.

Se pronomes plurais sempre iniciam a busca por um antecedente e se comprometem com ele assim que o encontram, então a leitura da predicação do pronome em "se eles lá não fazem nada" instanciaria um processo de reanálise da sentença. O processador deveria, então, revogar a relação de correferência com "o povo" e reinterpretar o pronome como um sujeito indeterminado. Por outro lado, é possível que o processador não se comprometa de imediato com um referente para o pronome plural, justamente pelo fato de estes pronomes serem, por vezes, dependentes de informações posteriores para serem resolvidos.

A hipótese de que a relação entre pronomes plurais e seus possíveis antecedentes seja menos imediata e menos custosa do que para pronomes singulares foi testada em nossa pesquisa através de duas manobras experimentais. Para nosso estudo, recorreremos aos casos que Cabredo-Hofherr (2013) definiu como "leituras universais", ou que Souza (2007) classificou como "referência locativa". Ao elegermos apenas um tipo de ocorrência dos casos de pronomes não-anafóricos, buscamos evitar que nossas análises se baseassem em resultados oriundos de processos distintos de resolução do pronome plural. Assim, limitamos nosso escopo à investigação do processamento do pronome "eles" como índice de indeterminação apenas nos contextos em que esse pronome se liga, posteriormente, a uma expressão locativa como "na escola municipal" ou "na oficina mecânica".

Os dados que obtivemos corroboram a hipótese de que pronomes plurais não são resolvidos de imediato e nem prescindem de um antecedente. Tal resultado ainda corrobora os achados de estudos anteriores que advogam que o processamento de pronomes plurais e singulares são, em sua essência, distintos (Filik *et al*., 2008; Moxey *et al*., 2004). Ainda que estes estudos sejam incipientes, eles vão ao encontro de novos resultados que indicam que a resolução de pronomes plurais recebe mais influência de aspectos discursivos, e, portanto, não é tão afetada por questões sintáticas quanto a resolução de pronomes singulares (Gelormini-Lezama e Almor, 2013).

Antes de tratarmos dos experimentos que conduzimos, faremos, a seguir, uma revisão da literatura psicolinguística sobre pronomes plurais e discutiremos com mais detalhes as hipóteses que embasam nossas conclusões.

CAPÍTULO 2

Processamento de pronomes plurais de terceira pessoa

De modo geral, os estudos sobre processamento de pronomes plurais podem ser divididos em dois grandes grupos. De um lado, trabalhos que tratam de como diferentes modos de apresentação dos referentes podem influenciar a resolução ou produção de um pronome plural (Eschenbach *et al*., 1989; Moxey *et al*., 2010; Moxey *et al*., 2004; Koh *et al*., 2011; Koh e Clifton, 2002; Kaup *et al*., 2002; Sanford e Moxey, 1995; Filik *et al*., 2011); de outro, pesquisas que focam os processos de inferência que levam à resolução do pronome plural nos casos de anáforas associativas, quando um referente deve ser inferido (Gernsbacher, 1991; Oakhill *et al*., 1992; Foertsch e Gernsbacher, 1997; Silva, 2004; Sanford *et al*., 2007; Joosten *et al*., 2007; Filik *et al*., 2008; Godoy, 2010, 2013; Farias *et al*., 2012). Boa parte destes estudos apresentam resultados relevantes, indicando que o processamento dos pronomes plurais, assim como de qualquer outra expressão linguística, está sujeito à influência de aspectos contextuais, sejam eles formais ou discursivos. Contudo, os resultados obtidos seguem certo padrão que parece indicar diferenças fundamentais nos processos de resolução desse pronome.

Conforme discutiremos a seguir, a resolução de pronomes plurais parece ser distinta da resolução de pronomes singulares tanto em contextos de correferencialidade quanto em contextos em que o pronome não conta com um referente explícito. Ao abordarmos estes dois contextos separadamente, discutiremos as hipóteses aqui levantadas e suas implicações para teorias de processamento linguístico.

1. O processamento de pronomes plurais correferenciais

Dentre os estudos que retratam a resolução das anáforas associativas em que pronome plural não apresenta concordância morfológica com seu antecedente (e.g., "O time estava sentado porque eles cansaram muito durante o treino", "Nunca confie em um advogado. Eles só querem seu dinheiro"), alguns usaram o tempo de leitura total da sentença para mostrar o efeito das variáveis controladas (Gernsbacher, 1991; Oakhill *et al*., 1992; Foerstch e Gernsbacher, 1997), enquanto outros valeram-se de estatísticas (frágeis) obtidas pela análise do tempo total de fixação[10] (Joosten *et al*., 2007) ou alegaram haver um efeito de *spill-over*[11] que só pode ser percebido no verbo posterior ao pronome (Farias *et al*., 2012). As medidas de análise que não se limitam ao segmento crítico investigado são comuns em experimentos de leitura auto-cadenciada e *eye-tracking*, mesmo quando o foco do estudo é o processamento de pronomes singulares (e.g., Chambers e Smyth, 1998; Crawley *et al*., 1990; Stewart *et al*., 2007). Entretanto, se considerarmos os estudos que fornecem um quadro mais completo dos dados obtidos, indicando o momento em que os efeitos esperados pelos autores se tornam visíveis, notaremos uma tendência distinta entre os dados gerados por pronomes plurais e singulares.

Joosten *et al*. (2007), por exemplo, esperavam identificar maior dificuldade do processamento do pronome plural possessivo quando este tivesse como antecedente um coletivo cujos membros são mais acessíveis (e.g., "o casal") do que quando o antecedente fosse um coletivo de membros menos acessíveis (e.g., "o sindicato"). Para o processamento de pronomes possessivos singulares, os autores esperavam o comportamento inverso. A análise feita a partir do tempo total de fixação, embora não muito robusta, corrobora a hipótese dos autores; contudo, os efeitos de facilidade de processamento dos pronomes plurais/singulares se fazem sentir em momentos diferentes. A análise do segmento posterior ao pronome revela

[10] O tempo total de fixação é uma medida obtida através de rastreamento ocular e indica a soma de todas as fixações feitas em determinada região, independente do momento em que ocorreram. Por ser uma medida geral, ela não é adequada para acompanhar com precisão o curso temporal do fenômeno estudado.

[11] O fenômeno, amplamente descrito na literatura (e.g., NICOL e SWINNEY, 1999), caracteriza-se pelo "espalhamento" do efeito esperado em um determinado segmento da sentença para os pontos subsequentes.

que o único efeito notado é, de fato, a dificuldade de se processar o pronome plural se o antecedente é um coletivo como "o partido". Por outro lado, a dificuldade de se processar um pronome singular quando seu antecedente é um coletivo como "a dupla" aparece em um segmento anterior, justamente no momento da leitura do pronome.

Um padrão de comportamento semelhante – i.e., o efeito esperado por pronomes singulares ser mais imediato que o de pronomes plurais – também foi relatado por Moxey *et al*. (2004) ao investigarem o uso de referências pronominais para *split antecedents*. Segundo os autores, o pronome plural "they" teria um custo menor ao retomar o referente "John+Mary" em "John and Mary did X" do que em contextos como "John did X with Mary" (Sanford e Moxey, 1995). Além disso, refletindo um viés introduzido pelo papel temático, o processamento do pronome seria ainda mais custoso em sentenças do tipo "John did X for Mary". A previsão para os pronomes singulares era a oposta, i.e., maior custo cognitivo para processar "he" após "John and Mary" do que nas outras condições. Alguns dos efeitos esperados para "he" se fizeram sentir na região imediatamente posterior ao pronome, preenchida por um advérbio, enquanto parte dos efeitos previstos para o pronome plural emergiram apenas na região final da sentença, separada de "they" por um advérbio e um verbo. Além destes dados, os autores reportaram maior dificuldade, de modo geral, no processamento das sentenças com pronomes singulares. O efeito considerado para essa conclusão foi o tempo de transposição da primeira leitura[12] na região verbal e na região final da sentença, que foi significativamente maior após o pronome "he". Reportou-se também maior número de regressões a partir da região final da sentença quando o pronome utilizado era singular.

Para Moxey *et al*. (2004), seus dados permitem chegar a algumas conclusões sobre o processamento de pronomes plurais e singulares na posição de sujeito. Em primeiro lugar, o padrão relatado indica que pronomes singulares são resolvidos imediatamente, o que explicaria o fato de os efeitos esperados serem observados pouco tempo após a apresentação do pronome. Por outro lado – e possivelmente

[12] Transposição de primeira leitura, ou *first pass reading*, indica o tempo total de fixação desde a primeira vez que se entra em um segmento delimitado pela esquerda até o momento em que o olhar deixa esse segmento, seja pela esquerda ou pela direita.

devido às amplas possibilidades de referência que discutimos no primeiro capítulo da tese – pronomes plurais podem ficar sub-especificados durante um período, resultando no retardo dos efeitos previstos pelos autores. Ainda de acordo com Moxey *et al*. (2004), pronomes como "they" não precisariam imediatamente de um antecedente, o que explicaria um menor custo cognitivo comparativamente aos pronomes singulares. Por fim, essa explicação implicaria assumir que os tempos observados não refletem um custo cognitivo menor para a resolução do pronome plural, mas sim o fato de o pronome plural *não ser resolvido* por um período maior de tempo.

A hipótese levantada por Moxey *et al*. (2004) ainda serve para explicar os resultados obtidos por Sanford e Filik (2007) em um experimento conduzido por meio de rastreamento ocular. Estudando a compreensão do *singular they* em inglês, os autores reportaram que os efeitos para pronomes plurais foram identificados apenas em medidas tardias de processamento, como o tempo total de fixação, ao passo que, para pronomes singulares, os efeitos esperados foram encontrados em medidas mais imediatas (mais especificamente, número de regressões a partir da região pronominal e tempo de regressão (*regression path*) na mesma região). Sanford e Filik (2007) explicam essa diferença assumindo que a resolução de pronomes plurais, conforme relatado por Moxey *et al*. (2004), é postergada comparativamente à resolução de pronomes singulares; portanto, os efeitos esperados só são sensíveis em medidas que refletem estágios tardios do processamento.

A análise proposta por Moxey *et al*. (2004), embora dê conta de explicar o quadro de dados obtidos por seus experimentos, é *post-hoc*, e, como tal, deve ser vista com cautela. A primeira intenção dos autores não foi investigar se os processos de resolução de pronomes plurais e singulares são temporalmente distintos, e, portanto, o desenho do experimento empregado não é o ideal para tratar da questão. De todo modo, os dados e observações relatadas tornam válida a tarefa – da qual pretendemos nos ocupar – de estudar o processamento de pronomes plurais e singulares comparativamente, investigando suas semelhanças e diferenças. O único trabalho de nosso conhecimento que comparou, de forma mais sistemática, a

diferença de custo de processamento entre os dois pronomes valeu-se do estudo dos processos inferenciais a partir do qual um pronome plural ou singular poderia alcançar seu referente (Filik *et al*., 2008). Os autores concluíram que, quando o referente de um pronome é inferível no contexto, mas não é explícito, pronomes plurais (i) são resolvidos com base na recuperação de referentes inferíveis, diferentemente dos pronomes singulares; (ii) instauram sempre um custo de processamento menor que pronomes singulares; (iii) não acrescentam, quando não há antecedente explícito, um novo referente no discurso (Filik *et al*., 2008; Sanford *et al*., 2008). Contudo, acreditamos que há pelo menos uma hipótese alternativa que dê conta de explicar os dados dos autores.

Portanto, na sequência desenvolveremos com mais detalhes o trabalho de Filik *et al*. (2008), abordando seus dados e provendo-lhes explicações alternativas que testamos em um experimento cujo foco é a análise do processamento de pronomes plurais não-anafóricos.

2. O processamento de pronomes plurais e singulares sem antecedentes explícitos

Embora tenhamos discutido, até aqui, casos de experimentos que lidaram com a resolução de pronomes plurais correferenciais, não é novidade, dentre os estudos sobre o processamento linguístico, que pronomes plurais muitas vezes se resolvam por meio de inferências. Diversos autores se dedicaram a investigar os processos que levam à resolução do pronome plural em casos similares a (2.1.) e (2.2), abaixo (e.g. Gernsbacher, 1991; Oakhill *et al*., 1992; Silva, 2004).

(2.1) A refeição que recebi *no voo* estava melhor que de costume. Eles serviram a comida com muita educação.
(2.2) A refeição que recebi estava melhor que de costume. Eles serviram a comida com muita educação durante *o voo*.

Nessas situações, o contexto instancia uma representação rica em referentes não-explícitos. Através da menção de "voo", por exemplo, poderíamos pensar, ao construirmos uma representação discursiva, nos passageiros, comissários de bordo, diretores ou funcionários da companhia aérea. Além disso, a compreensão do

pronome não é dependente de especificação de número do agente (Koh *et al*., 2011), pois não se faz necessário que saibamos quantos se envolveram na ação denotada pelo predicado "servir a comida com muita educação". Na verdade, é possível que o ato de servir o enunciador do texto tenha sido realizado por apenas um agente, mas isso não é relevante para a compreensão do texto. O pronome plural, portanto, serviria para retomar um referente sub-específico, identificável no contexto, mas sobre o qual não precisamos recuperar muitas informações.

Buscando entender com mais detalhes este tipo de ocorrência de pronomes plurais, Filik *et al*. (2008), cujos dados discutiremos com mais detalhes aqui, apresentaram quatro condições experimentais aos participantes de um experimento conduzido por meio de eletroencefalografia e que visava medir os potenciais evocados[13] por pronomes plurais e singulares com ou sem antecedente. Sua intenção era averiguar se, em um contexto em que há potenciais referentes inferíveis, o processamento do pronome plural se daria por um processo de sub-especificação, baseando-se em um antecedente recuperável, ainda que inespecífico. Os autores criaram sentenças similares às apresentadas abaixo, que permitiriam a comparação da resolução dos pronomes singulares e plurais em uma situação controle de antecedentes explícitos, como em (2.3a) e (2.3c), e uma situação em que o antecedente teria que ser inferido, como nos exemplos (2.3b) e (2.3d).

(2.3a) The in-flight meal I got from *the stewardess*$_{sing}$ was more impressive than usual. In fact, *she* courteously presented the food as well. ("he"/"she" com antecedente)
(2.3b) The in-flight meal I got was more impressive than usual. In fact, *she* courteously presented the food as well. ("he"/"she" sem antecedente)

(2.3c) The in-flight meal I got from *the stewardesses*$_{pl}$ was more impressive than usual. In fact, *they* courteously presented the food as well. ("they" com antecedente)
(2.3d) The in-flight meal I got was more impressive than usual. In fact, they courteously presented the food as well. ("they" sem antecedente)

[13] Os potenciais evocados relacionados a eventos (*ERPs*, na sigla em inglês) são uma resposta eletrofisiológica a um estímulo específico (e.g., um contexto de violação sintática ou semântica), e têm sido usados como uma técnica confiável de se inferir a natureza de dificuldades observadas durante o processamento linguístico, inclusive em questões relacionadas a processos referenciais (e.g., Van Berkum *et al.*, 2007; Nieuwland *et al.*, 2007).

Caso a leitura de pronomes plurais e singulares causasse uma dificuldade imediata de processamento da sentença, a expectativa era de que esse custo extra se refletisse em um P600 [14], um potencial comumente usado por estudos psicolinguísticos para detectar uma falha sintática nos estímulos experimentais. De fato, esse efeito foi sentido, mas apenas na condição de pronome singular sem antecedente, o que demostra que pronomes plurais sem antecedentes são processados sem a imposição de um custo de processamento adicional comparativamente a situações de correferencialidade explícita. Segundo os autores, isso seria indício de que, para o pronome plural ser interpretado, basta que se infira um antecedente da situação apresentada, sem necessidade de construção de um referente específico[15]. Além disso, os autores identificaram um N400[16] de menor amplitude para os pronomes plurais comparativamente aos pronomes singulares independentemente do status do antecedente, o que corroboraria a hipótese de Moxey *et al*. (2004) segundo a qual pronomes plurais seriam processados com mais facilidade que pronomes singulares.

3. Hipóteses

Os resultados discutidos nas seções anteriores nos levam a construir duas hipóteses principais que constituem o cerne desta tese. Em primeiro lugar, tomamos os dados sobre o processamento de pronomes correferencias e sem antecedente como indício de que pronomes plurais e singulares seguem estratégias de resolução distintas. Acreditamos que a diferença central de processamento entre esses dois

[14] O P600 é uma positividade detectada cerca de 600 milissegundos após apresentação do segmento crítico no item experimental e, de modo geral, indica contextos de falha sintática ou revisão de uma estrutura preferencial (Osterhout e Holocomb, 1992; Hagoort *et al.*, 1993). No caso da leitura pronominal, diversos estudos relatam esse tipo de efeito quando o pronome apresentado não concorda em gênero e/ou número com seu possível antecedente (Xu, 2013; Van Berkum *et al*., 2007, Osterhout *et al*., 1997).

[15] Sanford *et al*. (2008) investigaram a mesma questão usando técnicas de rastreamento ocular e não identificaram qualquer custo associado à condição de pronome plural sem antecedente, o que indicaria que essas ocorrências de fato seriam processadas sem qualquer custo para a leitura das regiões pronominais e pós-pronominais.

[16] O N400 é um componente negativo identificado cerca de 400 milissegundos após a apresentação do estímulo. No processamento linguístico, ele é frequentemente associado ao processamento de informações semânticas (Kutas e Hillard, 1980; cf. Kutas e Federmeier (2011) para uma revisão mais recente), e acredita-se que uma menor amplitude de N400 indique maior facilidade de integrar novas informações ao discurso.

pronomes se deve ao imediatismo com que a expressão pronominal deve ser ligada a um antecedente apresentado previamente no discurso. Como pronomes plurais muitas vezes se resolvem com base em informações apresentadas posteriormente, seu processamento não prescinde de um antecedente explícito ou inferível no contexto anterior, e, quando há um antecedente, a relação de correferência não é estabelecida imediatamente. Pronomes singulares, todavia, devem causar um custo cognitivo adicional caso não possam ser imediatamente ligados por uma relação de correferência a uma expressão antecedente explícita.

Para que pudéssemos construir essas hipóteses, partimos, principalmente, dos resultados de Filik *et al*. (2008) no estudo dos pronomes plurais sem antecedentes explícitos. Os dados dos autores são claros ao demonstrar que o status do antecedente – inferido ou explícito – não interfere na resolução do pronome plural. Contudo, como os itens experimentais foram criados de modo a construir uma representação discursiva da qual fosse possível inferir referentes com facilidade, não se pode saber, com clareza, a natureza da diferença entre pronomes plurais e singulares. Em um primeiro cenário, poderíamos partir do pressuposto de que a resolução dos pronomes em (2.3a) e (2.3c) seguiriam os mesmos passos; neste caso, não há motivos para imaginarmos que o processador, ao ter que lidar com um pronome plural, não tente identificar, de imediato, um referente. A diferença entre o pronome singular e plural, portanto, residiria na facilidade com que este último é capaz de resgatar um referente sub-específico e altamente inferível. Em outras palavras, o processamento do pronome plural não depende da identificação de *quem* fez a ação, mas, para que ele aconteça sem custos, é importante que o contexto consiga prover uma situação a partir da qual pelo menos umreferente possa ser inferido.

Como hipótese alternativa, poderíamos imaginar que, como a gama de referência do pronome plural é sempre mais ampla, o momento inicial do seu processamento seria marcado pela não-resolução do pronome, conforme sugerem Moxey *et al*. (2004). Neste caso, a falta de efeito observada entre as duas instâncias do pronome “they” se explica pelo fato de, nos dois casos, estarmos diante do mesmo fenômeno. Como o padrão de resolução de pronomes plurais – qualquer que

seja seu antecedente – sempre dependeria de uma fase inicial em que o pronome não é resolvido, não observamos qualquer efeito que pudesse ser causado por uma falha referencial. A principal diferença entre uma e outra hipótese está no papel do contexto como provedor de um referente inferível: enquanto a explicação anterior, apresentada por Filik *et al*. (2008), prevê que o padrão de resultados seja observável apenas para contextos em que haja referentes inferíveis, a explicação alternativa que apresentamos prevê que, em qualquer situação, a resolução de pronomes plurais seguirá as mesmas etapas, passando, inicialmente, por um período em que não é atribuída ao pronome qualquer referência.

Também vimos na primeira seção desse capítulo que pronomes plurais, mesmo quando em relação de correferência com um antecedente, parecem levar mais tempo para serem resolvidos do que pronomes singulares (Moxey *et al*., 2004). Por esse motivo, nossa hipótese de que pronomes plurais e singulares são processados de forma distinta também prevê que, para pronomes plurais, a relação de correferência não é formulada imediatamente, pois carece de informações adicionais que confirmem que o referente do pronome não será um sujeito indeterminado apresentado posteriormente, como acontece nos casos de frustração de correferência (cf. Capítulo 1, seção 5).

Duas manobras experimentais poderiam investigar nossas hipóteses. Em primeiro lugar, averiguar se pronomes plurais sem antecedente iniciam uma busca imediata por referentes inferíveis pode ser feito com contextos mais restritos, que, ao contrário dos itens experimentais de Filik *et al*., não construiriam representações mentais do discurso das quais fosse possível inferir um agente para o evento denotado (e.g., "Alice sempre comia bastante carne e *eles*..."). Essa mudança permitiria investigar se, mesmo em contextos sem referentes sub-específicos facilmente recuperáveis, o pronome plural continuaria a não evocar um custo inicial maior comparativamente a contextos de antecedentes explícitos (e.g. "Rômulo e César sempre comiam bastante carne e *eles*..."). Ademais, se, como indica nossa hipótese sobre correferencialidade, o pronome plural permanece não resolvido até que haja informações que permitam estabelecer o seu referente, então devemos observar diferença entre pronomes plurais e singulares quanto à reanálise de sua

referência. Em outras palavras, no caso de haver um antecedente explícito para o pronome (e.g. "O(s) mecânico(s) não tinha(m) muita paciência. Ele(s)..."), será menos custoso processar um trecho subsequente que leve à reanálise da referência quando um pronome for plural do que quando o pronome for singular (e.g. "O(s) mecânico(s) não tinha(m) muita paciência. Ele(s) sempre davam ao(s) mecânico(s) as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora").

Para investigarmos essas questões, conduzimos dois experimentos de leitura. Em um primeiro experimento, avaliamos os processos de frustração de correferência de pronomes plurais e singulares para investigar se o comprometimento do pronome com um suposto antecedente segue o mesmo curso temporal em ambos os casos. O segundo experimento analisou o processamento de pronomes plurais não-anafóricos que marcam a indeterminação do sujeito. O objetivo foi investigar se esses pronomes impõem um custo extra ao processamento, e, em caso positivo, se tal custo é similar ao custo da realização de um pronome singular não-anafórico. Conforme veremos nos capítulos seguintes, os resultados obtidos corroboram nossas hipóteses iniciais e indicam que pronomes plurais (a) não necessitam de um antecedente de forma imediata; (b) não estabelecem uma relação de correferência tão logo sejam lidos.

Contudo, antes de passarmos para a descrição da etapa experimental de nosso trabalho, discutiremos as consequências teórico-metodológicas de se tomar o processamento do pronome plural como um fenômeno que depende da sub-especificação e/ou da não resolução imediata do *input* linguístico. Conforme veremos, essa posição conta com evidências empíricas advindas do estudo de diversos fenômenos linguísticos, ainda que parta de pressupostos nem sempre compartilhados por uma visão clássica do processamento.

4. Ganhos teórico-metodológicos advindos do estudo dos pronomes não-anafóricos

Ao longo deste trabalho, temos defendido a necessidade de um estudo comparativo mais denso entre pronomes plurais e singulares de terceira pessoa. De

forma geral, os estudos que usam o tempo de leitura de sentenças com pronomes plurais e singulares como método de investigar suas questões o fazem partindo do pressuposto de que os processos que guiam a resolução destes pronomes são idênticos. Em parte, isso acontece pela tradição que uma visão clássica e incremental exerce no campo do processamento da linguagem (Marslen-Wilson, 1975; Swinney, 1979; Frazier, 1987), principalmente no que diz respeito às anáforas e, por extensão, expressões pronominais. De acordo com essa visão, as informações disponíveis são imediatamente usadas para construir uma representação completa do *input* linguístico; como consequência, os contextos nos quais a resolução pronominal tem sido estudada sugerem que seu processamento seja incremental e imediato (Arnold *et al*., 2000; Sturt, 2003).

Contudo, dados sobre diferentes aspectos linguísticos parecem indicar que, em determinadas situações, o processamento da linguagem se ancora em representações mais superficiais e incompletas do *input* linguístico (cf. Sanford e Sturt, 2002). Consideremos a sentença abaixo, por exemplo:

(2.4) Todos os alunos leram um gibi.

Para a sentença (2.4), há pelo menos duas interpretações semânticas: na primeira, todos os alunos leram um único gibi; na segunda, cada aluno leu um gibi diferente. Além disso, a expressão "gibi" pode ter dois sentidos distintos: por um lado, pode fazer referência a um título específico; por outro, pode referir-se especificamente a um exemplar do gibi. Nem sempre, contudo, é necessário considerar todas essas opções para uma compreensão satisfatória de um enunciado similar ao que temos em (2.4). Em um contexto escolar em que a grade curricular prevê que os alunos são obrigados a ler gibis, a diretora pode perguntar ao professor "Os alunos leram gibis durante o semestre?", e a resposta "Todos os alunos leram um gibi" seria satisfatória, mesmo que não se especificasse uma dentre todas as possíveis leituras para a sentença.

Estudos que tratam dessa ambiguidade de escopo (Dwivedi e Goldhawk, 2009) têm mostrado forte evidência de que, em algumas situações, o processamento linguístico se pauta, preferencialmente, por representações sub-específicas. Essa

tendência pela sub-especificação em alguns contextos é reportada também por estudos que tratam de ambiguidade de sentido (Frazier e Rayner, 1990), ambiguidade sintática (Swets *et al*., 2008), decisão sobre aspectos relacionados a eventos (Pickering *et al*., 2006) e ilusão semântica (Van Oostendorp e Kok, 1990). Neste contexto, também os processos da resolução de pronomes anafóricos têm recebido atenção de trabalhos que tratam de casos em que o antecedente da expressão anafórica não é bem claro, mas nem por isso a leitura do pronome causa um custo de processamento extra (Poesio *et al*., 2006; Stewart *et al*. 2007). No par de sentenças (2.5-2.5a)[17], por exemplo, o referente do pronome "ele" é claramente o rádio que que Maria comprou. Entretanto, (2.5b) dá margem a duas interpretações: por um lado, há a possibilidade de Maria ter comprado o exemplar que estava em exposição; alternativamente, Maria pode ter comprado um outro exemplar do objeto, mas idêntico ao rádio que estava na vitrine da loja.

(2.5) Maria comprou um novo rádio.
(2.5a) Ele quebrou depois de uma semana de uso.
(2.5b) Ele estava exposto na vitrine da loja.

Estes casos tornam aparente a necessidade de se estudar expressões pronominais como itens lexicais que nem sempre constroem ou buscam uma representação específica de seu referente. A diferença do caso descrito acima para os casos de pronome plural que pretendemos investigar reside no caráter anafórico do pronome singular. Ainda que se defenda um contexto de sub-especificação para o prononome "ele" em (2.5b), há ainda um antecedente ("um novo rádio") a partir do qual o pronome pode extrair sua referência, mesmo que esta seja sub-especificada. Contudo, nos casos de frustração de correferência e de pronomes não-anafóricos a situação é diferente: só é possível entender o pronome como um índice de indeterminação quando da leitura de informações dadas posteriormente.

Dentro de um quadro teórico em que representações sub-específicas do *input* linguístico contribuem significativamente para o processamento da linguagem, o fenômeno que nos propomos a investigar toca em algumas questões importantes. Em

[17] Os exemplos em (2.5a-b) são adaptados de Sanford e Sturt (2002).

primeiro lugar, há de se destacar que uma das perguntas mais importantes feita pelos trabalhos que se dedicam à questão se refere ao tipo de situações que licenciam representações não específicas do *input* linguístico. Inúmeros estudos apontam que manipular fatores como carga informacional ou foco podem inibir um processamento mais superficial (Sanford *et al*., 2006; Brédart e Modolo, 1988; Baker e Wagner, 1987). Aqui, nosso interesse recai na quantidade de informações discursivas necessárias para saturar um pronome plural de forma sub-específica. Segundo Filik *et al*. (2008), a resolução do pronome plural depende, necessariamente, de um contexto do qual se possam extrair informações sobre seu referente inespecífico. Contudo, como vimos, uma possível explicação alternativa prevê que o comportamento observado pelos autores se deve ao fato de pronomes plurais não instanciarem, de imediato, a busca por um antecedente. Com um experimento a ser descrito posteriormente, colocamos à prova essas duas hipóteses a fim de contribuir para uma maior compreensão dos contextos que licenciam as representações sub-especificadas de pronomes plurais.

Ademais, a proposta de estudarmos a resolução de pronomes plurais sob o prisma de teorias que preveem a sub-especificação da representação do estímulo linguístico pode ser vantajosa para aferir que tipos de processos levam alguns estudos a documentar que a resolução de pronomes plurais, comparativamente a pronomes singulares, é processualmente menos custosa (Sanford e Filik, 2007; Moxey *et al*., 2004; Sanford *et al*., 2008). Ao investigarmos casos de frustração correferencial, nosso objetivo será determinar se as diferenças relatadas se devem à representação sub-especificada do pronome plural no momento de sua leitura, como sugerem Moxey *et al*. (2004). Em caso afirmativo, opondo-nos aos que advogam as visões mais incrementais de processamento, teremos indícios de que mesmo a resolução pronominal pode gerar representações pouco específicas do estímulo linguístico em alguns contextos.

Por fim, ao assumirmos que pronomes plurais podem não ser resolvidos de imediato, ainda conseguimos explicar dados de estudos que investigam a influência que pistas formais ou discursivas exercem no processamento linguístico. Como se sabe, um dos grandes debates na Psicolinguística se dá na discussão sobre a

centralidade da sintaxe durante o processamento da linguagem. Enquanto alguns autores argumentam que há primazia do uso de pistas sintáticas no processo de compreensão linguística (Fodor, 1983; Forster, 1979), outros atestam que fatores pragmáticos ou contextuais podem suplantar informações formais durante o processamento da linguagem (Hess, *et al*., 1995; Altmann e Kamide, 1999; Nieuwland e Van Berkum, 2006b; Van den Brink *et al*., 2012). Em relação ao processamento de pronomes, por exemplo, alguns estudos que se filiam ao primeiro grupo indicam que há preferência por identificar como antecedente do pronome o referente que ocupa a mesma posição gramatical (Sheldon, 1974; Smyth, 1994) ou a posição de sujeito da sentença anterior (Brennan *et al*., 1987; Crawley *et al*., 1990). Por outro lado, há evidências de que os resultados reportados por esses autores sejam epifenômenos de processos mais gerais que, por sua vez, seriam influenciados por fatores discursivos (Hobbs, 1979; Wolf *et al*., 2004; Kehler *et al*., 2007; Rohde, 2008).

Ainda que esse tópico não seja o foco da nossa pesquisa, a hipótese de que pronomes plurais não são resolvidos imediatamente pode explicar porque estudos recentes sugerem que seu processamento sofre mais influência de aspectos discursivos do que de fatores sintáticos. Gelormini-Lezama e Almor (2013) estudaram a resolução de pronomes lexicalizados e nulos em espanhol partindo do pressuposto de que os leitores buscam a referência para pronomes plurais consultando um modelo de representação discursiva em que se forma uma entidade plural. O processo de formação dessa entidade, por sua vez, pode ser facilitado tanto por aspectos sintáticos, como construção de estruturas coordenadas (e.g., "João e Maria"), quanto por fatores discursivos, como o envolvimento dos atores que compõem a pluralidade em uma mesma atividade. Com base nos dados de um experimento de leitura, os autores reportaram que aspectos sintáticos, embora influenciem a resolução da anáfora pronominal singular, não influenciam o processamento dos pronomes plurais, que parecem mais afetados por questões de ordem discursiva.

O fato de pronomes plurais não serem resolvidos imediatamente pode fazer com que características mais superficiais de seu antecedente e de cunho estritamente sintático não exerçam influência em seu processamento; já pronomes

singulares, por iniciarem uma busca imediata por seu antecedente, sofrem com a influência desses fatores. Não estamos assumindo que informações de ordem discursiva não possam, a depender do contexto, exercer influência imediata no processamento linguístico. As evidências de que há influência imediata de fatores discursivos no processamento da linguagem são robustas, foram discutidas amplamente em outros estudos (e.g., Nieuwland e Van Berkum, 2006b) e não são foco do nosso trabalho. Aqui, queremos apenas ressaltar que o atraso no estabelecimento da correferência para pronomes plurais pode fazer com que se neutralize, no processo, a influência de fatores sintáticos, geralmente sentidos de imediato no processamento linguístico.

A fim de investigar se o processamento de pronomes plurais realmente passa por um período em que sua referência não é resolvida, conduzimos dois experimentos de leitura usando técnicas de rastreamento ocular e de leitura autocadenciada. Nossos resultados, que corroboram em grande parte as hipóteses de que pronomes plurais e singulares seguem estratégias distintas de resolução, serão discutidos nos capítulos subsequentes.

CAPÍTULO 3

O processamento da frustração de correferência

O primeiro experimento aqui descrito busca investigar como se dá o processamento de pronomes plurais nos contextos de frustração correferencial definidos no primeiro capítulo deste trabalho. Nossa meta é identificar, nestes contextos, se pronomes plurais e singulares seguem os mesmos processos em um curso temporal também semelhante, ou se, como argumentam Moxey *et al*. (2004), há diferenças intrínsecas ao processamento destes pronomes que resultam em uma facilitação de processamento do pronome plural frente ao singular. Para investigar essas questões, nosso primeiro experimento visa (i) estudar, comparativamente, o curso temporal da resolução de pronomes plurais e singulares; (ii) determinar se o custo empregado para que a expressão pronominal se comprometa com um antecedente explícito é o mesmo nos dois casos; (iii) identificar se a resolução de pronomes plurais a partir de informações apresentadas após a região pronominal impõe um custo extra ao processamento da sentença como um todo.

De modo geral, esses objetivos são distintos daqueles propostos por trabalhos que tratam do processamento de pronomes plurais e singulares, pois não pressupõem, *a priori*, que os processos envolvidos na resolução dessas duas expressões sejam os mesmos. Os achados de Moxey *et al*. (2004) indicam que pronomes plurais que são correferenciais a um antecedente explícito e previamente apresentado são processados com mais facilidade comparativamente a pronomes singulares nas mesmas condições, mas os mesmos dados não são suficientes para explicar essa facilidade. Os autores sugerem que o pronome não é resolvido de forma imediata, mas seus experimentos, justamente por estarem investigando outras questões, não permitem que se investigue se o pronome plural realmente se liga ou não, de forma imediata, ao antecedente apresentado previamente. De acordo

com os dados dos autores e outros estudos sobre o processamento do pronome plural, há pelo menos três hipóteses – todas descritas abaixo – que podem explicar o processamento de pronomes plurais comparativamente a pronomes singulares.

a) pronomes plurais e singulares são resolvidos imediatamente com base em informações apresentadas previamente, e o grau de comprometimento com um referente explícito é o mesmo nos dois casos, o que significa que informações pós-pronominais que revoguem uma relação anafórica levarão a um maior custo cognitivo para pronomes plurais ou singulares;
b) pronomes plurais são resolvidos imediatamente, assim como os singulares, mas seu comprometimento ao formar essa relação anafórica imediata é mais fraco, o que significa que a revogação dessa relação será custosa em ambos os casos, mas o custo será maior para pronomes singulares;
c) pronomes plurais não são resolvidos imediatamente, e, neste caso, não haveria custo adicional caso uma informação pós-pronominal indicasse que o referente dessa expressão não é o mesmo designado por um possível antecedente expresso no discurso.

A fim de buscarmos evidências que amparem uma dessas hipóteses, conduzimos um experimento de leitura com rastreamento ocular. A intenção é observar como os leitores se comportam quando um pronome ocorre em um contexto em que há um antecedente explícito (e.g. "Os mecânicos não tinham muita paciência. Eles..."), mas informações pós-pronominais indicam que seu referente não é a mesma entidade designada por esse antecedente (e.g., "Os mecânicos não tinham muita paciência. Eles geralmente delegavam aos mecânicos as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora"). Se o pronome plural realmente não é resolvido imediatamente, como sugerem Moxey *et al*. (2004), frases que desconfirmam uma expectativa acerca do antecedente do pronome não serão custosas para pronomes plurais. Por outro lado, se há tentativa de resolver o pronome plural imediatamente (Filik *et al*., 2008), o processamento dessas sentenças apresentará um maior custo cognitivo. Além disso, avaliaremos o custo de processamento das sentenças de pronome plural e pronome singular independente das condições de confirmação da

correferência. Com isso, pretendemos colocar à prova o achado de que a resolução dos pronomes plurais, independentemente do contexto, é sempre menos custosa que o processamento do pronome singular (Filik *et al*., 2008; Moxey *et al*., 2004).

1. Materiais

Para investigar o grau de comprometimento do pronome com um possível antecedente, criamos 24 mini-histórias compostas por 2 sentenças. Na primeira delas, apresentamos o possível referente na posição de sujeito, introduzido através de uma expressão como "o mecânico"/"os mecânicos". A segunda sentença, o segmento crítico para nossa análise, tem um pronome masculino plural ou singular como sujeito e servirá para confirmar ou não a expectativa de que o pronome se refere ao sujeito da oração antecedente. A fim de criarmos contextos que não confirmem a expectativa, repetimos como argumento interno do verbo da oração a mesma expressão que foi usada como sujeito da primeira sentença. Esse movimento restringe a possibilidade de correferência do argumento externo – no caso, o pronome – e argumento interno do verbo. Por fim, toda sentença terá um locativo (e.g., "na montadora") a partir do qual o pronome poderia buscar uma referência inferível. A tabela a seguir mostra, de forma resumida, os itens por condição criados a partir do cruzamento das variáveis pronome (2) e confirmação de expectativa (2).

Pronome plural Expectativa confirmada	Os mecânicos não tinham muita paciência. Eles geralmente delegavam aos ajudantes as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.
Pronome singular Expectativa confirmada	O mecânico não tinha muita paciência. Ele geralmente delegava aos ajudantes as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.
Pronome plural Expectativa não-confirmada	Os mecânicos não tinham muita paciência. Eles geralmente delegavam aos mecânicos as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora
Pronome singular Expectativa não-confirmada	O mecânico não tinha muita paciência. Ele geralmente delegava ao mecânico as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.

Tabela 3 – Itens Experimentais: Experimento 1

Antes de continuarmos a descrição da metodologia do experimento, convém fazermos duas observações sobre as sentenças experimentais criadas. A opção de colocarmos o pronome e o suposto referente na posição de sujeito das sentenças se deve ao fato de haver, na literatura psicolinguística, indícios de que pronomes tendem a buscar seu referente nos elementos que ocupam a mesma posição gramatical na oração antecedente (Sheldon, 1974; Smyth, 1979) ou a posição de sujeito (Crawley *et al.*, 1990). Desse modo, criamos um contexto que favorece a resolução imediata do pronome plural caso o processo seja influenciável por aspectos mais formais; por consequência, essa manobra permite que analisemos nossa hipótese de que pronomes plurais não são resolvidos imediatamente, ainda que haja um antecedente em potencial e que pistas sintáticas indiquem que é esse antecedente o seu referente. Como dissemos anteriormente, nossa hipótese é de que pronomes plurais não sejam resolvidos de imediato pois, algumas vezes, podem se valer de informações discursivas apresentadas posteriormente.

Além disso, chamamos a atenção para o fato de o par de sentenças de expectativa não confirmada constituir um texto anômalo em português para as condições de pronome singular, mas não para as condições de pronome plural. Isso se deve ao fato de o pronome plural ser interpretado como uma forma de índice de indeterminação a partir da leitura dos locativos apresentados ao fim da sentença, uma manobra que não é possível para o pronome singular. Por esse motivo, nossas análises levarão em conta, em primeiro lugar, medidas temporais que indiquem estágios imediatos do processamento linguístico, além de focar, principalmente, nas regiões da sentença anteriores ao locativo. Isso nos permitirá comparar com mais acuidade os estágios iniciais do processamento de pronomes plurais e singulares, evitando um viés que pudesse ser causado pela (a)gramaticalidade da sentença.

Com os itens criados, construímos 4 listas distintas, cada uma com 24 itens experimentais, sendo 6 itens de cada uma das 4 condições. Cada sujeito viu uma das quatro condições para cada item, além de 48 sentenças distratoras, que tinham o mesmo comprimento dos estímulos experimentais, mas eram diferentes quanto ao seu conteúdo e estruturação sintática. Como alguns de nossos itens experimentais eram sentenças anômalas, metade das sentenças distratoras apresentadas

continham alguma incongruência semântica ou sintática. Todas as sentenças distratoras e experimentais podem ser conferidas no Anexo 1.

2. Métodos

Participaram do primeiro experimento 32 falantes nativos de português (21 do sexo feminino), naturais da região de Belo Horizonte, e que tinham entre 19 e 32 anos (média de 22,1; desvio padrão de 3,9). Todos os participantes eram ingênuos quanto ao objetivo da pesquisa, tinham visão normal ou corrigida, estavam matriculados no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e receberam créditos por sua participação.

O rastreamento ocular foi feito por meio do rastreador *EyeLink 1000*, em sua versão monocular e com precisão temporal de 1000Hz. Antes de dar início à sessão, todos os participantes recebiam, por escrito, um termo de consentimento que explicava o funcionamento do experimento e convidava-os a participar. Aqueles que se dispusessem a prosseguir, assinavam esse documento[18] e, sob supervisão da pesquisadora responsável, davam início ao procedimento de calibração, cujo principal objetivo era configurar o rastreador para cada um dos participantes.

Antes de dar início ao experimento, todos os voluntários passaram por uma fase de treinamento para que se familiarizassem com o método experimental. As duas sentenças que formavam os textos distratores e experimentais eram apresentadas ao mesmo tempo, em duas linhas – uma para cada sentença – justificadas à esquerda e centralizadas verticalmente na tela de um computador de mesa que estava a cerca de 60 centímetros do participante.

Cada texto permanecia na tela por vinte segundos ou até que o voluntário clicasse com o botão do mouse para passar à tela seguinte, na qual deveria responder, clicando em "SIM" ou "NÃO", uma pergunta sobre o conteúdo da sentença que acabara de ler. Essa manobra nos permitiu excluir os dados de sujeitos que não estavam atentos ao conteúdo dos textos lidos. As sessões experimentais duravam, em média, 25 minutos, excluindo-se o tempo de treinamento e calibração.

[18] Os termos de consentimento, assim como os dados desse experimento, foram arquivados e estão disponíveis para consulta.

3. Análise

Foram descartados os dados de 3 sujeitos que erraram mais de 20% do total das perguntas feitas durante o experimento ou 20% das perguntas feitas para os itens experimentais. Para os dados dos outros 29 sujeitos, excluímos da nossa análise as sentenças experimentais que receberam a resposta errada para a pergunta que era feita após a apresentação do estímulo. Com isso, evitamos que fossem analisados dados de sentenças que possam ter sido lidas sem o devido cuidado pelos participantes. Para fins de análise, dividimos as sentenças críticas em cinco regiões, descritas abaixo:

Eles	geralmente	delegavam	aos mecânicos	as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora
Pronome	Advérbio	Verbo	Região Crítica	Complemento

As medidas usadas para análise foram as seguintes:

a) tempo de primeira fixação: tempo total da primeira fixação na região crítica.
b) tempo de primeiro olhar: tempo total de todas as fixações na região crítica desde o momento em que ela é lida pela primeira vez até o momento em que ela é deixada pela direita ou pela esquerda.
c) tempo de regressão: tempo transcorrido entre o momento em que se entra na região crítica pela esquerda até o momento em que se deixa a mesma região pela direita. Esse tempo pode ser igual ao do primeiro olhar caso não haja regressão, ou pode ser maior, situação em que o olhar voltou para regiões anteriores do texto antes de deixar a região analisada pela primeira vez à direita.
d) tempo total de fixação: tempo total de todas as fixações na região, incluindo-se o tempo de primeiro olhar, segundo olhar e todos os demais.

Um vez que as duas sentenças eram apresentadas simultaneamente, optamos por não trabalhar com o tempo total de leitura das sentenças – afinal, não seria possível separar o tempo gasto para ler a primeira e a segunda sentença. Os

histogramas da Figura 1, na página seguinte, são uma amostra dos resultados coletados[19]. Como os dados obtidos para todas as medidas tinham distribuição não-normal (cf. Anexo 3), optamos por analisá-los por meio de testes que não fizessem hipóteses sobre a distribuição da amostra. O teste escolhido foi o teste não-paramétrico de Mann-Whitney que calcula as diferenças estatísticas a partir das medianas registradas. Por este motivo, todas as medidas em milissegundos aqui reportadas referem-se às medianas dos dados, e não à média aritmética, como geralmente é comum em estudos que empregam testes paramétricos como a ANOVA. Para as análises, usamos o *software* estatístico *R*.

Os resultados obtidos indicam uma influência do número do pronome na leitura das sentenças. Textos com pronomes singulares foram lidos, de modo geral, com menos custo que pronomes plurais. Essa conclusão baseia-se em maior tempo de primeiro olhar (p = 0,02; W = 54363,5) e maior tempo de regressão na região do verbo (p = 0,01; W = 54637,5). A tabela abaixo traz as medianas em cada uma das regiões para as medidas analisadas.

	Primeira fixação		*Primeiro olhar*		*Regressão*		*Total de fixação*	
	plural	*singular*	*plural*	*singular*	*plural*	*singular*	*plural*	*singular*
Pronome	207	205,5	235	228	240	245,5	371	330
Advérbio	205	215	324	355	532	479	720	748
Verbo	233	232,5	296*	265*	341*	294*	575	488
Região Crítica	232	238	407	375,5	512	536	688	712.5
Complemento	230	218	1639	1653,5	3931	4000	2376.5	2603.6

*Diferenças estatisticamente significativas são marcadas por asteriscos

Tabela 4 – Tempo de leitura (em milissegundos) da interação pronome plural x pronome singular: Experimento 1

[19] Os dados do histograma correspondem aos tempos de primeira leitura. Entretanto, ressaltamos que todas as medidas analisadas tiveram uma distribuição parecida com a que mostramos na Figura 1, i.e., distribuem-se de modo não-normal e com cauda longa à direita.

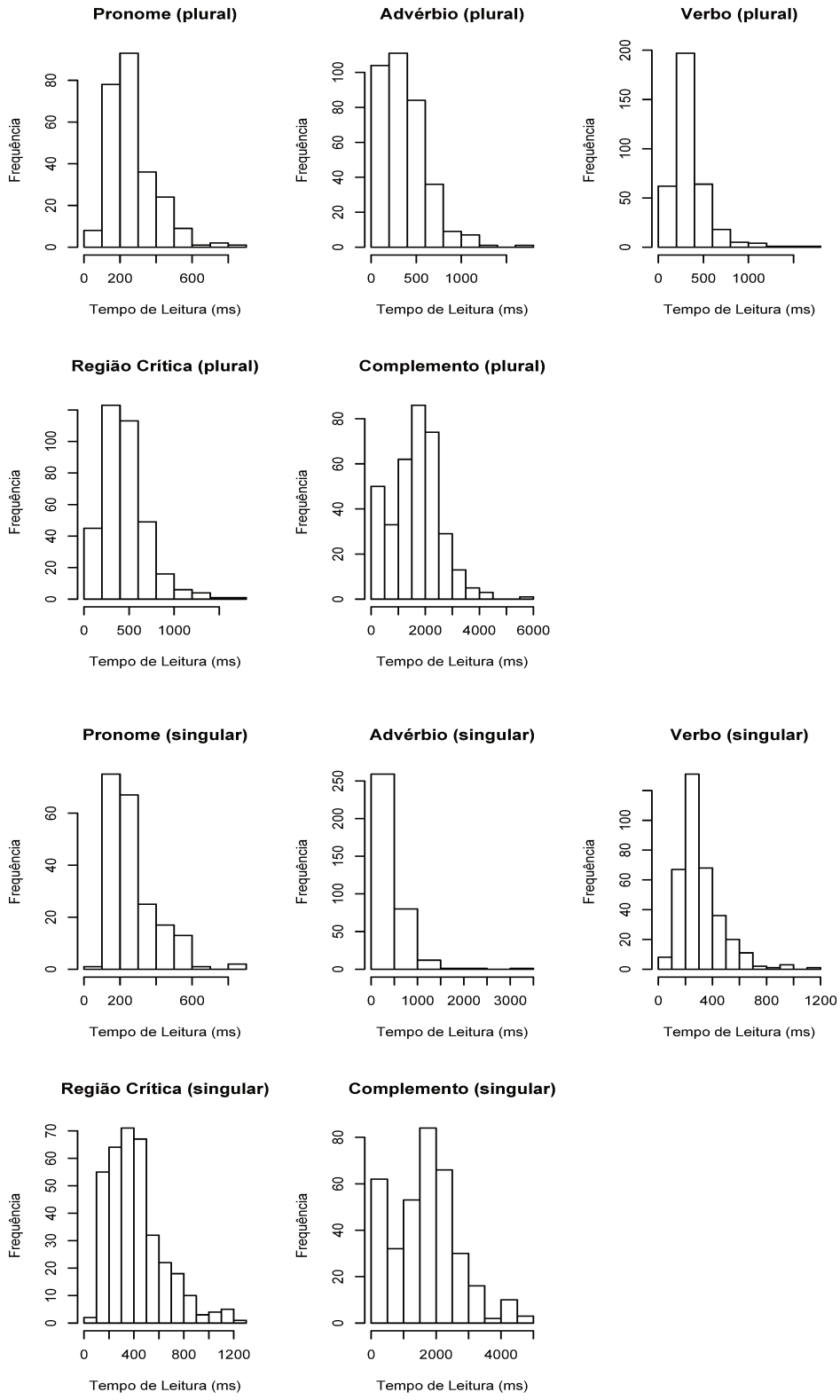

Figura 1 – Histogramas de tempo de primeiro olhar para sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 1

Quando consideramos a interação pronome *x* contexto, percebemos que essa tendência se mantém. Contudo, a diferença é observável apenas nos contextos em que a expectativa de correferência é confirmada, e ocorre para o tempo de primeiro olhar na região crítica (p = 0,04; W = 11637.5; 420ms *vs* 380ms), no tempo de regressão a partir do verbo (p = 0,01; W = 10920; 346ms *vs* 281ms) e no tempo total de fixação na região do pronome (p = 0,007; W = 3257.7; 427ms *vs* 303ms).

Não houve influência da variável correferencialidade se tomarmos os dados como um todo, i.e., sem dividi-los por tipo de pronome. Isso significa que o fato de a região crítica confirmar ou não a relação correferencial com o antecedente não influenciou a leitura das sentenças de modo geral. Entretanto, como vemos na Tabela 5, há interação entre o tipo de pronome e a correferencialidade quando o pronome é singular. Neste caso, há maior tempo de regressão na região do verbo (p = 0,04; W = 11057) quando o contexto *não* confirma a relação correferencial. Essa interação não foi observada para sentenças com pronomes plurais, que foram lidas com o mesmo custo de processamento nas duas condições experimentais.

	Primeira fixação		*Primeiro olhar*		*Regressão*		*Total de fixação*	
	Conf.	*NConf.*	*Conf.*	*NConf.*	*Conf.*	*NConf*	*Conf.*	*NConf.*
				Pronome Plural				
Pronome	207	209	246	229	248,5	237	421,5	345
Advérbio	216	200	345	300	532	542,5	689	750,5
Verbo	233	232,5	287,5	300	345	336	556,5	598
Região Crítica	228,5	241	423	387	530	491	667	698
Complemento	224	235	1717	1561	4042	3852	2432	2372
				Pronome Singular				
Pronome	201	206,5	214	244	226	258	303	345
Advérbio	219	213	358	342	475	483	732	767
Verbo	229,5	237	261	276	277*	315,5*	476	504,5
Região Crítica	235	239	373	381	533	540	718	711
Complemento	223	213	1631	1712	4057	3995	2639	2432

*Diferenças estatisticamente significativas são marcadas por asteriscos

Tabela 5 – Tempo de leitura (em milissegundos) da interação pronome x correferencialidade: Experimento 1

4. Discussão

Dentre as análises que descrevemos acima, duas tendências merecem destaque. Em primeiro lugar, há o fato de as nossas análises terem identificado influência do tipo de relação que o pronome estabelece com a sentença anterior durante o processamento de sentenças com pronome singular, mas não nos casos de pronome plural. O maior custo de processamento das sentenças não-correferenciais de pronome singular fica evidente na medida de tempo de regressão na região do verbo, e não na região crítica, como previámos. Uma possível explicação para a diferença ter ocorrido em uma região anterior à esperada reside na influência da visão parafoveal durante a leitura dos textos. É sabido que o tempo de fixação em uma região *n* é menor quando as informações sobre este trecho são acessíveis por meio de visão parafoveal quando da fixação na região *n-1* (Rayner, 1998). Esse dado indica que informações apreendidas parafovealmente são, de certa forma, integradas ao processamento da sentença. A interpretação que damos para nosso resultado, portanto, é de que a revogação da correferência entre o pronome "ele" e o sujeito da oração precedente já foi percebida logo após a leitura do verbo, o que ocasionou maior tempo de regressão nessas situações. Essa hipótese pode ser posta a prova em um outro experimento, em que haja cuidado para que informações subsequentes não possam ser apreendidas pela visão parafoveal.

Por sua vez, sentenças com pronomes plurais em contextos em que a expectativa de correferencialidade é frustrada não geram custo adicional em comparação a sentenças em que a relação de correferência é confirmada. Isso pode ser indício de que, de fato, pronomes plurais, distintamente dos pronomes singulares, não se ligam imediatamente a um antecedente disponível no contexto. Este resultado é interessante na medida em que diverge da visão clássica do processamento anafórico pronominal, segundo a qual um pronome sempre inicia uma busca imediata por um antecedente (Nicol e Swinney, 2002).

É possível explicar esses dados se imaginarmos que, para o processador, o custo para manter uma representação vaga do pronome talvez seja menor do que o custo envolvido em uma reanálise da referência. Por esse motivo, o fato de

pronomes plurais serem usados com frequência para marcar sujeitos indeterminados pode explicar por que essas expressões não se resolvem de imediato, mesmo quando há um possível antecedente. A não-resolução do pronome, portanto, seria semelhante ao processamento da polissemia conforme a proposta de Frazier e Rayner (1990): não havendo certeza sobre o sentido expresso por uma palavra – ou o referente do pronome, no caso aqui estudado –, instancia-se uma representação vaga da expressão até que o processador tenha as informações necessárias para se comprometer com uma interpretação adequada.

Além disso, ressaltamos o fato de pronomes singulares, de modo geral, terem sido processados mais facilmente que pronomes plurais. Esse resultado poderia ser tomado como indício de que sentenças com pronomes plurais têm um custo de processamento adicional comparativamente a sentenças com pronome singular, possivelmente pelo fato de pronomes plurais não serem resolvidos imediatamente. Em outras palavras, pode-se argumentar, com base nesses dados, que o esforço do processador em manter a representação discursiva sem atribuir de imediato uma referência ao pronome plural resulta em custo maior de processamento.

Entretanto, o achado de que pronomes singulares são processados com mais facilidade que pronomes plurais não é um padrão consistente relatado por outros estudos. Moxey *et al*. (2004) e Sanford e Filik (2007), por exemplo, reportaram maior dificuldade, de modo geral, no processamento das sentenças com pronomes singulares em comparação a sentenças com pronomes plurais, um resultado evidenciado por diversas medidas de análise obtidas por meio de rastreamento ocular. Por outro lado, no estudo de leitura auto-cadenciada que descreveremos no capítulo seguinte, não identificamos diferenças de custo de processamento para pronomes plurais e singulares em relações de correferência. A nosso ver, esses resultados díspares em relação ao grau de dificuldade de processamento de pronomes plurais ou singulares não refletem propriedades destas expressões pronominais, mas apenas características próprias aos estímulos experimentais usados nos diferentes estudos.

Moxey *et al*. (2004), por exemplo, apresentaram o antecedente do pronome plural através de uma expressão coordenada (e.g., "João e Maria") ou de um *split*

antecedent (João fez X com Maria), enquanto, aqui, o antecedente era introduzido por meio de uma expressão definida (e.g., "os mecânicos"). Sanford e Filik (2007) trataram de processos inferenciais para resolução dos pronomes. Essas e outras diferenças podem ter colaborado para as diferenças encontradas nos resultados. Sendo assim, não se pode afirmar, como fazem estudos prévios (Moxey *et al*., 2004; Filik *et al*., 2008), que pronomes plurais sempre têm um custo de processamento menor que os pronomes singulares; tampouco se pode dizer que o custo de pronomes plurais é sempre maior, pois eles forçariam o processador a lidar com uma representação superficial do pronome. O custo comparativo desses pronomes, conforme discutimos, vai depender das características dos itens experimentais usados e do fenômeno investigado. A única característica que a totalidade desses estudos parecem indicar é que o estabelecimento da correferência entre uma expressão antecedente e um pronome plural não ocorre de imediato.

De modo geral, os dados fornecidos por esse primeiro experimento são pertinentes para que se discuta até que ponto pode-se esperar que pronomes plurais sejam imediatamente resolvidos. Por outro lado, esse resultado ainda não nos permite saber quão necessário é um antecedente para um pronome plural. Em outras palavras, o resultado deste primeiro experimento indica que pronomes plurais não se ligam imediatamente a possíveis antecedentes, mas não deixa claro se a falta de um antecedente acarretaria custo de processamento adicional durante a leitura do pronome. Para investigar essa questão, conduzimos um segundo experimento, descrito no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

O processamento de pronomes não-anafóricos

O objetivo do nosso segundo experimento é investigar quão imediata é a busca por um antecedente quando o processador se depara com um pronome plural ou singular. Dito de outra forma, pretendemos averiguar se há esforço imediato para resolver pronomes plurais e singulares com base nas informações apresentadas previamente. Com este objetivo, testamos uma hipótese alternativa à hipótese traçada por Filik *et al*. (2008). Os autores afirmam que pronomes plurais, assim como os singulares, iniciam uma busca imediata por antecedentes, mas o fato de poderem contar com referentes não-especificados e inferíveis pelo contexto faz com que, na falta de um antecedente explícito, não haja custo adicional para o processamento do pronome (Filik *et al*., 2008) e da sentença (Sanford *et al*., 2007). Em suma, para os autores é imprescindível que o contexto seja rico em referentes implícitos para que o pronome seja resolvido.

Essa explicação é perfeitamente compatível com os dados encontrados por Filik *et al*. (2008); porém, se a única diferença entre pronomes plurais e singulares reside na capacidade de evocar referente sub-específicos, como explicar que Moxey *et al*. (2004), Sanford e Filik (2007), Joosten *et al*. (2007) e Gelormini-Lezama e Almor (2013) tenham relatado quadros relativamente distintos para o processamento de pronomes plurais e singulares em relação de correferência? O trabalho de Moxey *et al*. (2004) levanta a hipótese de que pronomes plurais, a despeito do grau de explicitude de seu antecedente, dão sempre início a um processo que *não* culmina na escolha imediata de um referente; como consequência, é possível afirmar que o imediatismo com que um antecedente se faz necessário não é o mesmo para pronomes plurais ou singulares.

O experimento aqui descrito visa contrastar essas duas hipóteses, algo que pode ser feito com o auxílio de uma característica do português brasileiro: a lexicalização de pronomes plurais de terceira pessoa não-anafóricos. Conforme discutimos no primeiro capítulo, o PB permite que o locativo que satura um pronome plural ocorra antes ou depois do pronome. Desse modo, este tipo de pronome é possível em sentenças como (4.1) e (4.2):

(4.1) Eles bebem muita cerveja na Alemanha.
(4.2) Na Alemanha, eles bebem muita cerveja.

Se a hipótese da referência imediata estiver correta, então o pronome em situações semelhantes a (4.1) devem ocasionar um maior custo cognitivo comparativamente ao mesmo pronome em textos similares a (4.2). Por outro lado, se conseguirmos mostrar que a resolução do pronome em ambos os contextos tem o mesmo custo, então teremos evidências que corroboram a hipótese da referência não-imediata. Por fim, uma manobra interessante seria comparar estes contextos de pronome plural com um contexto correferencial ("os alemães... eles..."). Isso nos daria subsídios para afirmar se pronomes plurais sem um antecedente explícito realmente não apresentam um custo cognitivo maior que pronomes correferenciais.

O experimento de leitura auto-cadenciada que descrevemos abaixo teve como objetivo testar essas hipóteses, além de permitir uma comparação direta entre o custo de processamento de pronomes plurais e singulares em três contextos distintos. Ao compararmos o custo de processamento de pronomes plurais e singulares, pretendemos, também, verificar os achados de Filik *et al*. (2008) e Moxey *et al*. (2004), que defendem um custo menor para o processamento do pronome plural independentemente do seu contexto de ocorrência.

1. Materiais

Para nosso primeiro experimento, construímos 42 mini-histórias que serviram de itens experimentais. Cada história era composta de duas sentenças: a primeira era a sentença alvo, na qual estava inserido o pronome crítico; a segunda,

divergente entre nossas condições experimentais, servia apenas para dar coesão global ao texto.

A primeira sentença era formada por duas orações separadas pelo conectivo "e". A primeira oração dava três contextos referenciais diferentes para a resolução do pronome. O primeiro contexto, que chamaremos de referência indeterminada, não trazia qualquer pista sobre qual seria a referência pronominal. Essas situações visavam simular os casos de pronomes não-anafóricos resolvidos por um locativo que é apresentado no fim da sentença. O segundo contexto, também chamado de referência inferível, trazia a expressão locativa para o início da sentença. Desse modo, havia um contexto, marcado pelo locativo, a partir do qual o pronome plural poderia buscar sua referência sub-específica. De acordo com a hipótese traçada por Filik *et al*. (2008), este contexto não deveria apresentar custo adicional comparativamente ao nosso terceiro contexto, que foi correferencial. Neste último caso, o pronome tinha um antecedente explícito e identificável no contexto, marcado pela conjunção de dois nomes próprios. Por outro lado, ainda de acordo com a hipótese de Filik *et al*. (2008), os pronomes correferenciais e de referência inferível deveriam ser processados com mais facilidade que um pronome plural em contexto indeterminado.

Para cada um destes contextos, avaliamos o processamento de pronomes singulares e plurais. Com isso, pretendemos comparar não só o processamento de pronomes plurais entre si quando o contexto é mais ou menos informativo, mas também o custo de processamento de pronomes plurais e singulares frente a esses três contextos aqui definidos. A tabela abaixo mostra alguns dos nossos itens experimentais.

Pronome plural Referência indeterminada	Alice sempre comia bastante carne, e *eles* geralmente assavam uma picanha suculenta e apetitosa ali *na churrascaria do Leblon*. Ela tirava pelo menos um dia da semana para comer ali.
Pronome plural Referência inferível	*Na churrascaria do Leblon*, Alice sempre comia bastante carne, e *eles* geralmente assavam uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. Ela tirava pelo menos um dia da semana para comer ali.

Pronome plural Correferencial	*Rômulo e César* sempre comiam bastante carne, e *eles* geralmente assavam uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. O dom para churrasco dos dois glutões lhes castigava o colesterol.
Pronome singular Referência indeterminada	Alice sempre comia bastante carne, e *ele* geralmente assava uma picanha suculenta e apetitosa ali *na churrascaria do Leblon*. Ela tirava pelo menos um dia da semana para comer ali.
Pronome singular Referência inferível	*Na churrascaria do Leblon*, Alice sempre comia bastante carne, e *ele* geralmente assava uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. Ela tirava pelo menos um dia da semana para comer ali.
Pronome singular Correferencial	*Rômulo* sempre comia bastante carne, e *ele* geralmente assava uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. O dom para churrasco do glutão lhe castigava o colesterol.

Tabela 6 – Itens Experimentais: Experimento 2

Além de passar a expressão locativa para o início da sentença nos contextos de referência inferível, ainda acrescentamos, neste contexto e no contexto correferencial, um segundo complemento (e.g., "para os almoços de domingo"). Essa manobra tem como objetivo fazer com que o complemento pós-verbal que analisamos não configure como fim de sentença em nenhuma das condições, uma vez que a literatura de processamento linguístico é consensual em afirmar que o tempo gasto para ler um trecho qualquer de sentença será sempre maior se esse trecho estiver no fim da sentença.

Para apresentar os textos aos participantes, segmentamos as sentenças conforme demonstramos abaixo. Para ilustrar quais trechos foram utilizados para as análises estatísticas, dividimos esses trechos em três grupos distintos, descritos abaixo.

<u>Sentença contextual</u>

Trecho responsável por dar o contexto – inferível, indeterminado ou correferencial – para cada um dos textos. Os dados de tempo de leitura desse trecho não foram analisados

Alice	sempre	comia	bastante carne

Sentença crítica

Trecho crítico sobre o qual recaíram todas as análises estatísticas descritas nas próximas seções. Para fins de análise, essa sentença foi segmentada em quatro regiões, como vemos a seguir: pronome, advérbio, verbo e complemento. Os complementos foram todos divididos em três partes (e.g. uma picanha/ suculenta/ e apetitosa) para manter uma unidade de divisão sintagmática na apresentação feita aos sujeitos.

e eles	geralmente	assavam	uma picanha	suculenta	e apetitosa
Pronome	*Advérbio*	*Verbo*	*Complemento*		

Trecho final

O trecho final da sentença sempre era segmentado em outros dois, e seu tempo de leitura não foi alvo de análise em nosso trabalho.

na churrascaria	do Leblon

Controlamos o número de sílabas de todas essas regiões para poder capturar qualquer efeito de *spill-over* e para podermos averiguar se os efeitos esperados para pronomes plurais aparecem em regiões distintas dos efeitos esperados para pronomes singulares.

A partir das sentenças construídas, elaboramos seis listas distintas, cada uma com 42 itens experimentais – 7 de cada uma das condições. Cada sujeito viu uma das seis condições para cada item, além de 84 sentenças distratoras que tinham o mesmo comprimento dos estímulos experimentais[20]. As sentenças distratoras não tinham conteúdo semântico ou estruturação sintática semelhante aos itens experimentais, e um quarto delas continham incongruências sintáticas ou semânticas.

[20] Todos os itens experimentais e sentenças distratoras estão listadas no Anexo 1.

2. Métodos

Participaram do segundo experimento 48 sujeitos (30 mulheres), de idade entre 18 e 34 anos (média de 23,6; desvio padrão de 4,2) todos falantes nativos de português brasileiro e oriundos da região de Belo Horizonte. Todos os participantes eram ingênuos quanto ao objetivo da pesquisa, estavam matriculados no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e receberam créditos por sua participação.

Assim como no primeiro experimento, os participantes recebiam, por escrito, um termo de consentimento com breve explicação sobre o experimento. O documento foi assinado por aqueles que se dispuseram a participar[21] e, sob supervisão da pesquisadora responsável, os voluntários passavam por uma fase de treinamento para que se familiarizassem com o método experimental.

Utilizando o *software E-prime*, o total de 126 itens foi apresentado através de uma técnica não-cumulativa e sintagma-a-sintagma de leitura auto-cadenciada (Just *et al*., 1982), i.e., cada trecho da sentença foi apresentado no centro da tela, e o participante controlou o ritmo da leitura pressionando a barra de espaço do teclado. Desse modo, a mudança de um trecho ao outro acontecia apenas quando o voluntário assim desejava. Antes do início de cada item experimental ou distrator, havia um sinal de positivo no meio da tela para que os voluntários concentrassem seu olhar na região onde o texto apareceria. Após cada item, o voluntário foi convidado a responder "sim" ou "não" para uma pergunta feita acerca do conteúdo da sentença. Não havia tempo limite para o registro da resposta, e o participante tomava o tempo necessário para responder cada uma das 126 perguntas. O tempo médio de cada sessão era de 40 minutos, excluindo-se o tempo de treinamento, e o voluntário era instruído a fazer uma pausa entre as sentenças sempre que se sentisse cansado.

[21] Os termos de consentimento, assim como os dados do segundo experimento, foram arquivados, e podem ser disponibilizados para consulta.

3. Análise

Foram descartados os dados de 3 sujeitos que erraram mais de 20% das perguntas feitas ao fim de cada sentença, e, assim como fizemos para o Experimento 1, descartamos da nossa análise as sentenças experimentais com respostas erradas dos 45 sujeitos restantes. Na análise, nossa medida de interesse foi o tempo de leitura dos quatro trechos descritos acima: pronome, advérbio, verbo e complemento.

Similarmente ao observado no primeiro experimento, os dados obtidos tiveram distribuição não-normal[22], o que nos levou a eleger o teste de Mann-Whitney como a ferramenta mais adequada para analisá-los. Os valores descritos nos gráficos e nas tabelas a seguir, portanto, correspondem às medianas dos tempos de leitura de cada um dos trechos da sentenças. Para fazer as análises, mais uma vez usamos o *software R*.

Uma primeira análise que levou em conta apenas a variável do tipo do pronome identificou maior tempo de leitura para pronomes singulares na região do advérbio (p = 0,001; W = 349629.5), como vemos na tabela abaixo.

	plural	*singular*
Pronome	525	526
Advérbio	527*	556,5*
Verbo	497	500,5
Complemento	2007	2001,5

*Diferenças estatisticamente significativas são marcadas por asteriscos

Tabela 7 – Tempo de leitura (em milissegundos) pronome plural x pronome singular: Experimento 2

Contudo, ao compararmos pronomes plurais e singulares considerando o tipo de contexto – inferível, indeterminado e correferencial – em que estes pronomes ocorrem, percebemos que há diferença na região do advérbio apenas nos contextos indeterminados (p = 0,001; W= 36575) e inferíveis (p = 0,004; W =

[22] Cf. Anexo 4.

36557,5). O processamento de sentenças com pronomes plurais e singulares não foi distinto em contextos correferenciais.

	Correferencial		*Inferível*		*Indeterminado*	
	plural	*singular*	*plural*	*singular*	*plural*	*singular*
Pronome	539	527	516,5	527	522	523,5
Advérbio	523	523	523,5*	556*	540,5*	608*
Verbo	485	487	490,5	510	522	505,5
Complemento	2022	1963	1951	2058	2036	2003,5

*Diferenças estatisticamente significativas são marcadas por asteriscos

Tabela 8 – Tempo de leitura (em milissegundos) da interação dos contextos na análise pronome plural x pronome singular: Experimento 2

A interação entre pronome e os três tipos de contexto ainda revelam que houve influência de contexto no processamento das sentenças com pronome singular. A tabela 9 e o gráfico da Figura 2 mostram que o tempo de leitura do advérbio foi significativamente maior na leitura de contextos indeterminados ($p < 0,001$; $W = 33367$) e inferíveis ($p = 0,005$; $W = 36928,5$) em comparação a pronomes correferenciais. Não houve diferença significativa na comparação entre os tempos de leitura dos contextos inferíveis e indeterminados.

	Pronome singular			
	Corref.	*Inferível*	*Corref.*	*Indet.*
Pronome	527	527	527	523,5
Advérbio	523*	556*	523*	608*
Verbo	487	510	487	505,5
Complemento	1963	2058	1963	2003,5

*Diferenças estatisticamente significativas são marcadas por asteriscos

Tabela 9 – Tempo de leitura (em milissegundos) – influência dos contextos na análise de pronome singular: Experimento 2

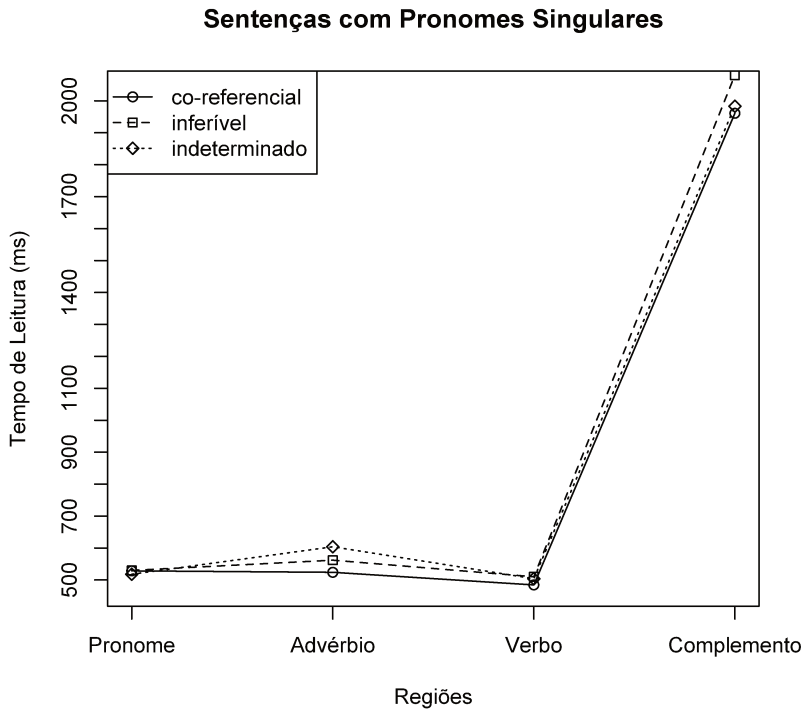

Figura 2 – Tempos de leitura para sentenças com pronomes singulares: Experimento 2

Por fim, uma análise do tempo de leitura dos três contextos em sentenças de pronome plural não identificou qualquer diferença estatística. Como vemos no gráfico e na tabela a seguir, contextos indeterminados e inferenciais não causam custo de processamento extra comparativamente ao custo de processamento de pronomes plurais em contextos correferenciais.

	*Pronome plural**			
	Coref.	*Inferível*	*Coref.*	*Indet.*
Pronome	536	518	536	516
Advérbio	521	525	521	541
Verbo	485	488	485	513
Complemento	2014	1954	2014	2031

*Para todas os pares avaliados, p>0,05

Tabela 10 – Tempo de leitura (em milissegundos) – influência dos contextos na análise de pronome plural: Experimento 2

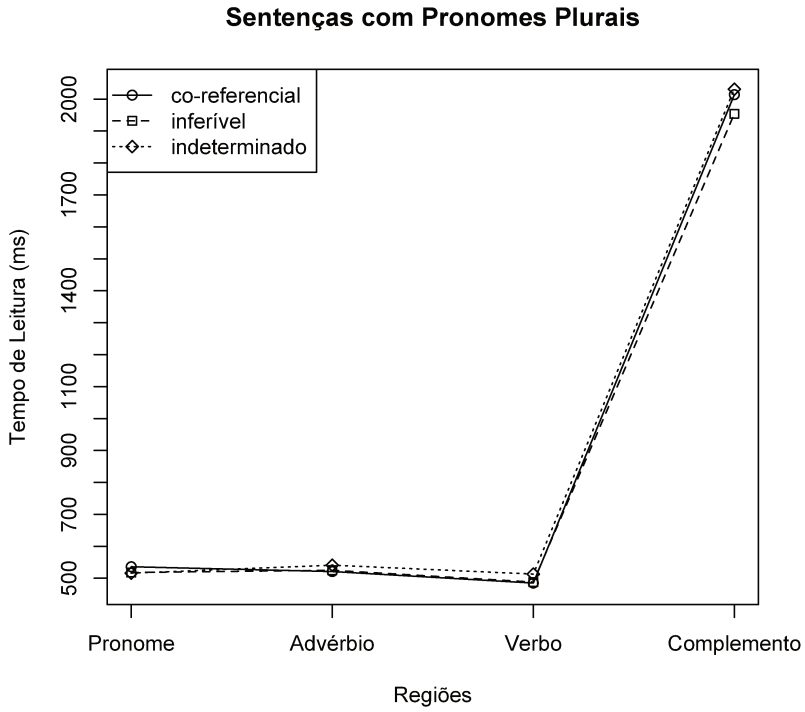

Figura 3 – Tempos de leitura para sentenças com pronomes plurais: Experimento 2

4. Discussão

Uma primeira análise dos dados descritos na Tabela 7 poderia nos levar a imaginar que, neste segundo experimento, ao contrário do que vimos no primeiro, há facilitação de processamento de sentenças com pronome plural comparativamente às sentenças de pronome singular. Indício dessa suposição seria a maior dificuldade para se ler o advérbio quando ele segue um pronome singular. Contudo, uma análise mais detalhada nos mostra que essa dificuldade desaparece quando confrontados os tempos de leitura de sentenças com pronomes plurais e singulares em contextos correferenciais. Este quadro sugere que não há, *a priori*, qualquer diferença de custo de processamento entre pronomes plurais e singulares correferenciais.

Portanto, podemos dizer que, até agora, temos indícios de que (i) há facilitação de processamento do pronome plural frente ao singular (Moxey *et al*., 2004; Filik *et al*., 2008), (ii) há facilitação de processamento de sentenças com pronome singular frente ao pronome plural (cf. Capítulo 3), (iii) não há qualquer diferença no processamento de pronomes plurais e singulares no experimento acima descrito. Como já discutimos, esses resultados díspares não indicam propriedades gerais intrínsecas aos tipos de pronomes estudados, mas são apenas resultados pontuais que refletem características próprias aos estímulos experimentais usados em cada experimento. Sendo assim, não se pode afirmar, como fazem estudos prévios (Moxey *et al*., 2004; Filik *et al*., 2008), que pronomes plurais *sempre* têm um custo de processamento menor que os pronomes singulares. O custo comparativo desses pronomes, conforme demonstramos, vai depender das características dos itens experimentais usados e do fenômeno investigado.

Se o experimento aqui descrito mostra qualquer diferença de processamento de pronomes plurais e singulares, essa distinção reside no imediatismo com que esses últimos requerem um antecedente identificável no contexto. Como vimos, pronomes singulares precisam imediatamente de um antecedente que os sature; em não havendo um antecedente, há custo extra de processamento indicado por um efeito de *spill-over* na região do advérbio (cf. Tabela 9). Por outro lado, comparativamente a contextos correferenciais, o uso de pronomes plurais não apresenta qualquer custo adicional em contextos sem qualquer antecedente (e.g., "Alice sempre comia bastante carne e eles...") ou com antecedentes inferíveis (e.g. "Na churrascaria do Leblon, Alice comia bastante carne e eles..."). Assumimos, portanto, que estes dados corroboram a hipótese da referência não-imediata, indicando que o curso temporal da resolução de pronomes plurais e singulares são distintos.

A hipótese de que pronomes plurais não precisam ser resolvidos tão rapidamente quanto pronomes singulares não apenas é corroborada pelos dados obtidos em nossa pesquisa, mas também consegue dar conta de explicar os achados de estudos prévios sobre o processamento de pronomes plurais. Moxey *et al.* (2004), como dissemos, encontraram os efeitos esperados para o pronome plural

em regiões posteriores da sentença em comparação ao efeito observado para os pronomes singulares, o que levou os autores a desconfiar que pronomes plurais não seriam resolvidos tão imediatamente quanto pronomes singulares. Corroborando suas hipóteses, é possível, à luz dos novos dados, supor que o efeito encontrado pelos autores seja, de fato, resultado da não-resolução imediata do pronome "they".

A mesma linha de raciocínio se aplica para explicar os dados sobre o processamento de "*singular they*" em inglês, obtidos por Sanford *et al.* (2007). Nesse estudo, conduzido por meio de rastreamento ocular, os efeitos esperados para pronomes singulares foram percebidos em medidas imediatas de processamento (tempo de regressão e número de regressões), mas os efeitos para pronomes plurais só se fizeram sentir na medida de tempo total de fixação, que reflete processos mais tardios do processamento. Esse resultado pode ser satisfatoriamente explicado se considerarmos que o processo de resolução do pronome plural não ocorre imediatamente, o que faria com que os efeitos esperados não fossem captados por medidas que refletem o custo imediato de processamento.

Por fim, nossos dados vão ao encontro dos achados descritos por Filik *et al*. (2008). Replicando o que encontraram os autores, mostramos que pronomes plurais com antecedentes inferíveis não evocam custo de processamento extra comparativamente ao processamento de pronomes que tem um antecedente explícito no texto. Entretanto, ainda mostramos que o processamento de pronomes plurais não é mais custoso quando não há qualquer antecedente inferível ou explícito no discurso, contrariando a hipótese de Filik *et al*. (2008), segundo a qual pronomes plurais, assim como os singulares, iniciam uma busca imediata por um antecedente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nos dois experimentos descritos dão suporte à hipótese de que pronomes plurais na posição de sujeito não são resolvidos de forma tão imediata. Essa explicação dá conta, em primeiro lugar, dos dados do experimento de leitura descrito no terceiro capítulo, em que há evidências de que a frustração da correferência para pronomes plurais não chega a causar um custo de processamento. No caso do experimento citado, há de se mencionar, ainda, que a elaboração das sentenças experimentais foi feita de tal modo a colocar o pronome plural e o seu suposto antecedente na mesma posição gramatical de sujeito, critério que deveria facilitar o estabelecimento da correferência entre as duas expressões segundo trabalhos prévios (Crawley *et al*., 1990; Sheldon, 1974). Como vimos, essas pistas sintáticas não foram suficientes para fazer com que o pronome se ligasse de imediato ao sujeito da oração precedente, um resultado que vai ao encontro de estudos que advogam maior influência de aspectos discursivos na resolução de pronomes plurais comparativamente à resolução de pronomes singulares (Gelormini-Lezama e Almor, 2013).

A diferença entre pronomes plurais e singulares também é aparente nos resultados do experimento de leitura autocadenciada descrito no quarto capítulo. Nesse caso, torna-se evidente que pronomes plurais, diferentemente dos singulares, não necessitam imediatamente de um antecedente explícito a que possam se ligar. Portanto, o processamento de pronomes plurais não precisa, necessariamente, de um contexto que forneça referentes inferíveis, como proposto por Filik *et al*. (2008). Com base em nossos dados, parece-nos razoável afirmar que o processamento desses pronomes passa por uma fase de não-resolução, em que a presença de antecedentes – inferíveis ou explícitos – não seria imprescindível.

De um ponto de vista mais amplo sobre o processamento da linguagem e que não se restringe à resolução pronominal, os resultados aqui descritos fazem coro a uma série de estudos que tornam evidentes contextos em que o processamento linguístico parece se pautar por manobras de sub-especificação. Nestes casos, a representação do *input* linguístico é incompleta ou superficial, seja porque não há necessidade de detalhamento de todos os sentidos que a sentença pode exprimir, seja porque há necessidade de informações adicionais para uma representação mais adequada da sentença, como parece ser o caso dos pronomes plurais.

Ao entendermos que pronomes plurais necessitam de informações adicionais para serem resolvidos, não estamos assumindo que seu processamento seja similar a casos de ambiguidade referencial ou lexical, situações em que há custo de processamento maior do que em situações não-ambíguas até que o significado ou referente seja definido (Nieuwland *et al*., 2007; Frazier e Rayner, 1990). Pelos resultados obtidos, parece-nos que o processamento do pronome plural é mais similar ao processamento da polissemia que Frazier e Rayner (1990) descrevem em seu trabalho.

Segundo os autores, a sua teoria do *Minimal Semantic Commitment* permite investigar, fundamentalmente, duas questões: (i) que tipo de decisões semânticas exige do processador um comprometimento imediato com uma representação específica; (ii) quando o processador se compromete com essa representação nos casos em que não há informações suficientes que garantam uma decisão acurada (Frazier e Rayner, 1990; p. 181).

Através de manobras experimentais, os autores identificaram que o processamento de palavras ambíguas quanto ao seu significado, como “banco”, leva o processador a tomar uma decisão imediata sobre qual representação tomar, o que aumentaria o tempo de leitura dessas palavras em contextos nos quais não houvesse qualquer pista que ajudasse a eleger um significado. Por outro lado, palavras que têm ambiguidade de sentido, como “gibi” ou “jornal”, não causariam custo de processamento extra caso o contexto precedente não identificasse um dentre todos os sentidos possíveis. Nessas situações, o processador preferencialmente assumiria uma representação vaga da palavra, sem se comprometer com um sentido

específico. Para Frazier e Rayner (1990), esses resultados seriam indícios de que o comprometimento com decisões semânticas é minimizado, ocorrendo apenas quando o processador se vê com duas ou mais escolhas incompatíveis.

No caso dos pronomes plurais, não estamos tratando de representações puramente semânticas, mas o raciocínio feito para explicar nossos dados é, de certa forma, semelhante. Entendemos que, em PB, a possibilidade de uso desses pronomes em situações não-anafóricas pode fazer com que essas expressões não sejam resolvidas de imediato. Como o PB permite que pronomes plurais introduzam um sujeito indeterminado, talvez seja menos custoso para o processador deixar a referência do pronome em aberto – mesmo quando há referentes disponíveis – do que se comprometer com um antecedente explícito e, posteriormente, ter que revogar essa decisão. O que Frazier e Rayner (1980) definem como uma característica do processamento de informações semânticas, tomamos aqui como um princípio a ser aplicado a outros campos do processamento linguístico: não havendo necessidade de se comprometer com uma representação específica, o processamento segue com uma representação superficial do *input* linguístico, como atestam trabalhos em diversos campos do estudo sobre o processamento da linguagem (Pickering *et al*., 2006; Poesio *et al*., 2006; Stewart *et al*. 2007; Swets *et al*., 2008; Dwivedi e Goldhawk, 2009).

Se nossa hipótese de processamento superficial do pronome plural se sustenta, deveria ser possível fazer com que a resolução do pronome plural fosse mais imediata caso houvesse, no contexto anterior, informações suficientes para determinar a referência pronominal tão logo o pronome seja lido; de fato, esse resultado foi obtido em um segundo experimento conduzido por Moxey *et al*. (2004). Os autores, ainda investigando os *split antecedents*, colocaram os pronomes singulares e plurais na posição de objeto da sentença, provendo informação suficiente para que ficasse claro, desde o início, que o pronome se referia aos referentes previamente introduzidos. Como resultado, observou-se que os efeitos previstos para "them" e "him"/"her" (i.e., maior e menor custo de processamento a depender das variáveis manipuladas) eram perceptíveis no mesmo segmento da sentença, logo após a apresentação do pronome.

De modo geral, portanto, os dados obtidos por nossos experimentos e por outros estudos acerca da resolução de pronomes parecem indicar que (a) pronomes plurais e singulares seguem estratégias distintas de resolução; (b) pronomes plurais não são resolvidos imediatamente a menos que haja informação suficiente sobre qual seria seu antecedente, ao passo que pronomes singulares iniciam uma busca imediata por antecedente e se ligam, também de forma imediata[23], a qualquer referente disponível. Embora relevantes, reconhecemos que esses dados ainda não são suficientes para responder algumas questões. A mais importante delas consiste em delimitar o que, afinal, significa dizer que há, no contexto anterior, informações suficientes para resolver de forma específica a referência do pronome plural. Moxey *et al*. (2004) resolveram a questão deslocando o pronome para a posição de objeto da sentença, mas outras manobras também podem funcionar no mesmo sentido. O deslocamento de uma predicação para o começo da sentença, como vemos em (a)-(b), poderia fazer com que o pronome plural fosse resolvido tão imediatamente quanto o pronome singular.

(a) João e Maria correram ladeira acima. Eles chegaram ao topo do morro cansados.
(b) João e Maria correram ladeira acima. Cansados, eles chegaram no topo do morro.

Como já dissemos, uma pergunta recorrente aos estudos que tratam do processamento linguístico passa pela discussão de quais contextos permitem ou não o processamento superficial do *input* linguístico. Portanto, estudar quais fatores discursivos podem influenciar o processamento de pronomes plurais pode contribuir não apenas para um maior entendimento do papel da predicação na resolução da expressão pronominal, mas também para o esclarecimento de discussões centrais sobre o processamento linguístico.

Embora essas questões ainda estejam abertas, concluímos que os experimentos conduzidos ao longo de nossa pesquisa fornecem bons dados para que se possa estudar o processamento de pronomes plurais com mais detalhes,

[23] À exceção, obviamente, dos casos de ambiguidade referencial.

inclusive destacando suas diferenças com relação aos processos de resolução de pronomes singulares. Caso novos estudos se proponham a investigar questões caras à Psicolinguística a partir de paradigmas que se baseiem na comparação de tempos de leitura e custo de processamento de pronomes plurais e singulares, julgamos adequado que, à luz de nossos resultados, sejam levados em conta as características que parecem ser próprias ao processamento de cada uma dessas expressões.

REFERÊNCIAS

ALMOR, A. Noun-phrase anaphora and focus: The informational load hypothesis. In: *Psychological Review*, n. 106, 1999. p. 748-765.

ALMOR, A.; KEMPLER, D.; MacDONALD, M. C.; ANDERSEN, E. S.; TYLER, L. K. Why do Alzheimer patients have difficulty with pronouns? Working memory, semantics, and reference in comprehension and production in Alzheimer's disease. In: *Brain and Language*, v. 67, n. 3, p. 202-227, 1999.

ALTMANN, G. T. M.; KAMIDE, Y. Incremental interpretation at verbs: Restricting the domain of subsequent reference. In: *Cognition*, n. 73, 1999, p. 247–264.

ARNOLD, J. E.; EINSENBAND, J.G.; BROWN-SCHMIDT, S.; Trueswell J.C. The rapid use of gender information: evidence of the time course of pronoun resolution from eyetracking. In: *Cognition*., n. 76, 2000. p.13-26.

BAKER, L.; WAGNER, J.L. Evaluating information for truthfulness: the effects of logical subordination. In: *Memory and Cognition*, n. 15, 1987. p. 247–255.

BRÉDART, S.; MODOLO, K. Moses strikes again: focalization effects on a semantic illusion. In: *Acta Psychologica*, n. 67, 1988. p. 135–144.

BRENNAN, S. E.; FRIEDMAN, M. W.; POLLARD, C. J. A Centering approach to pronouns. In: Proceedings of the 25th Meeting of the Association for Computational Linguistics, Stanford, CA, 1987, p. 155–162.

CABREDO-HOFHERR, P. Arbitrary readings of 3pl pronominals. In: M. Weisgerber (ed.) *Proceedings of the Conference "Sinn und Bedeutung, 7th Annual Meeting of the Gesellschaft für Semantik"*. Arbeitspapiere des Fachbereichs Sprachwissenschaft, Vol. 114.Konstanz University, FB Linguistik, 2003.

CARREIRAS, M; GERNSBACHER, M. A. Comprehending conceptual anaphors in Spanish. In: Language and Cognitive Processes, n.7, 1992. p. 281-299.

CHAMBERS, G. C.; SMYTH, R. Structural parallelism and discourse coherence: A test of Centering Theory. In: *Journal of Memory and Language*, 39, 1998. p. 593-608.

CLIFTON,C., Jr.; FERREIRA, F. Discourse structure and anaphora: Some experimental results. In: C. Max (Ed.), *Attention and performance*: The psychology of reading. Hove, England: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 635-654.

CRAWLEY, R. A.; STEVENSON, R. J.; D. KLEINMAN, D. The use of heuristic strategies in the interpretation of pronouns. In: *Journal of Psycholinguistic Research*, n. 19, 1990. p. 245–64.

CULTURA INGLESA SP. Top 5 – Pegadinhas da Língua Inglesa. In: http://festival.culturainglesasp.com.br/blog/category/blog/top-5-blog/ 05 de fevereiro de 2013. <Acesso em 29 de setembro de 2013>

CUNHA LIMA, M. L. Referenciação e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. In: KOCH, I.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e Discurso***.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 197-217.

DITMAN, T.; HOLCOMB, P. J.; KUPERBERG, G. R. Time travel through language: temporal shifts rapidly decrease information acessibility during reading. In: *Psychonomic Bulletin & Review*, n. 15, 2008. p. 750-756.

DWIVEDI, V.; GOLDHAWK, M. Semantic underspecification and anaphora. In: *Proceedings of the 2009 annual conference of the Canadian Linguistic Association*, 2009

ESCHENBACH, C.; HABEL, C.; HERWEG, M.; REHKÄMPER, K. (1989). Remarks on plural anaphora. In: *Proceedings of the Fourth Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*, 10-12 April 1989, Manchester, England. pp. 161-167.

EVE. Curiosidades sobre a Alemanha – a minha versão. Disponível em < http://rindodemimcomigo.blogspot.com.br/2013/04/curiosidades-sobre-alemanha-minha-versao.html > Acesso em 29 de setembro de 2013.

FARIAS, S. C.; LEITÃO, M. M.; FERRARI-NETO, J. Gênero e número no processamento da anáfora conceitual com nomes coletivos em português brasileiro. In: *ReVEL*, edição especial n. 6, 2012. p. 82-109.

FERREIRA, F.; FERRARO, V.; BAILEY, K. G. D. Good-enough representations in language comprehension. In: *Current Directions in Psychological Science*, 11, 2002. p. 11-15.

FILIK, R.; SANFORD, A. J.; LEUTHOLD, H. Processing pronouns without antecedents: Evidence from event-related brain potential. In: *Journal of Cognitive Neuroscience*, n. 20, p. 1315-1326, 2008.

FODOR, J. A. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT Press, 1983.

FOERTSCH, J.; GERNSBACHER, M. A. In search of gender neutrality: is singular they a cognitively efficient substitute for generic? In: *American Psychological Society*, vol. 8, n. 2, p. 106 – 111, 1997.

FORSTER, K. Levels of processing and the structure of the language processor. In: W. E. Cooper & E. C. T. Walker (Eds.), *Sentence processing*: Psycholinguistic studies presented to Merrill Garrett. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979.

FRAZIER, L.; RAYNER, K. Taking on semantic commitments: Processing multiple meanings vs. multiple senses. In: *Journal of Memory and Language*, 29, 1990. p. 181–200.

FRAZIER, L. (1987). Sentence processing: a tutorial review. In: M. Coltheart (Ed.), *Attention and performance: The psychology of reading*, Hove: Erlbaum, 1987. p. 559–586.

GELORMINI-LEZAMA, C.; ALMOR, A. Singular and Plural reference in Spanish. In: *Journal of Psycholinguistic Research*, 2013.

GERNSBACHER, M.A. Comprehending conceptual anaphors. In: *Language and Cognitive Processes*, v. 6, p. 81-105, 1991.

GODOY, M. C. *Resolvendo a anáfora conceitual: um olhar para além da relação antecedente/anafórico*. Dissertação (mestrado em linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

GODOY, M. C. A influência da predicação nas leituras plurais e singulares dos termos coletivos: um estudo empírico. In: *(Con)textos Linguísticos*, v. 7, n. 8, p. 105-125, 2013.

GUNDEL, J. K.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language*, n. 69, p. 274-307, 1993.

HAGOORT, P., BROWN, C.M., GROOTHUSEN, J. The syntactic positive shift (SPS) as an ERP measure of syntactic processing. In: *Language and Cognitive Processes* 8, 1993. p. 439–483.

HESS, D. J.; FOSS, D. J.; Carroll, P. Effects of global and local context on lexical processing during language comprehension. In: *Journal of Experimental Psychology*: General, 124, 1995, p. 62–82.

HIELSCHER, M.; MÜSSELER, J. Anaphoric resolution of singular em plural pronouns: the reference to persons being introduced by different co-ordinating structures. In: *Journal of Semantics*, n.7, 1990, p. 347-364.

HOBBS, J. R. (1979). Coherence and coreference. In: *Cognitive Science*, n. 3, 1979. p. 67-90.

JESUS, A. C. Editorial, Frases. In: Diário de Marília, 03 de abril de 2012. Disponível em <http://www.diariodemarilia.com.br/Noticias/109569>. Acesso em 30 de setembro de 2013.

JOHNSEN, L. A. Who are they ? On the reference of collective ils ('they') in French. In: Branco A. *et al*. (éds.), *Conference Proceedings of The 8th Discourse Anaphora and Anaphor Resolution Colloquium*, Edições Colibri, 2011. p. 23-38.

JOOSTEN, F.; SUTTER; DRIEGHE, D.; GRONDELAERS, S.; HARTSUIKER, R. J.; SPEELMAN, D. Dutch Collective Nouns and Conceptual Profiling. In: *Linguistics* 45, 85–132, 2007.

JUST, M. A.; CARPENTER, P. A. A theory of reading: From eye fixations to comprehension. In: *Psychological Review*, v. 87, 1980. p. 329-354.

KAUP, B.; KELTER, S.; HABEL, C. (2002). Representing referents of plural expressions and resolving plural anaphors. In: *Language and Cognitive Processes*, 17, 405-450.

KEHLER, A.; KERTZ, L; ROHDE, H.; ELMAN, J. Coherence and Coreference Revisited. In: *Journal of Semantics*, n. 25, 2007. p 1-44.

KLEIBER, G. Anaphore associative, antécédent et définitude. In: Schnedecker, C. *et al*. (orgs.) *L'anaphore associative.* Paris: Klinkcsieck, 1994. p. 153-173.

KLEIBER, G. Ils ont encore augmenté les impôts ou Sur le ils collectif. In L. Tasmowskide-Ryck & A. Zribi-Hertz (eds.), *De la musique à la linguistique, Hommages à Nicolas Ruwet*, Communication & Cognition, Université de Gand, 1992. p. 327–344.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOH, S.; CLIFTON, C. Resolution of the antecedent of a plural pronoun: ontological categories and predicate symmetry, In: *Journal of Memory and Language*, 46, 2002. p. 830-242.

KOH S.; SANFORD A.; CLIFTON, C., Jr.; DAWYDIAK E. J. Good-enough representation in plural and singular pronominal reference: Modulating the Conjunction Cost In: J.Gundel & N. Hedberg (Eds), *Reference*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

KUTAS, M.; HILLYARD, S.A. Reading senseless: brain potentials reflect semantic incongruity. In: *Science*, 207 (4427), 203-205, 1980.

KUTAS, M.; FEDERMEIER, K. D. Thirty years and counting: Finding meaning in the N400 component of the event related brain potential (ERP). In: *Annual Review of Psychology*, n. 62, p. 621-647, 2011.

LEITÃO, M. M. *Processamento do objeto direto anafórico em português brasileiro*. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: Koch, I.V.; Morato, E. M.; Bentes, A. C. (orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005a, p. 53- 101.

MARSLEN-WILSON, W. Sentence perception as an interactive parallel process. In: *Science*, n. 189, 1975. p. 226–228.

McKOON, G.; RATCLIFF. The comprehension processes and memory structures involved in anaphoric reference. In: *Journal of Verbal Learning and Behavior*, v. 19, n. 16, 1980, p. 668-682.

MIGUEL, A. J. *Sobre a referência indeterminada de sujeito e agente da passiva em português europeu*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa , 2006.

MOREIRA, D. (choracuica) O menino aqui na minha frente tá dizendo que vai ter prova de "concreto" hoje, acho bacana ensinarem décio pignatari na poli. 12 de setembro de 2013, 07h23m. Tweet. Disponível em < https://twitter.com/choracuica/status/378095996766793728 >. Acesso em 20 de setembro de 2013.

MOXEY, L.M.; SANFORD, A.J., STURT, P.; MORROW L.I. Constraints on the formation of plural reference objects: The influence of role, conjunction and type of description In: *Journal of Memory and Language* (51), 2004. p. 346-364

NICOL, J.; SWINNEY, D. The psycholinguistics of anaphora. In: Barss A (ed) *Anaphora*: a reference guide. Cambridge: Blackwell Publishing, 2002. p. 72-104.

NIEUWLAND, M. S.; VAN BERKUM, J. J. A. Individual differences and contextual bias in pronoun resolution: Evidence from ERPs. In: *Brain Research*, n. 1118, v. 1, 2006a. p. 155-167.

NIEUWLAND, M. S.; VAN BERKUM, J. J. A. When peanuts fall in love: N400 evidence for the power of discourse. In: Journal of Cognitive Neuroscience, n. 18, v. 7, 2006b. P.1098-1111.

NIEUWLAND, M. S.; OTTEN, M.; VAN BERKUM, J. J. Who are you talking about? Tracking discourse-level referential processing with event-related brain potentials. In: *Journal of Cognitive Neuroscience*, 19(2), 2007. p. 228-236.

OSTERHOUT, L.; HOLCOMB, P. J. Event-related brain potentials elicited by syntactic anomaly. In: *Journal of Memory and Language*, 31, 1992. p. 785-806.

PESETSKY, D. *Zero Syntax*. MIT Press, Cambridge, MA, 1995.

PICKERING, M.; McELREE, B.; FRISSON, S.; CHEN, L.; TRAXLER, M. Underspecification and Aspectual Coercion. In: *Discourse Processes*, n. 42, v. 2, 2006. p. 131-155.

POESIO, M.; STURT, P.; ARTSTEIN, R.; FILIK, R. Underspecification and anaphora: Theoretical issues and preliminary evidence. In: *Discourse Processes* 42(2), 2006. p. 157-175.

POMPEU, S. O. A era do saber gratuito. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,a-era-do-saber-gratuito,841286,0.htm>. Acesso em 15 de agosto de 2013.

RAYNER, K. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. In: *Psychological Bulletin*, n. 124, 1998. pp. 372–422.

RINCK, M.; BOWER, G. H. Anaphora resolution and the focus of attention in situation models. In: *Journal of Memory and Language*, n. 34, 1995. p. 110-131.

ROHDE, H. Coherence-Driven Effects in Sentence and Discourse Processing. University of California: San Diego, 2008.

SANFORD, A.J.; MOXEY. L.M. Notes on plural reference and the scenario-mapping principle in comprehension. In: C.Habel and G.Rickheit (Eds.) *Focus and cohesion in discourse*, Berlin: de Gruyter, 1995.

SANFORD, A.J.; STURT, P. Depth of processing in language comprehension: Not noticing the evidence In: *Trends in Cognitive Sciences* (6), 2002. p 382-386

SANFORD, A. J., FILIK, R., EMMOTT, C., MORROW, I. They're digging up the road again: The processing cost of Institutional They. In: *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 61, 2008. p. 372–380.

SIEWIERSKA, A.; PAPASTATHI, M. Third person plurals in the languages of Europe: typological and methodological issues. In: *Linguistics* 43 (2), 2011. p. 575–610.

SHELDON, A. 'The role of parallel function in the acquisition of relative clauses in English'. In: Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior, n.13, 1974. p. 272–81.

SILVA, A. *A leitura e compreensão da anáfora conceitual.* Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SMYTH, R. H. Grammatical determinants of ambiguous pronoun resolution. In: *Journal of Psycholinguistic Research*, 23, 1994. p. 197-229.

SOUZA, E. M. *O uso do pronome eles como recurso de indeterminação do sujeito.* Tese (Mestrado em Lingüística). UFMG, 2007.

STEWART, A.J.; HOLLER, J.; KIDD, E. Shallow processing of ambiguous pronouns: evidence for delay. In: *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 60(12), 2007. p. 1680-1699.

STURT, P. The time-course of the application of binding constraints in reference resolution. In: *Journal of Memory and Language*, n. 48, 2003. p. 542–562.

SWETS, B.; DESMET, T.; CLIFTON, C.; FERREIRA, F. Underspecification of syntactic ambiguities: evidence from self-paced reading. In: *Memory & Cognition*, n. 36, 2008. p. 201-216.

SWINNEY, D. A. Lexical access during sentence comprehension: (re)consideration of contexto effects. In: *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 18, 1979. p. 545–567.

VAN BERKUM, J. J. A., KOORNNEEF, A. W., OTTEN, M., & NIEUWLAND, M. S. Establishing reference in language comprehension: An electrophysiological perspective. In: *Brain Research*, 2007. p. 1146, 158-171.

VAN DEN BRINK, D.; VAN BERKUM, J. J. A., BASTIAANSEN, M. C. M.; TESINK, C. M. J. Y.; KOS, M.; BUITELAAR, J. K.; HAGOORT, P. Empathy matters: ERP evidence for inter-individual differences in social language processing. In: *Social, Cognitive and Affective Neuroscience*, n. 7, 2012. p. 173-182.

VAN OOSTENDORP, H.; KOK, I. Failing to notice errors in sentences. In: *Language and Cognitive Processes*, n. 5, 1990. p. 105–113

WOLF, F; GIBSON, E.; DESMET, T. Discourse coherence and pronoun resolution. In: *Language and Cognitive Processes*, v. 19, n. 6, 2004. p. 665-675.

ZAMPONI, G. *Processos de referenciação*: anáforas associativas e nominalizações. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

ANEXO

Itens Experimentais

Experimento 1

01a. Os traficantes eram sanguinários e vingativos. Eles certamente encaravam os traficantes como um perigo a ser eliminado da favela.

01b. Os traficantes eram sanguinários e vingativos. Eles certamente encaravam os policiais como um perigo a ser eliminado da favela.

01c. O traficante era sanguinário e vingativo. Ele certamente encarava o traficante como um perigo a ser eliminado da favela.

01.d O traficante era sanguinário e vingativo. Ele certamente encarava os policiais como um perigo a ser eliminado da favela.

02a. Os operários eram experientes e muito calmos. Eles raramente culpavam os operários pelos problemas que sempre apareciam na fábrica.

02b. Os operários eram experientes e muito calmos. Eles raramente culpavam os assistentes pelos problemas que sempre apareciam na fábrica.

02c. O operário era experiente e muito calmo. Ele raramente culpava o operário pelos problemas que sempre apareciam na fábrica.

02d. O operário era experiente e muito calmo. Ele raramente culpava os assistentes pelos problemas que sempre apareciam na fábrica.

03a. Os mecânicos não tinham muita paciência. Eles geralmente delegavam aos mecânicos as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.

03b. Os mecânicos não tinham muita paciência. Eles geralmente delegavam aos ajudantes as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.

03c. O mecânico não tinha muita paciência. Ele geralmente delegava ao mecânico as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.

03.d O mecânico não tinha muita paciência. Ele geralmente delegava aos ajudantes as tarefas mais fáceis de cumprir ali na montadora.

04a. Os psiquiatras eram atenciosos e competentes. Eles muitas vezes chamavam os psiquiatras ali no hospital para debater os casos clínicos.

04b. Os psiquiatras eram atenciosos e competentes. Eles muitas vezes chamavam os pacientes ali no hospital para debater os casos clínicos.

04c. O psiquiatra era atencioso e competente. Ele muitas vezes chamava o psiquiatra ali no hospital para debater os casos clínicos.

04d. O psiquiatra era atencioso e competente. Ele muitas vezes chamava os psiquiatras ali no hospital para debater os casos clínicos.

05a. Os acionistas eram riquíssimos e generosos. Eles sabiamente enxergavam os acionistas como a razão principal pelo sucesso da empresa.

05b. Os acionistas eram riquíssimos e generosos. Eles sabiamente enxergavam os empregados como a razão principal pelo sucesso da empresa.

05c. O acionista era riquíssimo e generoso. Ele sabiamente enxergava o acionista como a razão principal pelo sucesso da empresa.

05d. O acionista era riquíssimo e generoso. Ele sabiamente enxergava os empregados como a razão principal pelo sucesso da empresa.

06a. Os marceneiros eram a simpatia em pessoa. Eles quase sempre perdoavam os marceneiros pelos poucos erros cometidos na loja de móveis.

06b. Os marceneiros eram a simpatia em pessoa. Eles quase sempre perdoavam os vidraceiros pelos poucos erros cometidos na loja de móveis.

06c. O marceneiro era a simpatia em pessoa. Ele quase sempre perdoava o marceneiro pelos poucos erros cometidos na loja de móveis.

06d. O marceneiro era a simpatia em pessoa. Ele quase sempre perdoava os vidraceiros pelos poucos erros cometidos na loja de móveis.

07a. Os engenheiros não entendiam nada de gestão. Eles raramente pediam aos engenheiros que emitissem laudos sobre as finanças da usina.

07b. Os engenheiros não entendiam nada de gestão. Eles raramente pediam aos analistas que emitissem laudos sobre as finanças da usina.

07c. O engenheiro não entendia nada de gestão. Ele raramente pedia ao engenheiro que emitisse laudos sobre as finanças da usina.

07d. O engenheiro não entendia nada de gestão. Ele raramente pedia aos analistas que emitissem laudos sobre as finanças da usina.

08a. Os arquitetos tinham uma conduta exemplar. Eles inclusive tratavam os 08b. arquitetos com todo o respeito no escritório da construtora.

08b. Os arquitetos tinham uma conduta exemplar. Eles inclusive tratavam os secretários com todo o respeito no escritório da construtora.

08c. O arquiteto tinha uma conduta exemplar. Ele inclusive tratava o arquiteto com todo o respeito no escritório da construtora.

08d. O arquiteto tinha uma conduta exemplar. Ele inclusive tratava os secretários com todo o respeito no escritório da construtora.

09a. Os fotógrafos eram muito bons no que faziam. Eles muitas vezes pediam aos fotógrafos que ajudassem a selecionar fotos para o jornal.

09b. Os fotógrafos eram muito bons no que faziam. Eles muitas vezes pediam aos jornalistas que ajudassem a selecionar fotos para o jornal.

09c. O fotógrafo era muito bom no que fazia. Ele muitas vezes pedia ao fotógrafo que ajudasse a selecionar fotos para o jornal.

09d. O fotógrafo era muito bom no que fazia. Ele muitas vezes pedia aos jornalistas que ajudassem a selecionar fotos para o jornal.

10a. Os balconistas não eram nem um pouco honestos. Eles certamente culpariam os balconistas pelo roubo das pulseiras na joalheria do shopping.

10b. Os balconistas não eram nem um pouco honestos. Eles certamente culpariam os faxineiros pelo roubo das pulseiras na joalheria do shopping.

10c. O balconista não era nem um pouco honesto. Ele certamente culparia o balconista pelo roubo das pulseiras na joalheria do shopping.

10d. O balconista não era nem um pouco honesto. Ele certamente culparia os faxineiros pelo roubo das pulseiras na joalheria do shopping.

11a. Os desenhistas entendiam de histórias em quadrinhos. Eles quase sempre pediam aos desenhistas que melhorassem os gibis lançados pela editora.

11b. Os desenhistas entendiam de histórias em quadrinhos. Eles quase sempre pediam aos roteiristas que melhorassem os gibis lançados pela editora.

11c. O desenhista entendia de histórias em quadrinhos Ele quase sempre pedia ao desenhista que melhorasse os gibis lançados pela editora.

11d. O desenhista entendia de histórias em quadrinhos Ele quase sempre pedia aos roteiristas que melhorassem os gibis lançados pela editora.

12a. Os advogados viviam atolados em trabalho. Eles frequentemente pediam aos advogados que resolvessem alguns dos problemas do escritório.

12b. Os advogados viviam atolados em trabalho. Eles frequentemente pediam aos despachantes que resolvessem alguns dos problemas do escritório.

12c. O advogado vivia atolado em trabalho. Ele frequentemente pedia ao advogado que resolvesse alguns dos problemas do escritório.

12d. O advogado vivia atolado em trabalho. Ele frequentemente pedia aos despachantes que resolvessem alguns dos problemas do escritório.

13a. Os carcereiros eram a crueldade em pessoa. Eles claramente odiavam os carcereiros e seu comportamento violento ali no presídio.

13b. Os carcereiros eram a crueldade em pessoa. Eles claramente odiavam os prisioneiros e seu comportamento violento ali no presídio.

13c. O carcereiro era a crueldade em pessoa. Ele claramente odiava o carcereiro e seu comportamento violento ali no presídio.

13d. O carcereiro era a crueldade em pessoa. Ele claramente odiava os prisioneiros e seu comportamento violento ali no presídio.

14a. Os motoristas sempre dirigiam como uns loucos. Eles com certeza jogariam nos motoristas a culpa pelo acidente que parou a metrópole.

14b. Os motoristas sempre dirigiam como uns loucos. Eles com certeza jogariam nos motoqueiros a culpa pelo acidente que parou a metrópole.

14c. O motorista sempre dirigia como um louco. Ele com certeza jogaria no motorista a culpa pelo acidente que parou a metrópole.

14d. O motorista sempre dirigia como um louco. Ele com certeza jogaria nos motoqueiros a culpa pelo acidente que parou a metrópole.

15a. Os pianistas estudavam com afinco todo dia Eles muitas vezes pediam aos pianistas que ensinassem novas composições no conservatório.

15b. Os pianistas estudavam com afinco todo dia Eles muitas vezes pediam aos professores que ensinassem novas composições no conservatório.

15c. O pianista estudava com afinco todo dia. Ele muitas vezes pedia ao pianista que ensinasse novas composições no conservatório.

15d. O pianista estudava com afinco todo dia. Ele muitas vezes pedia aos professores que ensinassem novas composições no conservatório.

16a. Os delegados estavam em greve havia semanas. Eles naturalmente culpavam os delegados pelo clima caótico que se instalou na cidade.

16b. Os delegados estavam em greve havia semanas. Eles naturalmente culpavam os governantes pelo clima caótico que se instalou na cidade.

16c. O delegado estava em greve havia semanas. Ele naturalmente culpava o delegado pelo clima caótico que se instalou na cidade.

16d. O delegado estava em greve havia semanas. Ele naturalmente culpava os governantes pelo clima caótico que se instalou na cidade.

17a. Os empresários sabiam tudo de administração. Eles geralmente ouviam os empresários antes de planejar as novas metas da concessionária.

17b. Os empresários sabiam tudo de administração. Eles geralmente ouviam os assessores antes de planejar as novas metas da concessionária.

17c. O empresário sabia tudo de administração. Ele geralmente ouvia o empresário antes de planejar as novas metas da concessionária.

17d. O empresário sabia tudo de administração. Ele geralmente ouvia os assessores antes de planejar as novas metas da concessionária.

18a. Os deputados eram intolerantes e fascistas. Eles quase nunca ouviam os deputados nos acalorados debates políticos em Brasília.

18b. Os deputados eram intolerantes e fascistas. Eles quase nunca ouviam os senadores nos acalorados debates políticos em Brasília.

18c. O deputado era intolerante e fascista. Ele quase nunca ouvia o deputado nos acalorados debates políticos em Brasília.

18d. O deputado era intolerante e fascista. Ele quase nunca ouvia os senadores nos acalorados debates políticos em Brasília.

19a. Os pedagogos tinham ideias inovadoras. Eles geralmente pediam aos pedagogos que montassem a grade curricular para a escola

19b. Os pedagogos tinham ideias inovadoras. Eles geralmente pediam aos estudantes que montassem a grade curricular para a escola.

19c. O pedagogo tinha ideias inovadoras. Ele geralmente pedia ao pedagogo que montasse a grade curricular para a escola.

19d. O pedagogo tinha ideias inovadoras. Ele geralmente pedia aos estudantes que montassem a grade curricular para a escola.

20a. Os políticos jamais seriam eleitos de novo. Eles raramente ouviam os políticos e as suas propostas durante a campanha eleitoral.

20b. Os políticos jamais seriam eleitos de novo. Eles raramente ouviam os eleitores e as suas propostas durante a campanha eleitoral.

20c. O político jamais seria eleito de novo. Ele raramente ouvia o político e as suas propostas durante a campanha eleitoral.

20d. O político jamais seria eleito de novo. Ele raramente ouvia os eleitores e as suas propostas durante a campanha eleitoral.

21a. Os pediatras não eram de recusar trabalho. Eles com frequência chamavam os pediatras no pronto socorro para ajudar com o atendimento.

21b. Os pediatras não eram de recusar trabalho. Eles com frequência chamavam os enfermeiros no pronto socorro para ajudar com o atendimento.

21c. O pediatra não era de recusar trabalho. Ele com frequência chamava o pediatra no pronto socorro para ajudar com o atendimento.

21d. O pediatra não era de recusar trabalho. Ele com frequência chamava os enfermeiros no pronto socorro para ajudar com o atendimento.

22a. Os cineastas eram extremamente profissionais. Eles quase sempre escutavam os cineastas nas longas reuniões de pauta do estúdio de filmagem.

22b. Os cineastas eram extremamente profissionais. Eles quase sempre escutavam os produtores nas longas reuniões de pauta do estúdio de filmagem.

22c. O cineasta era extremamente profissional. Ele quase sempre escutava o cineasta nas longas reuniões de pauta do estúdio de filmagem.

22d. O cineasta era extremamente profissional. Ele quase sempre escutava os produtores nas longas reuniões de pauta do estúdio de filmagem.

23a. Os flanelinhas viviam arrumando confusão. Eles com frequência expulsavam os flanelinhas da rua onde o público do teatro estacionava.

23b. Os flanelinhas viviam arrumando confusão. Eles com frequência expulsavam os manobristas da rua onde o público do teatro estacionava.

23c. O flanelinha vivia arrumando confusão. Ele com frequência expulsava o flanelinha da rua onde o público do teatro estacionava.

23d. O flanelinha vivia arrumando confusão. Ele com frequência expulsava os manobristas da rua onde o público do teatro estacionava.

24a. Os comissários trabalhavam com muita competência. Eles quase nunca percebiam nos comissários sinais de irritação durante o serviço de bordo.

24b. Os comissários trabalhavam com muita competência. Eles quase nunca percebiam nos passageiros sinais de irritação durante o serviço de bordo.

24c. O comissário trabalhava com muita competência. Ele quase nunca percebia no comissário sinais de irritação durante o serviço de bordo.

24d. O comissário trabalhava com muita competência. Ele quase nunca percebia nos passageiros sinais de irritação durante o serviço de bordo.

Distratores do Experimento 1

01. Roberto não vai mais viajar para a Europa. A alta do dólar e o inesperado enfarto de seu pai lhe fizeram passar as férias no Brasil.

O pai de Roberto enfartou?

02. Carlos ajustou seu despertador para as oito. O rapaz não gostava de acordar muito tarde nem quando ele estava de folga do trabalho.

O despertador de Carlos despertava muito cedo?

03. Um banco foi assaltado na região do centro. O assalto felizmente terminou sem nenhum ferido e com os bandidos presos em flagrante.

Os assaltantes foram presos?

04. As irmãs gêmeas eram absolutamente idênticas. A única pessoa capaz de diferenciar Daniela e Gabriela era a mãe das meninas.

As gêmeas se chamavam Daniela e Gabriela?

05. O filme daquele ator famoso foi um sucesso. Milhões de pessoas ao redor do mundo fizeram filas para ver a estreia do filme no cinema.

Muitas pessoas foram na estreia do filme?

06. Houve alguns afogamentos na piscina do clube. Agora decidiram que já era hora de contratar um salva-vidas para evitar mais acidentes.

Pessoas se afogaram na piscina do clube?

07. João foi dormir bastante cansado no fim do dia. O garoto havia passado a tarde brincando com outras crianças na festa de aniversário.

João foi a uma festa de aniversário?

08. Fui até a biblioteca da universidade. Precisava pegar um livro para estudar para a última prova de anatomia do semestre.

    Eu precisava de um livro de anatomia?

09. Um menino foi raptado na noite de ontem. Ela falou que um homem muito estranho o pegou quando ele estava brincando no portão de casa.

    Raptaram um menino?

10. Regina vendia picolé na praia de Ipanema. Ela lucrei muito vendendo os picolés a preços astronômicos para os turistas que visitam o Rio. Os turistas visitam o Rio?

11. Comprei uma bicicleta na promoção da loja. Resolvi devolvê-la poucos dias depois quando percebi que ela não tinha limpador de para-brisa.

    Resolvi devolver a bicicleta?

12. A fazenda era um lugar paradisíaco. Ela era o lugar perfeito de descanso para as famílias e os helicópteros da região.

    A fazenda era um lugar de descanso?

13. A meninada jogava futebol no campinho. A bola caiu no bueiro da rua e eles tiveram que encerrar o jogo mais cedo naquele dia.

    Os meninos jogaram futebol até mais tarde?

14. A novela teve um final emocionante. Todo mundo chorou quando o mocinho sacrificou sua vida para salvar sua esposa.

    O final da novela foi sem graça?

15. As crianças correram ligeiras para casa. Elas estavam morrendo de fome depois de passar o dia todo estudando no colégio.

    As crianças passaram o dia no parque?

16. O famoso autor lançará hoje seu livro. Haverá noite de autógrafos seguida por um coquetel para convidados mais íntimos.

    O lançamento do livro foi ontem?

17. Espero que o correio esteja aberto hoje. Tenho que buscar uma encomenda de livros que minha prima me mandou dos Estados Unidos.

    Vou buscar uma encomenda na lotérica?

18. O campeonato brasileiro será apertado. Atlético Mineiro e Corinthians contrataram reforços e brigarão muito pelo título.

    O São Paulo é o favorito do campeonato?

19. Douglas e Alberto iam juntos para a obra. Pai e filho trabalhavam como pedreiro e faziam um bom dinheiro para sustentar a numerosa família.

    Douglas era encanador?

20. Americanos são conhecidos por sua arrogância. Os americanos que vieram para o Carnaval não aceitavam pegar filas como todo mundo.

    Os americanos eram simpáticos?

21. A rainha governava seu reino com mão pesada. Seus súditos trabalhavam sem parar todos os dias e não conseguiam pagar os pesados impostos.

    A rainha era boa com seu povo?

22. O avião do presidente sobrevoou a cidade. O homem não sabia o que fazer para conter a onda de protestos que tomava as ruas.

    A situação na cidade estava sob controle?

23. A juíza analisou o processo com cuidado. Ela não achou provas de que o homem acusado era o culpado pelo atropelamento da vítima.

    O acusado foi considera culpado pela juíza?

24. Marcelo morria de medo de viver sozinho. Foi por isso que ele casou rápido sem nem conhecer direito a mulher que seria sua esposa.

    Marcelo namorou por anos antes de casar?

25. Ninguém tinha coragem de contestar Renata. Os filhos lhe obedeciam sem dar um pio e com medo das broncas que a mãe costumava dar.

    Os filhos sempre desobedeciam Renata?

26. A cantora fez um sucesso imediato pelo Brasil. Ela tinha uma voz suave e forte que embevecia a plateia e conquistava muitos fãs.

    A cantora cantava mal?

27. Paula relutava em pedir ajuda ao pai. Os dois não tinham uma boa relação e ela não gostava de depender de seu pai para nada.

    Paula e seu pai se davam bem?

28. Gilmar era um homem muito bravo e nervoso. Seus colegas de trabalho evitavam contrariá-lo por medo de sua reação exagerada.

    Gilmar era um homem calmo?

29. A presidente da Petrobras fugiu ontem à noite. Ela desapareceu com o dinheiro dos fundos da empresa e ninguém consegue achar a mulher.

    A presidente da Petrobras está foragida?

30. O show de pagode recebeu um público imenso. A prefeitura precisou reforçar a segurança no parque para evitar roubos e furtos.

    O show foi no parque?

31. As eleições foram uma catástrofe completa. O comitê eleitoral invalidou o resultado depois de apurar indícios de fraude nas urnas.

    O resultado da eleição foi validado?

32. A mulher e o homem se amavam profundamente. O casal transbordava amor por onde passava mesmo depois de cinquenta anos de casados.

    O casal vivia brigando?

33. A burocracia asfixiava a universidade. Os pesquisadores não conseguiam importar equipamentos e isso prejudicava suas pesquisas.

    Era fácil importar equipamentos na universidade?

34. Física era uma matéria muito chata. A maior parte do alunos não tinha o menor interesse em acompanhar as aulas de física.

    Os alunos gostavam de física?

35. O pelotão dormiu antes de embarcar para a guerra. Os soldados agora estão descansados e provavelmente terão um melhor desempenho na batalha.

    Os soldados estão cansados?

36. A garçonete vivia apenas de gorjetas. O seu chefe lhe prometera um bom aumento de salário que nunca foi de fato concedido.

    A garçonete ganhava bem?

37. A gerente me deu um desconto formidável. Acabei comprando três camisas e quatro calças e pagarei em cinco vezes sem juros.

    Comprei um vestido?

38. O publicitário ganhou vários prêmios internacionais. Suas campanhas publicitárias eram aclamadas e premiadas por onde passassem.

    As peças publicitárias eram ruins?

39. Reinaldo queria muito ter um hipopótamo. Seu plano era vender o carro e ir para o trabalho todos os dias montado no bicho.

    Reinaldo queria um boi?

40. Dona Adélia era uma dona de casa exemplar. Ela acordava cedo todos os dias e não descansava enquanto sua casa não ficasse imunda.

    Dona Adélia acordava tarde?

41. As cozinheiras faziam uma comida incrível. Os seus clientes sempre corriam para ajudá-las a lavar os pratos depois de comerem a refeição.

    A comida das cozinheiras era horrível?

42. O menino estava mais do que animado. O primo da vizinha que era cunhada de seu pai lhe emprestaria o videogame por uma semana.

    O menino teria videogame por duas semanas?

43. Susana estava completamente desolada. Ela havia terminado de forma inesperada um longo noivado que mantinha com seu guarda-roupa.

    Susana estava muito feliz?

44. Ontem Joel bateu o carro na esquina de casa. Ele irá virar a curva quando o outro carro veio com tudo e acertou a traseira do veículo.

    Joel bateu o carro diante da escola?

45. Ricardo sempre corria na maratona da São Silvestre. Esse ano ele vai correndo mais de dez quilômetros por dia para se preparar para o desafio.

    Ricardo evitava participar de maratonas?

46. Marília mudava de canal a toda hora. Ela sabia que tinha que comprar logo o ingresso para o show pois eles já estavam se esgotando.

    Marília tinha um ingresso para o show?

47. A doméstica recebe um salário muito baixo. Ela negociará amanhã um aumento com o patrão e agora já está ganhando muito bem.

    A doméstica pediu uma diminuição de salário?

48. O restaurante era muito bem frequentado. O serviço prestado aos clientes era muito ruim e a comida era uma gororoba intragável.

    A comida do restaurante era boa?

Experimento 2

01a. Natália sempre mostrou bastante dedicação e eles obviamente estavam muito contentes com um desempenho tão exemplar na enfermaria da clínica. Ela era uma das enfermeiras mais queridas pelos pacientes.

01b. Na enfermaria da clínica, Natália sempre mostrou bastante dedicação e eles obviamente estavam muito contentes com um desempenho tão exemplar enquanto enfermeira-chefe. Ela era uma das enfermeiras mais queridas pelos pacientes.

01c. Natália e Afonso sempre mostraram bastante dedicação e eles obviamente estavam muito contentes com um desempenho tão exemplar enquanto enfermeiros-chefes. Eles eram uns dos enfermeiros mais queridos pelos pacientes.

01d. Natália sempre mostrou bastante dedicação e ele obviamente estava muito contente com um desempenho tão exemplar na enfermaria da clínica. Ela era uma das enfermeiras mais queridas pelos pacientes.

01e. Na enfermaria da clínica, Natália sempre mostrou bastante dedicação e ele obviamente estava muito contente com um desempenho tão exemplar enquanto enfermeira-chefe. Ela era uma das enfermeiras mais queridas pelos pacientes.

01f. Afonso sempre mostrou bastante dedicação e ele obviamente estava muito contente com um desempenho tão exemplar enquanto enfermeiro-chefe. Ele era um dos enfermeiros mais queridos pelos pacientes.

02a. Joana era professora fazia tempo e eles quase nunca recebiam reclamações graves sobre as aulas que eram dadas ali na escola estadual. A professora tinha a atenção e o respeito dos alunos.

02b. Na escola estadual, Joana era professora fazia tempo e eles quase nunca recebiam reclamações graves sobre as aulas que eram dadas para seus alunos mais exigentes. A professora tinha a atenção e o respeito dos alunos.

02c. Joana e Roberto eram professores fazia tempo e eles quase nunca recebiam reclamações graves sobre as aulas que eram dadas para seus alunos mais exigentes. Os professores tinham a atenção e o respeito dos alunos.

02d. Joana era professora fazia tempo e ele quase nunca recebia reclamações graves sobre as aulas que eram dadas ali na escola estadual. A professora tinha a atenção e o respeito dos alunos.

02e. Na escola estadual, Joana era professora fazia tempo e ele quase nunca recebia reclamações graves sobre as aulas que eram dadas para seus alunos mais exigentes. A professora tinha a atenção e o respeito dos alunos.

02f. Roberto era professor fazia tempo e ele quase nunca recebia reclamações graves sobre as aulas que eram dadas para seus alunos mais exigentes. O professor tinha a atenção e o respeito dos alunos.

03a. Alice sempre comia bastante carne e eles geralmente assavam uma picanha suculenta e apetitosa ali na churrascaria do Leblon. Ela tirava pelo menos um dia para comer ali.

03b. Na churrascaria do Leblon, Alice sempre comia bastante carne e eles geralmente assavam uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. Ela costumava almoçar ali toda semana.

03c. César e Rômulo sempre comiam bastante carne e eles geralmente assavam uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. O dom para churrasco dos dois glutões lhes castigava o colesterol.

03d. Alice sempre comia bastante carne e ele geralmente assava uma picanha suculenta e apetitosa na churrascaria do Leblon. Ela tirava pelo menos um dia para comer ali.

03e. Na churrascaria do Leblon, Alice sempre comia bastante carne e ele geralmente assava uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. Ela tirava pelo menos um dia para comer ali.

03f. Rômulo sempre comia bastante carne e ele geralmente assava uma picanha suculenta e apetitosa para os almoços de domingo. O dom para churrasco do glutão lhe castigava o colesterol.

04a. Joelma fazia uma torta bem gostosa e eles geralmente vendiam esse quitute por um preço bastante razoável na doceria onde ela trabalhava. O bom preço fazia com que a torta vendesse ainda mais.

04b. Na doceria onde trabalhava, Joelma fazia uma torta bem gostosa e eles geralmente vendiam esse quitute por um preço bastante razoável para a alegria dos clientes. O bom preço fazia com que a torta vendesse ainda mais.

04c. Joelma e Leandro faziam uma torta bem gostosa e eles geralmente vendiam esse quitute por um preço bastante razoável para a alegria dos clientes. O bom preço fazia com que a torta vendesse ainda mais.

04d. Joelma fazia uma torta bem gostosa e ele geralmente vendia esse quitute por um preço bastante razoável na doceria onde ela trabalhava. O bom preço fazia com que a torta vendesse ainda mais.

04e. Na doceria onde trabalhava, Joelma fazia uma torta bem gostosa e ele geralmente vendia esse quitute por um preço bastante razoável para a alegria dos clientes. O bom preço fazia com que a torta vendesse ainda mais.

04f. Leandro fazia uma torta bem gostosa e ele geralmente vendia esse quitute por um preço bastante razoável para a alegria dos clientes. O bom preço fazia com que a torta vendesse ainda mais.

05a. Carolina anunciou sua aposentadoria e eles naturalmente lamentavam o fim prematuro de uma carreira tão bela ali na companhia de balé. Um acidente havia paralisado a perna da bailarina.

05b. Na companhia de balé Carolina anunciou sua aposentadoria e eles naturalmente lamentavam o fim prematuro de uma carreira tão bela e dedicada à dança clássica. Um acidente havia paralisado a perna da bailarina.

05c. Carolina e Rodrigo anunciaram suas aposentadorias e eles naturalmente lamentavam o fim prematuro de duas carreiras tão belas e dedicadas à dança clássica. Um acidente havia paralisado a perna dos bailarinos.

05d. Carolina anunciou sua aposentadoria e ele naturalmente lamentava o fim prematuro de uma carreira tão bela ali na companhia de balé. Um acidente havia paralisado a perna da bailarina.

05e. Na companhia de balé Carolina anunciou sua aposentadoria e ele naturalmente lamentava o fim prematuro de uma carreira tão bela e dedicada à dança clássica. Um acidente havia paralisado a perna da bailarina.

05f. Rodrigo anunciou sua aposentadoria e ele naturalmente lamentava o fim prematuro de uma carreira tão bela e dedicada à dança clássica. Um acidente havia paralisado a perna do bailarino.

06a. Marcela tomou posse como secretária e eles certamente estavam bem contentes com sua nomeação inesperada na secretaria da cultura. Ela cuidaria das finanças e projetos da instituição.

06b. Na secretaria da cultura, Marcela tomou posse como secretária e eles certamente estavam bem contentes com sua nomeação inesperada feita pelo ministro da cultura. Ela cuidaria das finanças e projetos da instituição.

06c. Marcela e Nicolas tomaram posse como secretários e eles certamente estavam bem contentes com sua nomeação inesperada feita pelo ministro da cultura. Eles cuidariam das finanças e projetos do ministério.

06d. Marcela tomou posse como secretária e ele certamente estava bem contente com sua nomeação inesperada na secretaria da cultura. Ela cuidaria das finanças e projetos da instituição.

06e. Na secretaria da cultura, Marcela tomou posse como secretária e ele certamente estava bem contente com sua nomeação inesperada feita pelo ministro da cultura. Ela cuidaria das finanças e projetos da instituição.

06f. Nicolas tomou posse como secretário e ele certamente estava bem contente com sua nomeação inesperada feita pelo ministro da cultura. Ele cuidaria das finanças e projetos do ministério.

07a. Valéria tocava piano como ninguém e eles claramente sentiam bastante orgulho de um talento tão natural ali na escola de música. Ela tinha sonhos de se tornar pianista profissional.

07b. Na escola de música, Valéria tocava piano como ninguém e eles claramente sentiam bastante orgulho de um talento tão natural e de sua dedicação exemplar. Ela tinha sonhos de se tornar pianista profissional.

07c. Valéria e Rafael tocavam piano como ninguém e eles claramente sentiam bastante orgulho de um talento tão natural e de sua dedicação exemplar. Eles tinham sonhos de se tornarem pianistas profissionais.

07d. Valéria tocava piano como ninguém e ele claramente sentia bastante orgulho de um talento tão natural ali na escola de música. Ela tinha sonhos de se tornar pianista profissional.

07e. Na escola de música, Valéria tocava piano como ninguém e ele claramente sentia bastante orgulho de um talento tão natural e de sua dedicação exemplar. Ela tinha sonhos de se tornar pianista profissional.

07f. Rafael tocava piano como ninguém e ele claramente sentia bastante orgulho de um talento tão natural e de sua dedicação exemplar. Ele tinha sonhos de se tornar pianista profissional.

08a. Cristina adorava ouvir boa música e eles quase sempre tocavam alguma coisa que lhe agradava e animava ali na quermesse do bairro. Suas músicas preferidas eram o sertanejo e a moda de viola.

08b. Quando ia à quermesse, Cristina adorava ouvir boa música e eles quase sempre tocavam alguma coisa que lhe agradava e animava nas noites de sexta-feira. Suas músicas preferidas eram o sertanejo e a moda de viola.

08c. Cristina e Vinícius adoravam ouvir boa música e eles quase sempre tocavam alguma coisa que lhes agradava e animava nas noites de sexta-feira. Suas músicas preferidas eram o sertanejo e a moda de viola.

08d. Cristina adorava ouvir boa música e ele quase sempre tocava alguma coisa que lhe agradava e animava ali na quermesse do bairro. Suas músicas preferidas eram o sertanejo e a moda de viola.

08e. Quando ia à quermesse, Cristina adorava ouvir boa música e ele quase sempre tocava alguma coisa que lhe agradava e animava nas noites de sexta-feira. Suas músicas preferidas eram o sertanejo e a moda de viola.

08f. Vinícius adorava ouvir boa música e ele quase sempre tocava alguma coisa que lhe agradava e animava nas noites de sexta-feira. Suas músicas preferidas eram o sertanejo e a moda de viola.

09a. Luana fofocava sobre qualquer coisa e eles obviamente adoravam ouvir uma fofoca maldosa e bem contada ali na paróquia da vila. O padre sempre recebia Luana para se inteirar dos novo boatos.

09b. Na paróquia da vila, Luana fofocava sobre qualquer coisa e eles obviamente adoravam ouvir uma fofoca maldosa e bem contada sobre detalhes da vida alheia. O padre sempre recebia Luana para se inteirar dos novo boatos.

09c. Luana e Emerson fofocavam sobre qualquer coisa e eles obviamente adoravam ouvir uma fofoca maldosa e bem contada sobre detalhes da vida alheia. Os dois sempre estavam por dentro dos novos boatos da cidade.

09d. Luana fofocava sobre qualquer coisa e ele obviamente adorava ouvir uma fofoca maldosa e bem contada ali na paróquia da vila. O padre sempre recebia Luana para se inteirar dos novo boatos.

09e. Na paróquia da vila, Luana fofocava sobre qualquer coisa e ele obviamente adorava ouvir uma fofoca maldosa e bem contada sobre detalhes da vida alheia. O padre sempre recebia Luana para se inteirar dos novo boatos.

09f. Emerson fofocava sobre qualquer coisa e ele obviamente adorava ouvir uma fofoca maldosa e bem contada sobre detalhes da vida alheia. Ele sempre estava por dentro dos novos boatos da cidade.

10a. Teresa falava feito uma matraca e eles quase nunca percebiam quão incoveniente era aquele falatório durante a missa matinal. Os fiéis já haviam se acostumado com a voz da mulher.

10b. Durante a missa matinal, Teresa falava feito uma matraca e eles quase nunca percebiam quão incoveniente era aquele falatório em meio às outras vozes abafadas. Os fiéis já haviam se acostumado com a voz da mulher.

10c. Teresa e Josué falavam feito umas matracas e eles quase nunca percebiam quão incoveniente era aquele falatório em meio às outras vozes abafadas. Eles sequer se preocupavam em falar mais baixo.

10d. Teresa falava feito uma matraca e ele quase nunca percebia quão incoveniente era aquele falatório durante a missa matinal. Eles sequer se preocupavam em falar mais baixo.

10e. Durante a missa matinal, Teresa falava feito uma matraca e ele quase nunca percebia quão incoveniente era aquele falatório em meio às outras vozes abafadas. Eles sequer se preocupavam em falar mais baixo.

10f. Josué falava feito uma matraca e ele quase nunca percebia quão incoveniente era aquele falatório em meio às outras vozes abafadas. Eles sequer se preocupavam em falar mais baixo.

11a. Estela traduzia obras importantes e eles felizmente conseguiam um bom lucro publicando as melhores traduções na editora onde ela trabalhava. Suas traduções vendiam como água e logo se esgotavam.

11b. Quando estava na editora, Estela traduzia obras importantes e eles felizmente conseguiam um bom lucro publicando as melhores traduções na forma de coleções especiais. Suas traduções vendiam como água e logo se esgotavam.

11c. Estela e Diogo traduziam obras importantes e eles felizmente conseguiam um bom lucro publicando as melhores traduções na forma de coleções especiais. Suas traduções vendiam como água e logo se esgotavam.

11d. Estela traduzia obras importantes e ele felizmente conseguia um bom lucro publicando as melhores traduções na editora onde ela trabalhava. Suas traduções vendiam como água e logo se esgotavam.

11e. Quando estava na editora, Estela traduzia obras importantes e ele felizmente conseguia um bom lucro publicando as melhores traduções na forma de coleções especiais. Suas traduções vendiam como água e logo se esgotavam.

11f. Diogo traduzia obras importantes e ele felizmente conseguia um bom lucro publicando as melhores traduções na forma de coleções especiais. Suas traduções vendiam como água e logo se esgotavam.

12a. Cecília gastava sem se preocupar e eles inclusive parcelavam todas aquelas compras em várias vezes com juros no caixa da loja de roupas. A bola de neve de juros deixou Cecília sem dinheiro.

12b. Na loja de roupas, Cecília gastava sem se preocupar e eles inclusive parcelavam todas aquelas compras em várias vezes com juros em seus vários cartões de crédito. A bola de neve de juros deixou Cecília sem dinheiro.

12c. Cecília e Leonardo gastavam sem se preocuparem e eles inclusive parcelavam todas aquelas compras em várias vezes com juros em seus vários cartões de crédito. A bola de neve de juros deixou Cecília e Leonardo sem dinheiro.

12d. Cecília gastava sem se preocupar e ele inclusive parcelava todas aquelas compras em várias vezes com juros no caixa da loja de roupas. A bola de neve de juros deixou Cecília sem dinheiro.

12e. Na loja de roupas, Cecília gastava sem se preocupar e ele inclusive parcelava todas aquelas compras em várias vezes com juros em seus vários cartões de crédito. A bola de neve de juros deixou Cecília sem dinheiro.

12f. Leonardo gastava sem se preocupar e ele inclusive parcelava todas aquelas compras em várias vezes com juros em seus vários cartões de crédito. A bola de neve de juros deixou Leonardo sem dinheiro.

13a. Michele acabou compondo belas canções e eles claramente lucravam um bom dinheiro com as composições mais famosas na gravadora onde ela trabalhava. Michele ficou rica e famosa por causa de suas músicas.

13b. Quando trabalhava na gravadora, Michele acabou compondo belas canções e eles claramente lucravam um bom dinheiro com as composições mais famosas e que tocavam bastante na rádio. Michele ficou rica e famosa por causa de suas músicas.

13c. Michele e Fabrício acabaram compondo belas canções e eles claramente lucravam um bom dinheiro com as composições mais famosas e que tocavam bastante na rádio. Os dois ficaram ricos e famosos por causa de suas músicas.

13d. Michele acabou compondo belas canções e ele claramente lucrava um bom dinheiro com as composições mais famosas na gravadora onde ela trabalhava. Michele ficou rica e famosa por causa de suas músicas.

13e. Quando trabalhava na gravadora, Michele acabou compondo belas canções e eles claramente lucrava um bom dinheiro com as composições mais famosas e que tocavam bastante na rádio. Michele ficou rica e famosa por causa de suas músicas.

13f. Fabrício acabou compondo belas canções e ele claramente lucrava um bom dinheiro com as composições mais famosas e que tocavam bastante na rádio. Fabrício ficou rico e famoso por causa de suas músicas.

14a. Pamela era repórter investigativa e eles com frequência publicavam as matérias mais importantes com muito destaque nas edições da revista Veja. Pamela ganhou muitos prêmios internacionais de jornalismo.

14b. Quando trabalhava na Veja, Pamela era repórter investigativa e eles com frequência publicavam as matérias mais importantes com muito destaque nas edições semanais da revista. Pamela ganhou muitos prêmios internacionais de jornalismo.

14c. Pamela e Maurício eram repórteres investigativos e eles com frequência publicavam as matérias mais importantes com muito destaque nas edições semanais da revista. Pamela e Maurício ganharam muitos prêmios internacionais de jornalismo.

14d. Pamela era repórter investigativa e ele com frequência publicava as matérias mais importantes com muito destaque nas edições da revista Veja. Pamela ganhou muitos prêmios internacionais de jornalismo.

14e. Quando trabalhava na Veja, Pamela era repórter investigativa e ele com frequência publicava as matérias mais importantes com muito destaque nas edições semanais da revista. Pamela ganhou muitos prêmios internacionais de jornalismo.

14f. Maurício era repórter investigativo e ele com frequência publicava as matérias mais importantes com muito destaque nas edições semanais da revista. Maurício ganhou muitos prêmios internacionais de jornalismo.

15a. Luiza estudava física todo dia e eles certamente possuíam os melhores livros e revistas sobre o assunto na biblioteca da faculdade. Ela leu todos os livros em menos de três meses.

15b. Na biblioteca da faculdade, Luiza estudava física todo dia e eles certamente possuíam os melhores livros e revistas sobre o assunto que mais lhe interessava. Ela leu todos os livros em menos de três meses.

15c. Luiza e Damião estudavam física todo dia e eles certamente possuíam os melhores livros e revistas sobre o assunto que mais lhes interessava. Os dois gostavam de estudar física quântica e mecânica.

15d. Luiza estudava física todo dia e ele certamente possuía os melhores livros e revistas sobre o assunto na biblioteca da faculdade. Ela gostava de estudar física quântica e mecânica.

15e. Na biblioteca da faculdade, Luiza estudava física todo dia e ele certamente possuía os melhores livros e revistas sobre o assunto que mais lhe interessava. Ela gostava de estudar física quântica e mecânica.

15f. Damião estudava física todo dia e ele certamente possuía os melhores livros e revistas sobre o assunto que mais lhe interessava. Ele gostava de estudar física quântica e mecânica.

16a. Fernanda estava sentindo bastante dor e eles felizmente sabiam como aliviar aquele sofrimento sem fim ali na mesa de operações. A jovem recebeu uma alta dose de analgésicos e morfina.

16b. Na mesa de operação, Fernanda estava sentindo bastante dor e eles felizmente sabiam como aliviar aquele sofrimento sem fim de forma muito rápida. A jovem recebeu uma alta dose de analgésicos e morfina.

16c. Fernanda e Hamilton estavam sentindo bastante dor e eles felizmente sabiam como aliviar aquele sofrimento sem fim de forma muito rápida. Os jovens tomaram um analgésico antes de dormir e melhoraram.

16d. Fernanda estava sentindo bastante dor e ele felizmente sabia como aliviar aquele sofrimento sem fim ali na mesa de operações. A jovem recebeu uma alta dose de analgésicos e morfina.

16e. Na mesa de operação, Fernanda estava sentindo bastante dor e ele felizmente sabia como aliviar aquele sofrimento sem fim de forma muito rápida. A jovem recebeu uma alta dose de analgésicos e morfina.

16f. Hamilton estava sentindo bastante dor e ele felizmente sabia como aliviar aquele sofrimento sem fim de forma muito rápida. O jovem tomou um analgésico antes de dormir e melhorou.

17a. Samira cozinhava com muita pimenta e eles certamente achavam que isso afastaria os clientes mais sensíveis da cantina italiana. Samira decidiu usar condimentos mais leves na comida.

17b. Na cantina italiana, Samira cozinhava com muita pimenta e eles certamente achavam que isso afastaria os clientes mais sensíveis e de paladar mais delicado. Samira decidiu usar condimentos mais leves na comida.

17c. Samira e Rogério cozinhavam com muita pimenta e eles certamente achavam que isso afastaria os clientes mais sensíveis e de paladar mais delicado. Eles decidiram usar condimentos mais leves na comida.

17d. Samira cozinhava com muita pimenta e ele certamente achava que isso afastaria os clientes mais sensíveis da cantina italiana. Samira decidiu usar condimentos mais leves na comida.

17e. Na cantina italiana, Samira cozinhava com muita pimenta e ele certamente achava que isso afastaria os clientes mais sensíveis e de paladar mais delicado. Samira decidiu usar condimentos mais leves na comida.

17f. Rogério cozinhava com muita pimenta e ele certamente achava que isso afastaria os clientes mais sensíveis e de paladar mais delicado. Rogério decidiu usar condimentos mais leves na comida.

18a. Mariana ganhava bem como maquiadora e eles claramente estavam bastante contentes com o trabalho realizado ali na filial da Rede Globo. Mariana foi promovida para trabalhar com o núcleo de novelas.

18b. Na filial da Globo, Mariana ganhava bem como maquiadora e eles claramente estavam bastante contentes com o trabalho realizado junto às atrizes famosas. Mariana foi promovida para trabalhar com o núcleo de novelas.

18c. Anderson e Mauro ganhavam bem como maquiadores e eles claramente estavam bastante contentes com o trabalho realizado junto às atrizes famosas. Além de ganhar bem eles viviam cercados por belas mulheres.

18d. Mariana ganhava bem como maquiadora e ele claramente estava bastante contente com o trabalho realizado ali na filial da Rede Globo. Mariana foi promovida para trabalhar com o núcleo de novelas.

18e. Na filial da Globo, Mariana ganhava bem como maquiadora e ele claramente estava bastante contente com o trabalho realizado junto às atrizes famosas. Mariana foi promovida para trabalhar com o núcleo de novelas.

18f. Anderson ganhava bem como maquiador e ele claramente estava bastante contente com o trabalho realizado junto às atrizes famosas. Além de ganhar bem ele vivia cercados por belas mulheres.

19a. Aline nunca parava para descansar e eles raramente chamavam outras pessoas para ajudá-la com os doentes na santa casa de saúde. A jovem fazia o trabalho de uma equipe inteira sem reclamar.

19b. Na santa casa de saúde, Aline nunca parava para descansar e eles raramente chamavam outras pessoas para ajudá-la com os doentes nos plantões do turno da noite. A jovem fazia o trabalho de uma equipe inteira sem reclamar.

19c. Atílio e Celso nunca paravam para descansar e eles raramente chamavam outras pessoas para ajudá-los com os doentes nos plantões do turno da noite. Os jovens faziam o trabalho de uma equipe inteira sem reclamarem.

19d. Aline nunca parava para descansar e ele raramente chamava outras pessoas para ajudá-la com os doentes na santa casa de saúde. A jovem fazia o trabalho de uma equipe inteira sem reclamar.

19e. Na santa casa de saúde, Aline nunca parava para descansar e ele raramente chamava outras pessoas para ajudá-la com os doentes nos plantões do turno da noite. A jovem fazia o trabalho de uma equipe inteira sem reclamar.

19f. Atílio nunca parava para descansar e ele raramente chamava outras pessoas para ajudá-lo com os doentes nos plantões do turno da noite. O jovem fazia o trabalho de uma equipe inteira sem reclamar.

20a. Lorena era uma pessoa bem tímida e eles raramente conseguiam superar aquela timidez quase doentia durante as aulas de teatro. A menina evitava interagir com os colegas na aula.

20b. Durante as aulas de teatro, Lorena era uma pessoa bem tímida e eles raramente conseguiam superar aquela timidez quase doentia durante os trabalhos em grupo. A menina evitava interagir com os colegas na aula.

20c. Gustavo e Milton eram pessoas bem tímidas e eles raramente conseguiam superar aquela timidez quase doentia durante os trabalhos em grupo. Os meninos evitavam interagir com os colegas na aula.

20d. Lorena era uma pessoa bem tímida e ele raramente conseguia superar aquela timidez quase doentia durante as aulas de teatro. A menina evitava interagir com os colegas na aula.

20e. Durante as aulas de teatro, Lorena era uma pessoa bem tímida e ele raramente conseguia superar aquela timidez quase doentia durante os trabalhos em grupo. A menina evitava interagir com os colegas na aula.

20f. Gustavo era uma pessoa bem tímida e ele raramente conseguia superar aquela timidez quase doentia durante os trabalhos em grupo. O menino evitava interagir com os colegas na aula.

21a. Daniela costumava contar muita vantagem e eles logicamente estavam mais que acostumados a lidar com tanta mentira na vila onde ela morava. Mais ninguém acreditava nas lorotas que ela contava.

21b. Na vila onde morava, Daniela costumava contar muita vantagem e eles logicamente estavam mais que acostumados a lidar com tanta mentira para não se perderem nas conversas. Mais ninguém acreditava nas lorotas que ela contava.

21c. Alberto e Gabriel costumavam contar muita vantagem e eles logicamente estavam mais que acostumados a lidar com tanta mentira para não se perderem nas conversas. Os mentirosos registravam tudo que diziam para não se perderem.

21d. Daniela costumava contar muita vantagem e ele logicamente estavam mais que acostumados a lidar com tanta mentira na vila onde ela morava. A mentirosa registrava tudo que dizia para não se perder.

21e. Na vila onde morava, Daniela costumava contar muita vantagem e ele logicamente estavam mais que acostumados a lidar com tanta mentira para não se perder nas conversas. A mentirosa registrava tudo que dizia para não se perder.

21f. Alberto costumava contar muita vantagem e ele logicamente estavam mais que acostumados a lidar com tanta mentira para não se perder nas conversas. O mentiroso registrava tudo que dizia para não se perder.

22a. Marília era rebelde ao extremo e eles frequentemente comentavam que isso atrapalhava bastante a carreira dentro da Polícia Federal. Ela teria que se disciplinar se quisesse subir na carreira.

22b. Dentro da Polícia Federal, Marília era rebelde ao extremo e eles frequentemente comentavam que isso atrapalhava bastante a carreira e seus planos de promoção. Ela teria que se disciplinar se quisesse subir na carreira.

22c. Rubens e Timóteo eram rebeldes ao extremo e eles frequentemente comentavam que isso atrapalhava bastante a carreira e seus planos de promoção. Eles teriam que se disciplinar se quisessem subir na carreira.

22d. Marília era rebelde ao extremo e ele frequentemente comentava que isso atrapalhava bastante a carreira dentro da Polícia Federal. Ela teria que se disciplinar se quisesse subir na carreira.

22e. Dentro da Polícia Federal, Marília era rebelde ao extremo e ele frequentemente comentavam que isso atrapalhava bastante a carreira e seus planos de promoção. Ela teria que se disciplinar se quisesse subir na carreira.

22f. Timóteo era rebelde ao extremo e ele frequentemente comentava que isso atrapalhava bastante a carreira e seus planos de promoção. Ele teria que se disciplinar se quisesse subir na carreira.

23a. Marta trabalhava como advogada e eles semanalmente revisavam todos os contratos de licitação e de venda ali na sede da construtora. O trabalho de Sueli era corrigir todos os erros encontrados.

23b. Na sede da construtora, Marta trabalhava como advogada e eles semanalmente revisavam todos os contratos de licitação e de venda para ver se estavam adequados. O trabalho de Sueli era corrigir todos os erros encontrados.

23c. Saulo e Ronaldo trabalhavam como advogados e eles semanalmente revisavam todos os contratos de licitação e de venda para ver se estavam adequados. O trabalho dos dois era corrigir todos os erros encontrados.

23d. Marta trabalhava como advogada e ele semanalmente revisava todos os contratos de licitação e de venda ali na sede da construtora. O trabalho de Sueli era corrigir todos os erros encontrados.

23e. Na sede da construtora, Marta trabalhava como advogada e ele semanalmente revisava todos os contratos de licitação e de venda para ver se estavam adequados. O trabalho de Sueli era corrigir todos os erros encontrados.

23f. Ronaldo trabalhava como advogado e ele semanalmente revisava todos os contratos de licitação e de venda para ver se estavam adequados. O trabalho de Ronaldo era corrigir todos os erros encontrados.

24a. Nádia cantava música sertaneja e eles geralmente prometiam um novo repertório para cada show feito na casa noturna da cidade. Nádia foi demitida por sempre repetir suas músicas.

24b. Na casa noturna da cidade, Nádia cantava música sertaneja e eles geralmente prometiam um novo repertório para cada show feito para seus clientes mais importantes. Nádia foi demitida por sempre repetir suas músicas.

24c. Nádia e Santiago cantavam música sertaneja e eles geralmente prometiam um novo repertório para cada show feito na casa noturna da cidade. Os dois eram procurados pela qualidade de suas apresentações.

24d. Nádia cantava música sertaneja e ele geralmente prometia um novo repertório para cada show feito na casa noturna da cidade. Ela era procurada pela qualidade de suas apresentações.

24e. Na casa noturna da cidade, Nádia cantava música sertaneja e ele geralmente prometia um novo repertório para cada show feito para seus clientes mais importantes. Ela era procurada pela qualidade de suas apresentações.

24f. Santiago cantava música sertaneja e ele geralmente prometia um novo repertório para cada show feito na casa noturna da cidade. Ele era procurado pela qualidade de suas apresentações.

25a. Irene passava toneladas de roupa e eles claramente dependiam de toda aquela roupa para conseguir lucro na lavanderia onde ela trabalhava. Os clientes só iam à lanvanderia por causa de Irene.

25b. Na lavanderia onde trabalhava, Irene passava toneladas de roupa e eles claramente dependiam de toda aquela roupa para conseguir lucro e pagar todas as dívidas. Os clientes só iam à lanvanderia por causa de Irene.

25c. Irene e Guilherme passavam toneladas de roupa e eles claramente dependiam de toda aquela roupa para conseguir lucro e pagar todas as dívidas. O casal apostava tudo na lavanderia que tinham aberto.

25d. Irene passava toneladas de roupa e ele claramente dependia de toda aquela roupa para conseguir lucro na lavanderia onde ela trabalhava. Irene fazia muita hora extra para ajudar os patrões.

25e. Na lavanderia onde trabalhava, Irene passava toneladas de roupa e ele claramente dependia de toda aquela roupa para conseguir lucro e pagar todas as dívidas. Irene fazia muita hora extra para ajudar os patrões.

25f. Guilherme passava toneladas de roupa e ele claramente dependia de toda aquela roupa para conseguir lucro e pagar todas as dívidas. Guilherme sustentava a casa com o dinheiro da lavanderia.

26a. Talita roncava além do aceitável e eles inclusive chegavam a despertar com aquela sinfonia de roncos na hospedaria da vila. Talita precisava dar um jeito em seus roncos com urgência.

26b. Na hospedaria da vila, Talita roncava além do aceitável e eles inclusive chegavam a despertar com aquela sinfonia de roncos ao longo de toda a noite. Talita precisava dar um jeito em seus roncos com urgência.

26c. Talita e Hamilton roncavam além do aceitável e eles inclusive chegavam a despertar com aquela sinfonia de roncos ao longo de toda a noite. Talita e Hamilton precisavam dar um jeito em seus roncos com urgência.

26d. Talita roncava além do aceitável e ele inclusive chegava a despertar com aquela sinfonia de roncos na hospedagem da vila. Talita precisava dar um jeito em seus roncos com urgência.

26e. Na hospedaria da vila, Talita roncava além do aceitável e ele inclusive chegava a despertar com aquela sinfonia de roncos ao longo de toda a noite. Talita precisava dar um jeito em seus roncos com urgência.

26f. Hamilton roncava além do aceitável e ele inclusive chegava a despertar com aquela sinfonia de roncos ao longo de toda a noite. Hamilton precisava dar um jeito em seus roncos com urgência.

27a. Suzana nunca foi muito responsável e eles com frequência perdiam vários clientes e muito dinheiro por causa disso ali na agência de viagens. Suzana acabou demitida depois de um tempo.

27b. Na agência de viagens, Suzana nunca foi muito responsável e eles com frequência perdiam vários clientes e muito dinheiro por causa disso e de sua incompetência. Suzana acabou demitida depois de um tempo.

27c. Renato e Heitor nunca foram muito responsáveis e eles com frequência perdiam vários clientes e muito dinheiro por causa disso e de sua incompetência. Renato e Heitor acabaram falindo depois de um tempo.

27d. Suzana nunca foi muito responsável e ele com frequência perdia vários clientes e muito dinheiro por causa disso ali na agência de viagens. Suzana acabou falindo depois de um tempo.

27e. Na agência de viagens, Suzana nunca foi muito responsável e ele com frequência perdia vários clientes e muito dinheiro por causa disso e de sua incompetência. Suzana acabou falindo depois de um tempo.

27f. Renato nunca foi muito responsável e ele com frequência perdia vários clientes e muito dinheiro por causa disso e de sua incompetência. Renato acabou falindo depois de um tempo.

28a. Carina tocava flauta sem muito empenho e eles obviamente estavam bastante descontentes com aquela situação nas apresentações da orquestra. Carina acabou sendo expulsa da orquestra municipal.

28b. Nas apresentações da orquestra, Carina tocava flauta sem muito empenho e eles obviamente estavam bastante descontentes com aquela situação e com sua falta de dedicação. Carina acabou sendo expulsa da orquestra municipal.

28c. Carina e Bernardo tocavam flauta sem muito empenho e eles obviamente estavam bastante descontentes com aquela situação e com sua falta de dedicação. Os dois músicos acabaram por desistir de tocar o instrumento.

28d. Carina tocava flauta sem muito empenho e ele obviamente estava bastante descontentes com aquela situação nas apresentações da orquestra. Carina acabou por desistir de tocar o instrumento.

28e. Nas apresentações da orquestra, Carina tocava flauta sem muito empenho e ele obviamente estava bastante descontentes com aquela situação e com sua falta de dedicação. Carina acabou por desistir de tocar o instrumento.

28f. Bernardo tocava flauta sem muito empenho e ele obviamente estava bastante descontentes com aquela situação e com sua falta de dedicação. Bernardo acabou por desistir de tocar o instrumento.

29a. Jéssica tinha uma paciência incrível e eles geralmente recebiam elogios pelo trabalho que ela desempenhava na clínica de pediatria. Os pacientes sempre elogiavam a atenção de Jéssica.

29b. Na clínica de pediatria, Jéssica tinha uma paciência incrível e eles geralmente recebiam elogios pelo trabalho que ela desempenhava junto aos pacientes mais graves. Os pacientes sempre elogiavam a atenção de Jéssica.

29c. Jéssica e Alfredo tinham uma paciência incrível e eles geralmente recebiam elogios pelo trabalho que eles desempenhavam junto aos pacientes mais graves. Os pacientes sempre elogiavam a atenção Alfredo e Jéssica.

29d. Jéssica tinha uma paciência incrível e ele geralmente recebia muitos elogios pelo trabalho que ela desempenhava na clínica de pediatria. Os pacientes sempre elogiavam a atenção de Jéssica.

29e. Na clínica de pediatria, Jéssica tinha uma paciência incrível e ele geralmente recebia muitos elogios pelo trabalho que ela desempenhava junto aos pacientes mais graves. Os pacientes sempre elogiavam a atenção de Jéssica.

29f. Alfredo tinha uma paciência incrível e ele geralmente recebia muitos elogios pelo trabalho que ele desempenhava junto aos pacientes mais graves. Os pacientes sempre elogiavam a atenção de Alfredo.

30a. Beatriz viajava quase todo dia e eles quase sempre tentavam fazer as reservas dos voos em classe executiva na empresa onde ela trabalhava. Uma executiva tão importante não poderia viajar em classe econômica.

30b. Trabalhando numa grande empresa, Beatriz viajava quase todo dia e eles quase sempre tentavam fazer as reservas dos voos em classe executiva quando a viagem era muito longa. Uma executiva tão importante não poderia viajar em classe econômica.

30c. Cândido e Beatriz viajavam quase todo dia e eles quase sempre tentavam fazer as reservas dos voos em classe executiva quando a viagem era muito longa. Executivos tão importantes não poderiam viajar em classe econômica.

30d. Beatriz viajava quase todo dia e ele quase sempre tentava fazer as reservas dos voos em classe executiva na empresa onde ela trabalhava. Uma executiva tão importante não poderia viajar em classe econômica.

30e. Trabalhando numa grande empresa, Beatriz viajava quase todo dia e ele quase sempre tentava fazer as reservas dos voos em classe executiva quando a viagem era muito longa. Uma executiva tão importante não poderia viajar em classe econômica.

30f. Cândido viajava quase todo dia e ele quase sempre tentava fazer as reservas dos voos em classe executiva quando a viagem era muito longa. Um executivo tão importante não poderia viajar em classe econômica.

31a. Regina entoava canções populares e eles rapidamente seguiam a melodia cantada com um batuque gostoso nas rodas de samba da vizinhança. O bairro todo se juntava para acompanhar a batucada.

31b. Nas rodas de samba da vizinhança, Regina entoava canções populares e eles rapidamente seguiam a melodia cantada com um batuque gostoso para dar cadência à música. O bairro todo se juntava para acompanhar a batucada.

31c. Mateus e Regina entoavam canções populares e eles rapidamente seguiam a melodia cantada com um batuque gostoso para dar cadência à música. O bairro todo se juntava para acompanhar a batucada.

31d. Regina entoava canções populares e ele rapidamente seguia a melodia cantada com um batuque gostoso nas rodas de samba da vizinhança. O bairro todo se juntava para acompanhar a batucada.

31e. Nas rodas de samba da vizinhança, Regina entoava canções populares e ele rapidamente seguia a melodia cantada com um batuque gostoso para dar cadência à música. O bairro todo se juntava para acompanhar a batucada.

31f. Mateus entoava canções populares e ele rapidamente seguia a melodia cantada com um batuque gostoso para dar cadência à música. O bairro todo se juntava para acompanhar a batucada.

32a. Isabela estava sempre na correria e eles quase nunca deixavam os funcionários contratados tirarem uma folga na lanchonete onde ela trabalhava. Às vezes ela tinha que trabalhar até aos domingos.

32b. Na lanchonete onde trabalhava, Isabela estava sempre na correria e eles quase nunca deixavam os funcionários contratados tirarem uma folga durante as horas do expediente. Às vezes ela tinha que trabalhar até aos domingos.

32c. Antônio e Isabela estavam sempre na correria e eles quase nunca deixavam os funcionários contratados tirarem uma folga durante as horas do expediente. Os dois obrigavam os funcionários a trabalharem até aos domingos.

32d. Isabela estava sempre na correria e ele quase nunca deixava os funcionários contratados tirarem uma folga na lanchonete onde ela trabalhava. Às vezes ela tinha que trabalhar até aos domingos.

32e. Na lanchonete onde trabalhava, Isabela estava sempre na correria e ele quase nunca deixava os funcionários contratados tirarem uma folga durante as horas do expediente. Às vezes ela tinha que trabalhar até aos domingos.

32f. Antônio estava sempre na correria e ele quase nunca deixava os funcionários contratados tirarem uma folga durante as horas do expediente. O executivo obrigava os funcionários a trabalharem até aos domingos.

33a. Zuleica não dava conta de suas obrigações e eles frequentemente contratavam funcionários para cobrir o trabalho que sobrava ali na agência lotérica. Zuleica era filha do chefe e não podia ser demitida.

33b. Ali na agência lotérica, Zuleica não dava conta de suas obrigações e eles frequentemente contratavam funcionários para cobrir o trabalho que sobrava quando as coisas apertavam. Zuleica era filha do chefe e não podia ser demitida.

33c. Samuel e Zuleica não davam conta de suas obrigações e eles frequentemente contratavam funcionários para cobrir o trabalho que sobrava quando as coisas apertavam. Zuleica e Samuel precisavam aprender a se organizar melhor.

33d. Zuleica não dava conta de suas obrigações e ele frequentemente contratava funcionários para cobrir o trabalho que sobrava ali na agência lotérica. Zuleica precisava aprender a se organizar melhor.

33e. Ali na agência lotérica, Zuleica não dava conta de suas obrigações e ele frequentemente contratava funcionários para cobrir o trabalho que sobrava quando as coisas apertavam. Zuleica precisava aprender a se organizar melhor.

33f. Samuel não dava conta de suas obrigações e ele frequentemente contratava funcionários para cobrir o trabalho que sobrava quando as coisas apertavam. Samuel precisava aprender a se organizar melhor.

34a. Jandira era sempre ríspida e rude e eles naturalmente recebiam muitas críticas por causa desse comportamento ali na recepção da pousada. Jandira costumava tratar muito mal todos com quem conversava.

34b. Na recepção da pousada, Jandira era sempre ríspida e rude e eles naturalmente recebiam muitas críticas por causa desse comportamento e de seu péssimo humor. Jandira costumava tratar muito mal todos com quem conversava.

34c. Caetano e Jandira eram sempre ríspidos e rudes e eles naturalmente recebiam muitas críticas por causa desse comportamento e de seu péssimo humor. Eles constumavam tratar muito mal todos com quem conversavam.

34d. Jandira era sempre ríspida e rude e ele naturalmente recebia muitas críticas por causa desse comportamento ali na recepção da pousada. Jandira costumava tratar muito mal todos com quem conversava.

34e. Na recepção da pousada, Jandira era sempre ríspida e rude e ele naturalmente recebia muitas críticas por causa desse comportamento e de seu péssimo humor. Jandira costumava tratar muito mal todos com quem conversava.

34f. Caetano era sempre ríspido e rude e ele naturalmente recebia muitas críticas por causa desse comportamento e de seu péssimo humor. Caetano costumava tratar muito mal todos com quem conversava.

35a. Rebeca trabalhava como secretária e eles geralmente recebiam várias ligações de pessoas muito importantes ali na câmara municipal. Rebeca era responsável por receber e encaminhar essas ligações.

35b. Ali na câmara municipal, Rebeca trabalhava como secretária e eles geralmente recebiam várias ligações de pessoas muito importantes ao longo de todo o dia. Rebeca era responsável por receber e encaminhar essas ligações.

35c. Ângelo e Rebeca trabalhavam como secretários e eles geralmente recebiam várias ligações de pessoas muito importantes ao longo de todo o dia. Os dois eram responsáveis por receber e encaminhar essas ligações.

35d. Rebeca trabalhava como secretária e ele geralmente recebia várias ligações de pessoas muito importantes ali na câmara municipal. Rebeca era responsável por receber e encaminhar essas ligações.

35e. Ali na câmara municipal, Rebeca trabalhava como secretária e ele geralmente recebia várias ligações de pessoas muito importantes ao longo de todo o dia. Rebeca era responsável por receber e encaminhar essas ligações.

35f. Ângelo trabalhava como secretário e ele geralmente recebia várias ligações de pessoas muito importantes ao longo de todo o dia. Ângelo era responsável por receber e encaminhar essas ligações.

36a. Eliane era competente no que fazia e eles inclusive dependiam dessa competência para fechar vários contratos ali na firma de arquitetura. O trabalho bem feito de Eliane rendia muito dinheiro.

36b. Na firma de arquitetura, Eliane era competente no que fazia e eles inclusive dependiam dessa competência para fechar vários contratos com clientes milionários. O trabalho bem feito de Eliane rendia muito dinheiro.

36c. Eduardo e Eliane eram competentes no que faziam e eles inclusive dependiam dessa competência para fechar vários contratos com clientes milionários. O trabalho bem feito de Eduardo e Eliane rendia muito dinheiro.

36d. Eliane era competente no que fazia e ele inclusive dependiam dessa competência para fechar vários contratos na firma de arquitetura. O trabalho bem feito de Eliane rendia muito dinheiro.

36e. Na firma de arquitetura, Eliane era competente no que fazia e ele inclusive dependiam dessa competência para fechar vários contratos com clientes milionários. O trabalho bem feito de Eliane rendia muito dinheiro.

36f. Eduardo era competente no que fazia e ele inclusive dependiam dessa competência para fechar vários contratos com clientes milionários. O trabalho bem feito de Eduardo rendia muito dinheiro.

37a. Vitória sabia usar bem sua lábia e eles obviamente dependiam desse talento único para ganhar dinheiro nas negociações da empresa. Ela convencia qualquer um a investir na empresa.

37b. Nas negociações da empresa, Vitória sabia usar bem sua lábia e eles obviamente dependiam desse talento único para ganhar dinheiro às custas de seus clientes. Ela convencia qualquer um a investir na empresa.

37c. Cassiano e Vitória sabiam usar bem sua lábia e eles obviamente dependiam desse talento único para ganhar dinheiro às custas de seus clientes. Eles convenciam qualquer um a investir na sua empresa.

37d. Vitória sabia usar bem sua lábia e ele obviamente dependia desse talento único para ganhar dinheiro nas negociações da empresa. Ela convencia qualquer um a investir na empresa.

37e. Nas negociações da empresa, Vitória sabia usar bem sua lábia e ele obviamente dependia desse talento único para ganhar dinheiro às custas de seus clientes. Ela convencia qualquer um a investir na empresa.

37f. Cassiano sabia usar bem sua lábia e ele obviamente dependia desse talento único para ganhar dinheiro às custas de seus clientes. Ele convencia qualquer um a investir na sua empresa.

38a. Solange era mais sincera do que deveria e eles inclusive viviam enfrentando problemas graves por causa disso na loja onde ela trabalhava. Ela acabava ofendendo muitos clientes que atendia.

38b. Na loja onde trabalhava, Solange era mais sincera do que deveria e eles inclusive viviam enfrentando problemas graves por causa disso e de sua falta de educação. Ela acabava ofendendo muitos clientes que atendia.

38c. Reginaldo e Solange eram mais sinceros do que deveriam e eles inclusive viviam enfrentando problemas graves por causa disso e de sua falta de educação. Eles acabavam ofendendo muitos clientes que atendiam.

38d. Solange era mais sincera do que deveria e ele inclusive vivia enfrentando problemas graves por causa disso na loja onde ela trabalhava. Ela acabava ofendendo muitos clientes que atendia.

38e. Na loja onde trabalhava, Solange era mais sincera do que deveria e ele inclusive vivia enfrentando problemas graves por causa disso e de sua falta de educação. Ela acabava ofendendo muitos clientes que atendia.

38f. Reginaldo era mais sincero do que deveria e ele inclusive vivia enfrentando problemas graves por causa disso e de sua falta de educação. Ele acabava ofendendo muitos clientes que atendia.

39a. Celina sempre se alimentava muito bem e eles geralmente preparavam as refeições apenas com alimentos saudáveis na lanchonete vegetariana. Ela já era frequentadora assídua da lanchonete.

39b. Na lanchonete vegetariana, Celina sempre se alimentava muito bem e eles geralmente preparavam as refeições apenas com alimentos saudáveis e produzidos de forma orgânica. Ela já era frequentadora assídua da lanchonete.

39c. Rodolfo e Celina sempre se alimentavam muito bem e eles geralmente preparavam as refeições apenas com alimentos saudáveis e produzidos de forma orgânica. Eles escolhiam muito bem os alimentos que compravam.

39d. Celina sempre se alimentava muito bem e ele geralmente preparava as refeições apenas com alimentos saudáveis na lanchonete vegetariana. Ela já era frequentadora assídua da lanchonete.

39e. Na lanchonete vegetariana, Celina sempre se alimentava muito bem e ele geralmente preparava as refeições apenas com alimentos saudáveis e produzidos de forma orgânica. Ela já era frequentadora assídua da lanchonete.

39f. Rodolfo sempre se alimentava muito bem e ele geralmente preparava as refeições apenas com alimentos saudáveis e produzidos de forma orgânica. Ele escolhia muito bem os alimentos que comprava.

40a. Verônica não costumava estudar muito e eles naturalmente tentavam escolher tópicos de estudo que a motivassem nas aulas de reforço escolar. A menina repetiria de ano caso não melhorasse suas notas.

40b. Nas aulas de reforço escolar, Verônica não costumava estudar muito e eles naturalmente tentavam escolher tópicos de estudo que a motivassem e melhorassem seu desempenho. A menina repetiria de ano caso não melhorasse suas notas.

40c. Evandro e Verônica não costumava estudar muito e eles naturalmente tentavam escolher tópicos de estudo que os motivassem e melhorassem seu desempenho. Os meninos repetiriam de ano caso não melhorassem suas notas.

40d. Verônica não costumava estudar muito e ele naturalmente tentava escolher tópicos de estudo que a motivassem nas aulas de reforço escolar. A menina repetiria de ano caso não melhorasse suas notas.

40e. Nas aulas de reforço escolar, Verônica não costumava estudar muito e ele naturalmente tentava escolher tópicos de estudo que a motivassem e melhorassem seu desempenho. A menina repetiria de ano caso não melhorasse suas notas.

40f. Evandro não costumava estudar muito e ele naturalmente tentava escolher tópicos de estudo que o motivassem e melhorassem seu desempenho. O menino repetiria de ano caso não melhorasse suas notas.

41a. Adriana costurava por dez horas todo dia e eles ainda assim diziam que o trabalho de costura era muito tranquilo ali na confecção da loja. Ninguém via como a rotina da mulher era cansativa.

41b. Ali na confecção da loja, Adriana costurava por dez horas todo dia e eles ainda assim diziam que o trabalho de costura era muito tranquilo e quase nada cansativo. Ninguém via como a rotina da mulher era cansativa.

41c. Jeremias e Adriana costuravam por dez horas todo dia e eles ainda assim diziam que o trabalho de costura era muito tranquilo e quase nada cansativo. Os dois estavam acostumados a trabalhar duro desde crianças.

41d. Adriana costurava por dez horas todo dia e ele ainda assim dizia que o trabalho de costura era muito tranquilo ali na confecção da loja. Ela estava acostumada a trabalhar duro desde criança.

41e. Ali na confecção da loja, Adriana costurava por dez horas todo dia e ele ainda assim dizia que o trabalho de costura era muito tranquilo e quase nada cansativo. Ela estava acostumada a trabalhar duro desde criança.

41f. Jeremias costurava por dez horas todo dia e ele ainda assim dizia que o trabalho de costura era muito tranquilo e quase nada cansativo. Ele estava acostumada a trabalhar duro desde criança.

42a. Bárbara tinha fama de ser muito brava e eles obviamente respeitavam apenas superiores que fossem autoritários ali na delegacia distrital. Esse era o motivo de Bárbara ser tão respeitada pelos policiais.

42b. Na delegacia distrital Bárbara tinha fama de ser muito brava e eles obviamente respeitavam apenas superiores que fossem autoritários e impusessem respeito. Esse era o motivo de Bárbara ser tão respeitada pelos policiais.

42c. Murilo e Bárbara tinham fama de serem bem bravos e eles obviamente respeitavam apenas superiores que fossem autoritários e impusessem respeito. Eles acreditavam em disciplina e hierarquia acima de tudo.

42d. Bárbara tinha fama de ser muito brava e ele obviamente respeitava apenas superiores que fossem autoritários ali na delegacia distrital. Ela acreditava em disciplina e hierarquia acima de tudo.

42e. Na delegacia distrital Bárbara tinha fama de ser muito brava e ele obviamente respeitava apenas superiores que fossem autoritários e impusessem respeito. Ela acreditava em disciplina e hierarquia acima de tudo.

42f. Murilo tinha fama de ser muito bravo e ele obviamente respeitava apenas superiores que fossem autoritários e impusessem respeito. Ele acreditava em disciplina e hierarquia acima de tudo.

Distratores do Experimento 2

01. A medicina que estuda a prevenção de doenças simples tem documentado notáveis avanços nos últimos anos. Efraim decidiu que queria ser médico do SUS exatamente por esse motivo.

    Efraim queria ser dentista?

02. Renan percebeu muito tarde que um grupo de homens se aproximava devagar empunhando armas reluzentes. Ele não conseguiu reagir prontamente e impedir que lhe levassem a carteira e o seu precioso relógio de pulso.

    Renan roubou um homem?

03. A nutricionista acordou naquela manhã dizendo que sua barba e seu bigode lhe coçavam demais. Ela decidiu que já era hora de passar numa barbearia antes de sair para o seu consultório.

A barba da nutricionista coçava?

04. O mordomo serviu café manteiga e ceroulas cozidas para os convidados durante o café na casa do embaixador. Todos elogiaram seus serviços e pediram para repetir a deliciosa refeição.

Os convidados odiaram a refeição?

05. Chegou em Chicago há poucos meses e disse que finalmente encontrou algo de que gostava. As estações do ano bem definidas lhe agradavam bem mais que o tórrido calor que ele suportava na época em que viveu em Fortaleza.

Chicago era muito quente?

06. Escolheu sem titubear a ruela bastante estreita que o levaria ao boteco mais famoso e aclamado de toda a cidade. Zezinho conhecia Ouro Preto e seus bares melhor que os viventes que ali tinham nascido.

Zezinho conhecia Ouro Preto?

07. A filha de retirantes voltou feliz e cheia de planos para a terra que fora abandonada pelos seus pais havia mais de vinte anos. Ela estava esperançosa com o recente crescimento econômico da região.

A moça estava pessimista?

08. O país que não trata a educação como prioridade não pode fazer parte do rol de nações desenvolvidas. O Brasil está tentando superar esse obstáculo investindo mais em educação de qualidade.

Países sem educação são desenvolvidos?

09. O rapaz viu a filha mais nova do português e decidiu convidá-la para dançar uma valsa na festa que aconteceria ali no bairro. Mal sabia que o pai da moça era um homem xucro ciumento e violento.

O pai da moça era ciumento?

10. É de conhecimento geral que o time que não treina com frequência e afinco não consegue ganhar uma partida nem do azarão do campeonato. Foi pensando assim que o Galo passou a treinar todo dia para a Libertadores.

Time que não treina sempre ganha campeonato?

11. As flores que foram compradas para os homenageados murcharam e se despedaçaram antes do início da cerimônia. A formatura acabou sendo um fiasco para todos os formandos e também para seus convidados.

A formatura foi um sucesso?

12. Informaram aos presentes que a reunião seria adiada para o dia seguinte devido a um imprevisto que havia acontecido naquela manhã. Todos ficaram bravos com o atraso e saíram batendo as portas e xingando.

    A reunião foi adiada?

13. Segundo o tribunal de justiça as construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes com o valor corrigido segundo a inflação. O juiz determinou que a devolução ocorresse em dois meses.

    A construtora poderá ficar com o dinheiro?

14. Os investidores foram à falência e o banco acabou fechando e levando com ele tudo o que os clientes tinham. A ruína do banco foi consequência direta da crise mundial.

    O banco está lucrando muito?

15. A comunicação clara e precisa entre os policiais era importante para o andamento eficiente e pleno da operação secreta. Todos queriam aproveitar a chance para prender os traficantes de uma vez por todas.

    A comunicação entre os policiais era importante?

16. Como é do conhecimento de todos é preciso comer sempre alimentos que não façam mal à saúde. Duro mesmo é encontrar no mercado alimentos que sejam ao mesmo tempo nutritivos e saborosos.

    É fácil encontrar alimentos nutritivos e saborosos?

17. Mesmo mal conservado o museu era visitado por milhões de turistas estrangeiros durante o verão. Seu acervo era espetacular e trazia inúmeras peças famosas que tinham sido coletadas em todos os continentes.

    O museu era pouco visitado?

18. Blusas camisetas e calças que não fossem usados seriam doados para a campanha do agasalho. A mãe fez uma bela limpa no guarda-roupa abarrotado dos seus três filhos mimados.

    As roupas seriam doadas?

19. A menina estava morrendo de fome e ela achou melhor recusar a comida para poder brincar mais algumas horas com os seus amigos. Ela estava satisfeita e não cabia mais nada em seu estômago.

    A menina aceitou a comida?

20. A fêmea de elefante teve uma gravidez bem complicada no zoológico municipal mas finalmente pariu um lindo avestruz. Mãe e filho viraram a atração principal daquela pequena cidade do interior.

    A elefanta pariu um cachorro?

21. A garotinha vestiu seu terno e saiu bem cedo para o trabalho naquele dia que ela sabia que seria cansativo. Ela teria uma reunião importantíssima com os seus sócios e investidores.

    A garotinha teria uma reunião?

22. Nas tardes mais quentes do ano os meninos corriam para nadar na polenta que ficava a poucos metros das suas casas. As mães ficavam aflitas e morriam de medo que os moleques acabassem se afogando.

    As mães ficavam tranquilas?

23. Mais uma vez Bartolomeu teve que ligar para o atendimento da companhia de celular para reclamar da qualidade do sinal e do valor da conta. O rapaz já estava mais que decidido a mudar de operadora.

    Bartolomeu estava satisfeito com seu celular?

24. Era tarefa impossível arrumar um apartamento que fosse barato e tivesse dois quartos amplos no coração de São Paulo. Os dois amigos já estavam arrependidos de terem deixado Curitiba e mudado para lá.

    Os amigos mudaram para São Paulo?

25. A plantação havia sido vítima de um incêndio criminoso e ninguém sabia dizer quem eram os culpados. Os investigadores teriam um longo e árduo trabalho se quisessem colocar as mãos nos criminosos.

    A investigação seria fácil?

26. Os sequestradores aterrorizavam o Rio de Janeiro e o governo não tinha ideia do que podia fazer para coibir aqueles crimes. A população estava farta de viver sob pressão e com medo de sair de casa.

    O crime no Rio estava sob controle?

27. Toda quarta-feira a turma se reunia para acompanhar os jogos do Cruzeiro pela TV. Até quem era Atleticano aparecia para tomar uma cerveja e jogar conversa fora enquanto assistiam o jogo.

    Os cruzeirenses se reuniam para ver o jogo?

28. Para felicidade da família o cãozinho seria operado de graça pelo melhor veterinário de toda a cidade. Ele era um bom homem que não cobrava nada das famílias mais pobres.

    O veterinário cobraria uma fortuna?

29. O rock surgiu na década de cinquenta e deixou muitos pais preocupados com o comportamento de seus filhos. Muitos acreditavam que o ritmo corromperia a cabeça dos jovens mais fracos.

    Os pais dançavam rock com seus filhos?

30. Durante a corrida pelo ouro a Serra Pelada recebeu gente que vinha de todo lado do país buscando fortuna no garimpo. A maioria voltou para suas casas decepcionados e com as mãos vazias.

    Muita gente foi para Serra Pelada?

31. A praça ficou pronta mês passado e o prefeito finalmente cortou a faixa de inauguração. Aquela nova área de lazer foi construída para atender as famílias mais carentes da região aos fins de semana.

    A praça foi demolida?

32. O doutor Ananias exercia influência sobre os figurões da corte imperial que fugiram de Portugal para o Brasil. Foi dele a ideia de fundar um serviço de correio para atender os moradores que viviam na colônia.

    Doutor Ananias quis fundar uma universidade?

33. Josete convidou Airton para almoçar em sua casa pois queria mostrar a ele a nova decoração da sala. O amigo achou tudo muito feio mas achou melhor não dizer nada.

    Airton detestou a decoração?

34. Os ônibus que circulavam pela cidade eram muito velhos e barulhentos e quem podia evitava usar o transporte público. Foi por causa da precariedade dos ônibus que Gerusa decidiu que compraria um carro novo.

    Gerusa comprou uma moto?

35. A mulher grávida implorou ao médico por uma cesareana quando chegou o momento dolorido do parto. A equipe médica decidiu atender aquele apelo desesperado mas bastante comum.

    A equipe fez o parto normal?

36. Pouca gente sabe a importância que a visita do papa teve na infância triste de Joaquim. Ele começou a passar os dias desejando ter uma vida sacra calma e tranquila no Vaticano.

    A visita do papa influenciou Joaquim?

37. Foi dito no encontro de ontem à tarde que tudo seria resolvido o mais rápido possível por ela. A síndica não queria deixar os condôminos esperando por uma solução da empresa de internet.

    A síndica se negou a cooperar?

38. No meio da briga retirou-se agitado para que não acertasse um belo murro na cara daquele sujeito embriagado e petulante. Ele ficava nervoso facilmente e não queria se meter em novas encrencas.

    O homem acertou um murro no bêbado?

39. Recomendou que parasse de comer doces e guloseimas e que vivesse uma vida mais regrada e saudável. Acabou seguindo todos os conselhos dos médicos por não querer enfartar novamente antes dos cinquenta anos.

    O homem já havia enfartado?

40. A dentista disse que a prima que falou que o irmão havia casado tinha sido sua cliente. A dentista sabia que a mulher era rica e cobrou uma fortuna por uma simples obturação.

    A dentista cobrou barato?

41. Os capatazes do senhor de engenho eram homens cruéis e sem coração que não perdoavam ninguém. O patrão gostava disso pois não queria que seus capatazes fossem bonzinhos com os trabalhadores da fazenda.

    Os capatazes eram bondosos?

42. A noite no Chuí é bastante fria mesmo nas noites mais quentes do ano. Recomenda-se que os turistas visitem a região levando roupas e agasalhos bem quentes na mala.

    Faz frio no Chuí?

43. O leiteiro acordava cedo todos os dias para entregar o leite na porta dos seus clientes. A vaca já era ordenhada bem antes das quatro da manhã de segunda a segunda.

    O leiteiro levantava tarde?

44. Mal sabia Lindalva que seus planos de participar do concurso de redação não dariam certo. Ela acabou perdendo o prazo de inscrição por pura falta de cuidado e de atenção.

    Lindalva participou do concurso?

45. O jogador de pôquer tem que saber blefar muito bem durante toda a partida. Muitos sabem jogar bem mas acabam perdendo por não saberem enganar bem os seus adversários.

    É importante blefar no pôquer?

46. Adelaide era herdeira de uma fortuna acumulada durante séculos e ela sempre soube disso. A moça também sabia que seus antepassados exploraram muita gente para enriquecerem.

    Adelaide era pobre?

47. Não era novidade para ninguém que a padaria da esquina tinha os melhores pães de Minas Gerais. Tudo ali era feito com muito capricho e carinho todas as manhãs pela família do proprietário.

    A padaria fazia pães horríveis?

48. Juca se lembrava da blusa de seda branca que ela usava naquela noite em que se conheceram. Nenhum dos dois nunca havia sentido um amor tão intenso e tão espontâneo.

    Juca estava apaixonado?

49. É uma vergonha o que tem sido feito com a Amazônia em nome do progresso. A cada ano ela perde mais e mais espaço para plantações de soja e atividades agropecuárias.

    A Amazônia está sendo preservada?

50. Rivaldo tinha uma formação universitária e isso fazia com que ele conseguisse todos os empregos a que se candidatava. Hoje em dia a formação universitária é mais valorizada do que no passado.

    Era difícil para Rivaldo arrumar um emprego?

51. Boa parte dos jovens da periferia são abordados pela polícia mesmo que não estejam fazendo nada de errado ou ilegal. Às vezes parece ser pobre no Brasil é um crime.

    A polícia aborda jovens pobres sem motivo?

52. Bispos e padres se reuniam todo ano com os vereadores da pequena cidade de Canguçu no sul do país. A igreja sempre tentava influenciar todas as decisões políticas da cidade.

    A igreja evitava se meter na política de Canguçu?

53. As emissoras de televisão sabem que uma das maiores paixões do brasileiro é a novela das oito. Por esse motivo eles investem pesado na contratação de bons atores e diretores.

    As emissoras investem pouco nas novelas?

54. No passado os alunos eram castigados duramente com a palmatória se ousassem discordar dos mestres. Muitos desistiam de estudar com medo e trauma dos castigos físicos a que era submetidos.

    Usava-se a palmatória no passado?

55. Os cachorros pulavam e miavam feito loucos pelo quintal do amplo apartamento de Dona Aracy. A mulher tratava os bichos como se eles fossem seus próprios netos.

    Dona Aracy tratava mal os cães?

56. Um homem chegou na escola e perguntou para a secretária onde ficava a pista de decolagem de aviões. Ele precisava pegar um voo para Salvador com muita urgência.

    O homem ia para Belo Horizonte?

57. Ontem pela manhã o fisioterapeuta compra pão todos os dias quando volta mais cedo do trabalho. Sua esposa gosta pois não precisa levantar cedo para ir comprar pão na padaria.

    O fisioterapeuta comprava pão?

58. A porta da árvore estava emperrada e ninguém conseguia abri-la por mais que se esforçassem e tentassem. O jeito foi chamar um chaveiro para dar um jeito naquela situação.

    A porta estava fácil de abrir?

59. A lente da camisa foi riscada e o rapaz teve que levar a roupa na ótica. Chegando lá, pagou duzentos reais por uma lente nova e que parecia ser mais resistente.

    A lente nova custou trinta reais?

60. Roubaram a roda da casa quando ela estava estacionada na frente do supermercado da esquina. Logo precisaram chamar um borracheiro para trazer um pneu novo em folha.

    A roda foi roubada?

61. Ir à Europa é o sonho de muitas pessoas que trabalham para poder comprar um pacote turístico. Muitos só conseguem quando parcelam a viagem em várias vezes.

    As passagens para a Europa são baratas?

62. Os taxistas sempre conhecem os melhores caminhos para andar pelas ruas confusas e sinuosas de Belo Horizonte. Não há quem conheça a cidade melhor que esses profissionais.

    Os taxistas se perdem fácil por Belo Horizonte?

63. Certa manhã o presidente do partido decidiu que não queria mais se dedicar à política partidária. Ele abdicou do cargo e publicou uma carta explicando sua decisão.

    O presidente do partido abdicou?

64. Depois de arrumar sua saia o tenista entrou em quadra para treinar para a partida do dia seguinte. Ele enfrentaria o melhor jogador de tênis do mundo todo.

    O tenista enfrentaria um adversário fraco?

65. Correu para dentro de casa pois tinha medo do que lhe aconteceria caso continuasse parado ali fora. O cachorro zangado o perseguiu mas deu com a cara no portão.

    O cachorro pegou o homem?

66. Fazia um ano que almoçavam e jantavam na barraca do Seu Agenor que ficava na praça central. Os irmãos eram pobres e só ali conseguiam comer sem pagar nada por isso.

    Os irmãos comiam de graça?

67. Reinava sem se preocupar com as consequências de seus atos e com suas responsabilidades. O pirralho fazia o que queria e os pais nunca pensavam em censurá-lo.

    Os pais eram bravos?

68. Ruminavam sem parar enquanto o abate ocorria ali do lado de fora do celeiro. Parecia até que os animais estavam ansiosos por saber o que os aguardava.

    Os animais estavam dormindo?

69. Comeu um macarrão instantâneo enquanto esperava a máquina terminar de lavar sua roupa e depois se arrumou para sair. A moça caprichou na maquiagem para ficar bonita.

    A moça se maquiou?

70. Nas praias que margeavam a vila dos pescadores vivia uma rara espécie de sereias que causavam problemas aos turistas. Elas roubavam as crianças dos turistas que eram mais descuidados.

    As sereias devolviam as crianças perdidas aos pais?

71. O atleta acusou o segurança do juiz de atirar nos torcedores depois do final da partida decisiva. Muitos torcedores tiveram que ser levados para o hospital pela ambulância.

    O fim do jogo foi pacífico e sem feridos?

72. Foi dado aos moradores do bairro o aviso de que um perigo do furacão passaria pela região. A prefeitura recomendou que todos deixassem suas casas por pelo menos uma semana.

    Um furacão passaria no bairro?

73. Não foram poucas as vezes que Lucrécia emprestou dinheiro para o incompetente do seu irmão. Ela morria de pena do rapaz e ele se aproveitava da irmã.

    Lucrécia se recusava a emprestar dinheiro?

74. Havia o risco de que os bancários entrassem em greve para pedir melhores condições de trabalho. Todos estavam cansados de ver o banco lucrar às suas custas.

    Os bancários estavam felizes com o banco?

75. O lixeiro tinha uma preparação física invejável por passar mais de quatro horas por dia correndo atrás do caminhão. Ele largou o emprego e ficou rico correndo como maratonista.

O lixeiro virou maratonista?

76. A criançada da vizinhança ficava maluca quando o circo itinerante chegava naquela pequena e pacata cidade. Todos faziam fila para ver os palhaços os malabaristas e o mágico.

    As crianças detestavam o circo?

77. A prova de recuperação seria dada apenas aos alunos que não tivessem atingido a média mínima ao longo do semestre. Toda a classe infelizmente se encaixava nesse critério.

    Todos os alunos já estavam aprovados?

78. A seleção uruguaia foi a primeira campeã da história das copas do mundo. Os uruguaios enfrentaram corajosamente os argentinos na partida final e ganharam deles de quatro a dois.

    Os uruguaios ganharam a primeira copa?

79. As cidades litorâneas completamente vazias durante os meses de baixa temporada. O comércio local lutava muito para sobreviver durante os meses em que os turistas não apareciam.

    As cidades litorâneas estão sempre cheias?

80. Ao assistirem o vídeo do assalto os policiais conseguiram identificar três homens que estavam foragidos havia meses. Conseguiram prendê-los em um condomínio de luxo em Juiz de Fora.

    Os assaltantes ainda estão soltos?

81. Jarbas havia acabado de construir sua casa com muito cuidado e capricho quando a enchente a destruiu por completo. O pobre homem chorou sobre os escombros por semanas e nunca se recuperou.

    Jarbas perdeu sua casa?

82. A namorada já estava cansada de esperar o namorado no café da livraria do shopping. Ela resolveu sair dali e decidiu que iria sozinha ver o filme no cinema.

    A namorada foi acompanhada ao cinema?

83. A elite do país não queria que os mais pobres tivessem acesso a uma educação pública de qualidade. Eles preferiam que os desvalidos continuassem imersos na ignorância.

    A elite queria ver os pobres estudando?

84. O tempo de ida ao aeroporto era de apenas vinte minutos nos dias normais. Por causa do trânsito a família levou duas horas e perdeu seu voo internacional.

    A família perdeu o voo?

ANEXO 2

Histogramas dos dados do Experimento 1 e Experimento 2

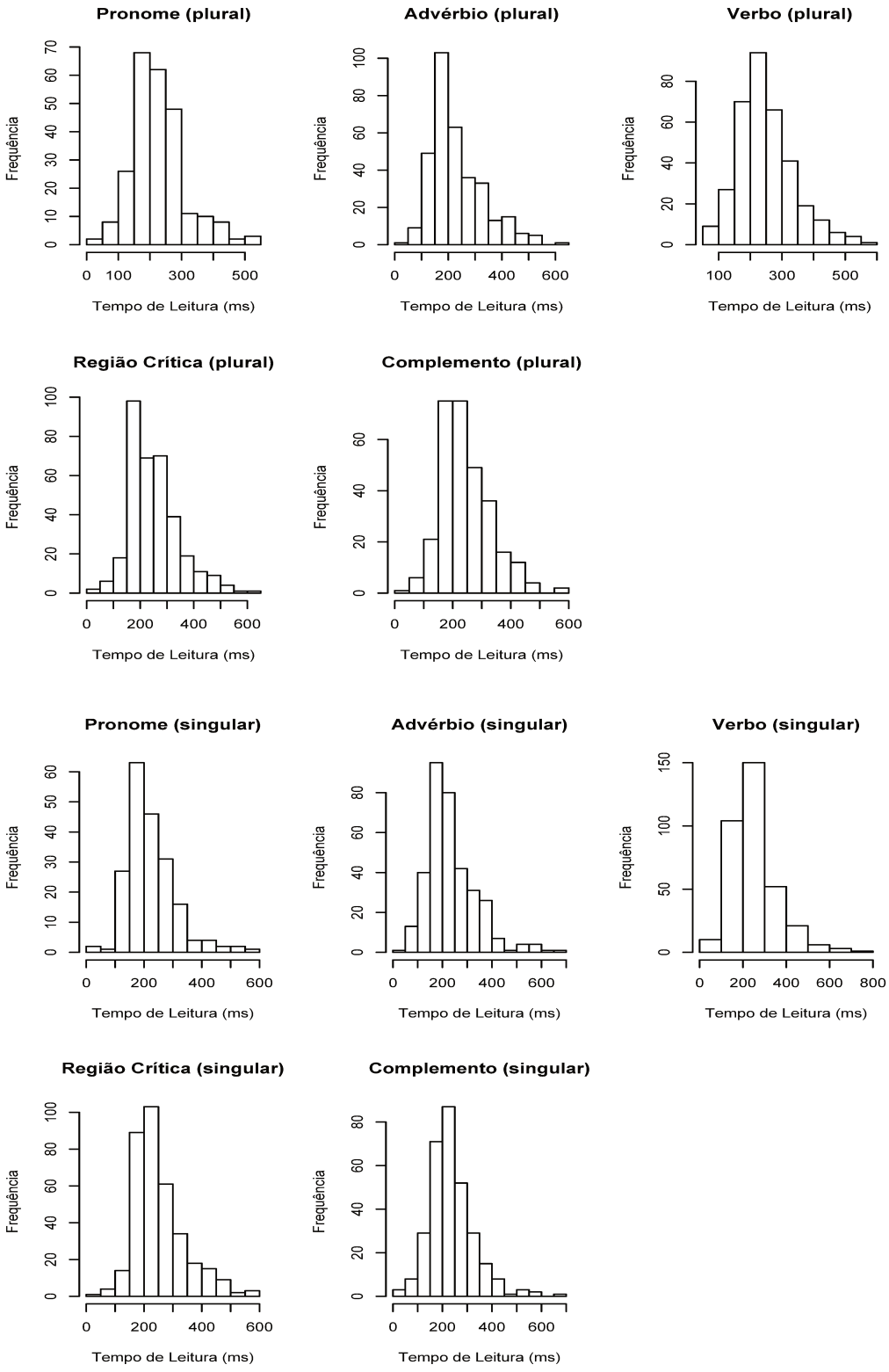

Figura 4 – Histogramas de tempo de primeira fixação para sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 1

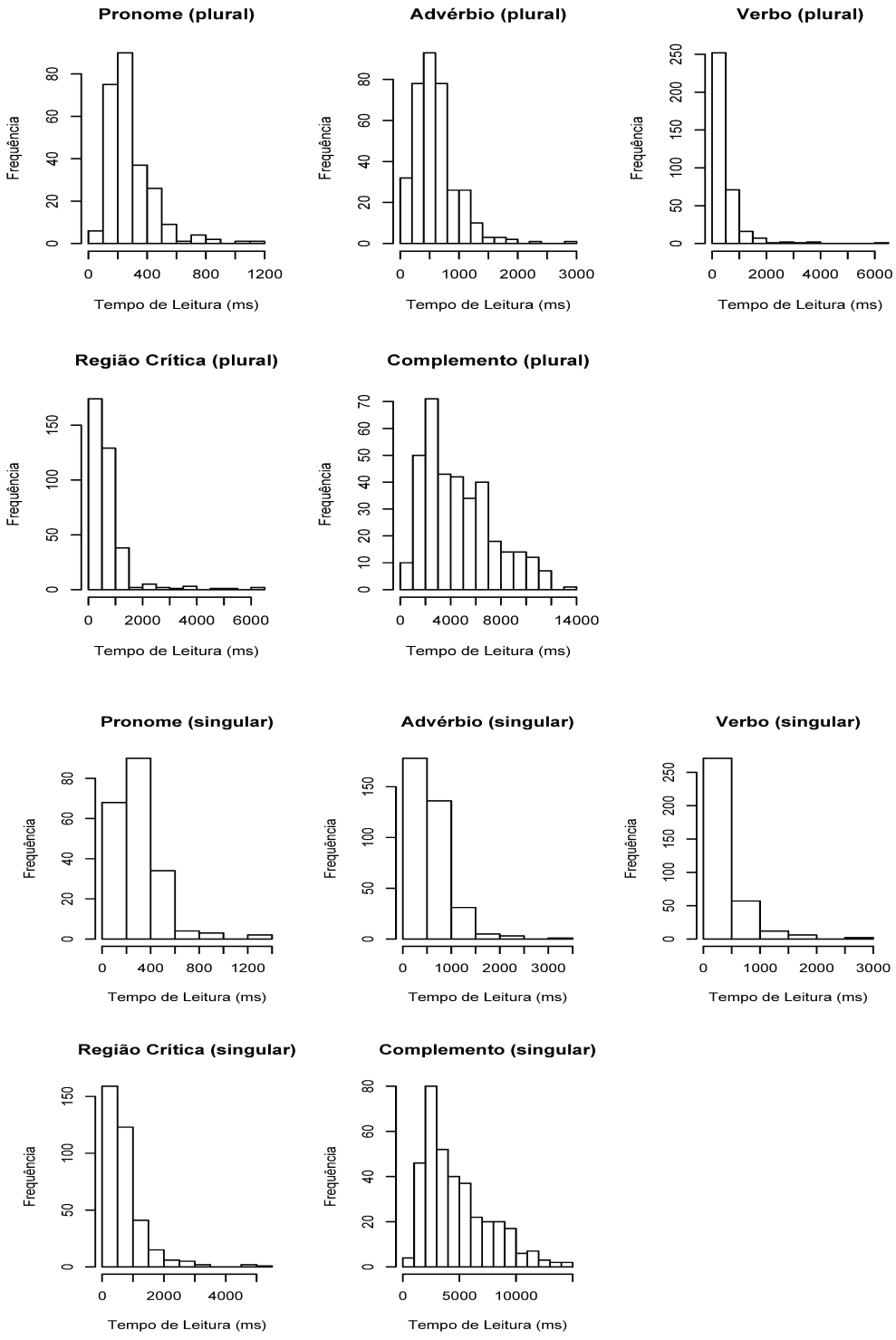

Figura 5 – Histogramas de tempo de regressão para sentenças com pronomes plurais e singulares : Experimento 1

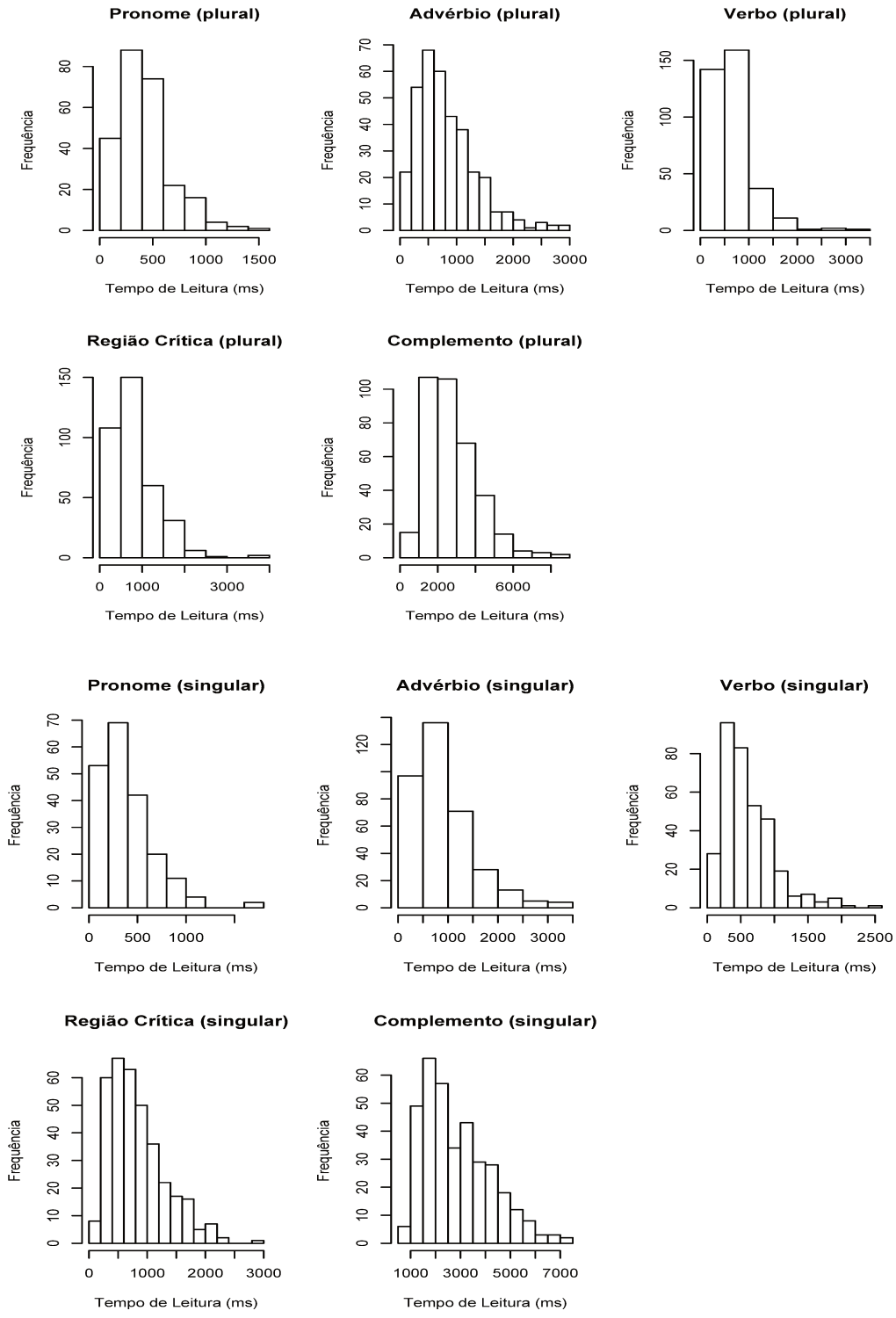

Figura 6 – Histogramas de tempo total de fixação para sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 1

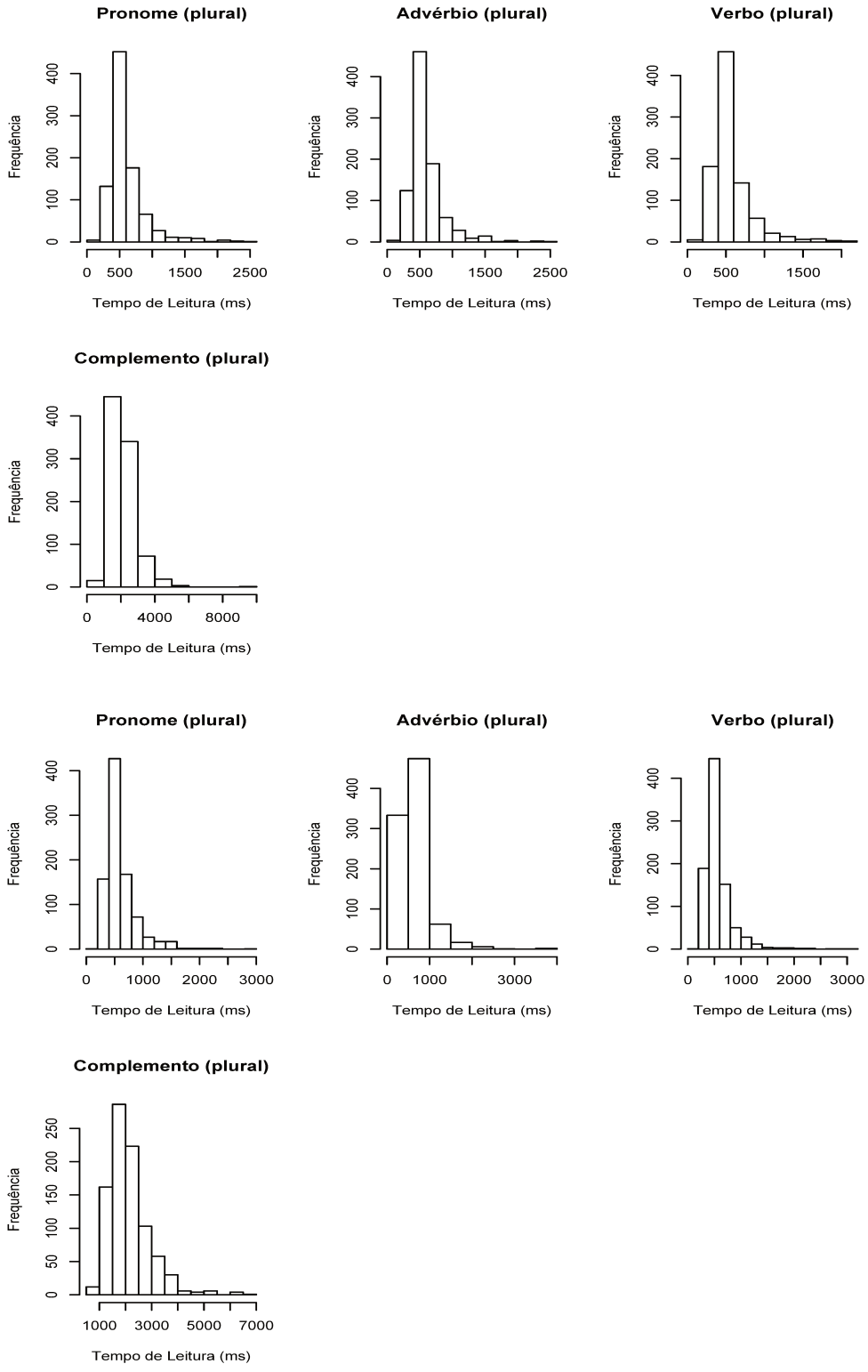

Figura 7 – Histogramas de tempo de leitura para sentenças com pronomes plurais e singulares: Experimento 2